

Caroline Andrews



*Apenas
diga sim*

Apenas diga sim

Caroline Andrews

Traduzido por Juliano Timbó Martins

“Apenas diga sim”

Escrito por Caroline Andrews

Copyright © 2015 Caroline Andrews

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Juliano Timbó Martins

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

Capítulo Um

“Eu tenho uma oferta aqui que você não vai poder recusar.”

Ava McKenna sorriu ao som do tom entusiasmado da sua corretora. Não era que a propriedade em questão estivesse no mercado há muito tempo. Só fazia duas semanas que ela tinha colocado à venda o lar onde passou a infância. Então aquilo significava que a oferta devia estar perto do valor pretendido. Ela tentou exibir o mesmo entusiasmo que ouviu na voz da corretora, mas não foi fácil. Mesmo que, desde a morte da sua mãe, há dez anos, ela não tivesse visitado a casa onde tinha crescido, a decisão de vendê-la não tinha sido fácil. Sozinha no mundo, a casa era tudo que ainda ligava Ava à sua infância. As outras pessoas tinham tias e tios, primos e suas próprias famílias. Ela só tinha uma casa.

“Ava? Está me escutando?”

“Sim, estou aqui.” Ava estacionou na vaga reservada na frente do seu escritório e desligou o motor do conversível. “Você tem toda a minha atenção.”

“Ótimo. Então, tenho uma oferta em dinheiro para o valor pretendido total. E, como nós duas sabemos, você definiu o valor pretendido bem acima do valor das vendas comparáveis para a vizinhança, então deveríamos estar satisfeitas.”

Satisfeitas? Ava se mexeu no banco. Não, ela não estava satisfeita. Nem aliviada. Nem feliz. Ela deveria estar, é claro, mas não estava. “Será que posso pensar um pouco no assunto, Jessie?”

Um silêncio incômodo ficou no ar por um longo momento antes de a corretora de Ava falar. “É claro, é você quem decide, não eu. Mas tem outra coisa.”

“Pode falar.” Ava colocou as chaves do carro na bolsa. Num movimento que lhe era bastante familiar, ela saiu do carro segurando a bolsa, a pasta e o copo de café. Ela saboreou a brisa fria da manhã enquanto ia para o escritório, feliz por ele ter uma janela que ela podia abrir para desfrutar da perfeita manhã de primavera do Arizona. “Por acaso os compradores têm uma enorme lista sem fim com as modificações que querem que eu faça? Por que vou logo lhe dizer de antemão que não estou nem um pouco interessada em fazer mais do que o necessário só para agradar um potencial comprador detalhista.”

“Não, Ava, não é nada disso. O comprador gostaria de se encontrar com você pessoalmente para discutir a oferta.”

Esquisito. Ava abriu o escritório e apertou no interruptor de luz com o cotovelo. Felizmente ela tem Bluetooth. “Mãos livres” era a sua expressão favorita. Ela colocou tudo em cima da mesa. “Não sei, Jessie. Pra que isso?”

A corretora respondeu sem titubear. “Que mal faria?”

“Você não assiste ao noticiário?” Ava ligou o computador e o monitor. “Uma mulher se encontrando com um homem estranho em uma propriedade vazia poderia se dar muito mal.” Ela foi até o corredor para preparar uma jarra de café. Ela sempre era a primeira a chegar e gostava de ter um café javanês fresquinho pronto para quando a sua equipe chegasse. Ava ligou a cafeteira.

“Bem, essa é a parte esquisita”, disse Jessie. “Ele disse que não é um estranho. Ele disse que conhece você há muito tempo e quer encontrá-la no Papagayos para um jantar.”

As sobrancelhas ligeiramente arqueadas de Ava se levantaram. Não é um estranho? Ela não deveria nem perguntar. Deveria simplesmente deixar pra lá. Mas a curiosidade falou mais alto. “Qual é o nome do comprador?”

Jessie respondeu com uma tosse delicada e um momento de silêncio antes de finalmente falar. “Ele me pediu para não revelar isso. Acho que ele quer lhe fazer uma surpresa.”

“Bem, já estou surpresa”, disse Ava, tão surpresa que as suas mãos tremiam enquanto ela adicionava os sachês de açúcar à jarra quase vazia na cafeteira. “Eu não conheço ninguém da antiga vizinhança.” O que não era exatamente verdade, mas ela não queria pensar no passado. Ela tinha esquecido tudo há anos.

“Então, isso é um sim ou um não?”, perguntou Jessie.

Ava fez uma pausa. A parte racional do cérebro dela, a parte que ela usava noventa e nove por cento do tempo, lhe disse para recusar a oferta ali mesmo. Ela não precisava vender a casa imediatamente. O mercado ia bem o suficiente e ela não precisava do dinheiro. Mas aquele um por cento emocional oscilante a incitou. Concorde em se encontrar com o homem misterioso – ela era persuadida –, se não for por nenhum outro motivo, então que seja para enterrar de uma vez por todas o passado. Prove que você pode voltar, que o passado não tem domínio sobre você. Ela suspirou.

Jessie se agarrou à indecisão dela. “Então isso é um sim? Posso ligar para o corretor dele e confirmar que você estará lá?”

Ava precisava de tempo para pensar. “Vou falar com você ainda hoje, mais tarde, prometo”, disse ela, esquivando-se sutilmente de uma confirmação direta. “Agradeço todo o seu trabalho duro nesse assunto, Jessie.”

“É o meu trabalho e fico feliz em fazê-lo. Mas, Ava, acho que você realmente precisa pensar por que deseja tanto vender a casa quanto ficar com ela. É uma coisa ou outra, não dá para fazer as duas.”

É claro que ela também sabia disso, mas não conseguia explicar os seus complicados sentimentos para a corretora quando nem ela mesma os compreendia.

Ava passou o resto da manhã em uma reunião com a equipe. Ela adorava o seu trabalho como arrecadadora profissional, e era boa nisso. Dedicar o seu tempo, talento e energia a causas pelas quais ela se importava resultava em uma quantidade significativa de dólares sendo arrecadados. Ela tinha transformado a sua carreira na sua própria vida e sabia que isso não era necessariamente uma coisa boa. Mas se ela parasse de passar todo o tempo em que estava acordada trabalhando para os seus clientes e os projetos deles, o que ela iria fazer para preencher o tempo? Ela não conseguiria enfrentar esse enorme vazio.

Depois da reunião, Ava ainda pegou outra xícara de café e se enfiou no seu escritório. Entre chamadas e e-mails para os seus clientes atuais e potenciais, a sua mente continuava a rodopiar com as perguntas sobre a oferta para a sua casa e a oferta adicional de jantar com um homem misterioso do seu passado.

O seu passado. Não havia grandes monstros aterrorizantes no passado de Ava, tampouco nenhum evento traumático digno de nota. Apenas um monte de solidão como filha única, juntamente com uma quantidade excessiva de culpa por observar a sua mãe solteira trabalhar como uma condenada para colocar um teto sobre as suas cabeças. Se não tivesse sido pela generosidade dos seus vizinhos, especialmente a família Ortega, Ava não sabia se a sua mãe teria conseguido manter a casa. De alguma forma, quando o orçamento mingüado dos McKenna não conseguia chegar até o fim do mês, um pouco do que sobrava dos Ortega dava um jeito de chegar até a mesa dos McKenna. O guarda-roupa de Ava sempre esteve cheio com as roupas de moda doadas dos guarda-roupas das filhas mais velhas dos Ortega. Igualmente milagroso, quando algo quebrava na casa dos McKenna, um dos Ortega sabia exatamente como consertar.

Era como ter como vizinhos uma família inteira de padrinhos mágicos. Eles eram os melhores amigos que alguém poderia ter. Ava mordeu o lábio. Ela não estava sendo honesta o suficiente. Os Ortega eram mais do que isso. Eles eram a família à qual ela sempre quis pertencer.

E então, assim que Ava entrou no último ano do ensino médio, sua mãe foi diagnosticada com câncer de ovário em estágio avançado. Trina McKenna ficou fraca e se desvaneceu tão rapidamente quanto a

névoa da manhã. A primeira surpresa tinha sido como a saúde da sua mãe tinha se deteriorado tão depressa. A segunda surpresa tinha sido que a sua mãe tinha uma apólice de seguro de vida que proveria para a filha melhor durante a morte do que ela tinha sido capaz enquanto era viva. Em choque por ter perdido a mãe e, repentinamente, ter dinheiro o suficiente para frequentar qualquer faculdade que quisesse, Ava deixou a vizinhança de classe trabalhadora na zona sul de Phoenix e nunca mais voltou.

Ava apoiou os cotovelos na mesa e enterrou a cabeça nas mãos. Ela não queria se lembrar de nada disso. Todas as suas lembranças estavam trancadas de forma segura no passado, deixadas onde não podiam mais feri-la. Quando criança, ela não sabia como ignorar a solidão, mas agora era mestre nisso.

O telefone dela tocou e ela o pegou, já sabendo que era a corretora. O nome que apareceu na tela confirmou a sua suspeita.

“Então, qual é a resposta?”, perguntou Jessie. “Já se decidiu?”

“Eu vou fazer isso”, Ava ouviu a própria voz. Ela precisava quebrar o vínculo com o passado. Ela tinha tomado a decisão de vender a casa de uma vez por todas, e esta era parte integrante da sua decisão. Ela iria até o fim. “Eu vou ao Papagayos depois do trabalho. Você sabe para que horas está marcada essa reunião?”

“Seis e meia. Quer que eu vá com você?”, perguntou Jessie. “Como um reforço, para caso o comprador não seja alguém que você conhece ou caso ele seja alguém que você não quer conhecer?”

Ava não hesitou. “Não, Jessie, obrigada. Eu cuido disso. Essa pessoa disse quem eu deveria procurar?”

“Ele disse que vai reconhecê-la.”

Ava sentiu um friozinho na barriga. Ela olhou o relógio. Faltavam quarto horas.

**

Mateo Ortega olhou o relógio do escritório. Já eram quase três horas e o último sinal logo tocaria. Ele fechou o arquivo no qual estava trabalhando e desligou o monitor. Enquanto estivera trabalhando em uma aplicação de ajuda financeira, tinha dobrado as mangas e afrouxado a gravata, mas ele nunca gostava que as crianças o vissem parecendo casual demais. Seu papel como exemplo a ser seguido importava bastante para ele, assim como toda e qualquer criança na sua escola. Cada uma das duzentas e quarenta e nove.

Ele entrou no corredor assim que o último sinal do dia tocou. Como acontecia todos os dias naquela hora, as portas foram abertas e os alunos começaram a sair aos montes pelo corredor. A altura do sinal aumentava e alguns pezinhos se esqueciam da ordem de não correr ao longo do caminho, em ondas, até os ônibus que os esperavam. A presença dele deveria servir como um singelo lembrete para irem mais devagar, e ele esperava que isso lhes mostrasse o quanto ele se importava.

Ele acenava em resposta a todo e qualquer “Oi, senhor Ortega” e “Tchau, senhor Ortega.” Suas próprias lembranças do seu diretor do ensino fundamental eram as de um homem carrancudo que ficava atrás de uma mesa e não tinha nenhum relacionamento com os alunos. Mateo fez tudo que pôde para ser diferente.

Quando os ônibus saíram e as últimas crianças foram buscadas pelos pais ou foram para o programa extraescolar, ele voltou para o seu escritório.

“Tem uma mensagem de telefone para você, Mateo.” A secretária dele lhe entregou um pedaço de papel.

Ele deu uma olhada e viu que tinha acabado de perder uma chamada da sua tia. De volta ao escritório, ele tirou o paletó e discou o número dela.

“Oi, tia Sylvia!”, disse ele quando a tia atendeu. “Acabei de receber a sua mensagem. O Abuelo está bem?”

“Ele está confortável, Mateo.”

Confortável era o código para “suportando a dor” que o câncer de estômago causava ao seu avô. Mateo respirou fundo e, em seguida, soltou o ar. Ele era um homem maduro que já tinha conhecido o sentimento de perda antes, mas só em pensar em perder o seu querido avô lhe causava uma dor no coração. “O que posso fazer para ajudar, tia?”

“Você é um garoto tão gentil por perguntar, Mateo.”

As palavras da tia o fizeram sorrir. Já fazia anos que ele não era mais um garoto, e todas as crianças da escola certamente achavam que ele era um velho. Mas para crianças pequenas, 35 anos é tão velho quanto a pré-história. “A senhora sabe que se precisar de qualquer coisa, é só dizer.” Mateo olhou o relógio. De novo. De repente, ele se sentiu como um adolescente, contando os minutos até um encontro marcado. “Como o Abuelo está se sentindo?”

“Ele está tendo um dia bom”, respondeu ela.

Mateo sabia que havia mais alguma coisa. Ele reconheceu o tom de preocupação na voz da tia. O patriarca tão querido da família já estava doente há meses. Várias semanas atrás, ele tinha informado aos médicos que não queria mais continuar com os tratamentos de quimioterapia. Toda a família Ortega sabia que a única coisa que podiam fazer era que os últimos dias da vida dele fossem tão confortáveis e felizes quanto fosse possível. Isso era algo mais fácil de se falar do que de se fazer, considerando que todos estavam enfrentando as suas próprias aflições diante da perda iminente. “Que bom! Fico feliz em ouvir isso. Diga-me como a senhora está lidando com tudo isso?”

“Estou bem, só que estou um pouco confusa com algo que ouvi.” Houve uma breve hesitação antes de a tia continuar falando. “Mateo, eu não sei se é um efeito colateral da medicação ou com o que isso está relacionado, mas o papai claramente insistiu hoje que você lhe disse que está noivo. Eu tentei lhe dizer que ele deve ter entendido errado, mas ele insistiu que você mesmo lhe disse isso. O que você acha que está acontecendo?”

Mateo se sentou no canto da mesa. “Não são os remédios, tia. É verdade. Eu disse ao Abuelo que vou me casar.”

“Mas nós nem sabíamos que você estava namorando, Mateo.”

Ele suspirou. Ele não era perfeito, nem era o suprasumo da virtude, mas Mateo se considerava um homem honesto. Mas agora ele estava prestes a começar um curso intensivo de como decepcionar a própria família. Ele fechou os olhos e mergulhou de cabeça no seu primeiro crime verbal. “Vou pedi-la em casamento hoje à noite.”

A tia dele riu. “Sério? Que maravilha! Como você é malandro, Mateo, por ter escondido a sua amada de nós esse tempo todo.”

“É, eu sei”, admitiu ele, rapidamente. Ele era um malandro, mas as suas intenções eram as melhores possíveis. “Mas, tia Sylvia, por favor, não conte nada para ninguém por enquanto. Não até eu poder dizer a todos de uma só vez. Promete?”

“Eu só prometo se você deixar eu organizar uma enorme festa de noivado para vocês, senão, nada feito.”

“Parece ótimo!”, concordou ele, rapidamente. “Obrigado.” Ele olhou o relógio. “Sinto muito, mas tenho uma reunião rápida antes de ir embora hoje, então tenho que ir.”

“Tudo bem, querido, mas será que você pelo menos não poderia me dizer o nome da felizarda? Ou onde você vai pedi-la em casamento?”

Agora era a vez dele de rir. “E fazer trinta e cinco Ortegas aparecerem lá para assistir ao meu pedido? De jeito nenhum, tia. Apenas deseje-me boa sorte.”

Ele ia precisar disso.

Capítulo Dois

Ava estava se sentindo como uma garota de dezesseis anos nervosa, enquanto se vestia para a o jantar. Ela tinha ido para casa para tomar um banho e se trocar. Não que a sua roupa de trabalho, umas calças palazzo pretas e uma blusa branca sem mangas, não fosse boa o suficiente para o Papagayos. De fato, era. Mas se o homem que a tinha convidado para jantar para discutir a compra da casa fosse quem ela pensava que era, ela queria estar com um visual impecável. Em vão? Ava sabia que sim. Mas ela não via Mateo Ortega há mais de doze anos e não queria estar diante dele como a garota insegura e indecisa que costumava ser.

Ela observou as roupas espalhadas em cima da cama. Tinha que ter algo decente ali. A renda dela era regular e, apesar de ela não gastar demais com roupas, ela investia em um guarda-roupa que projetasse uma qualidade superior, confiança e a imagem de sucesso que ela desejava expressar. Ela se sentou no canto da cama e mordeu o lábio. O que ela desejava expressar esta noite? Certamente não era o seu nervosismo. E ela estava nervosa em ir ver Mateo de novo, depois de tanto tempo.

Ela fechou os olhos e lembranças rápidas começaram a fluir na sua mente. Ela conseguia se ver sentada na varanda na frente da casa da sua mãe, com os joelhos dobrados junto ao corpo, enquanto olhava os meninos dos Ortega lá fora, no jardim dos avós, jogando futebol. Ela sempre tinha um livro nas mãos, mas, na verdade, nunca lia muita coisa. O livro servia para ela se esconder, caso algum dos meninos pensasse que ela estava olhando para eles. Mas mesmo quando eles percebiam, eles simplesmente sorriam e acenavam. Eles eram muito gentis.

E lindos, principalmente o Mateo. Seu cabelo escuro era quase preto, seus olhos tinham a mesma cor castanha que uma xícara de café quente, mas era o sorriso dele que fazia o coração dela disparar. O sorriso dele refletia tudo que ele era – gentil, divertido, animado e carinhoso.

Ava pegou uma blusa de seda azul turquesa com um bordado dourado ao redor do decote reto. Toda vez que ela a usava, recebia elogios de como combinava bem com os seus olhos. Ela também sabia que a cor favorecia o seu cabelo loiro. Ela colocou a blusa e foi até o closet para procurar uma saia que combinasse. Ela escolheu um par de sandálias douradas da prateleira do closet, feliz de ter ido à manicure e pedicure dois dias antes. Depois de mexer bastante no cabelo, decidiu usá-lo no estilo de trança francesa. Afinal de contas, isso não era um encontro. Deveria ser uma reunião sobre uma propriedade, e ela precisava agir de acordo com isso. Ela colocou o tablet na bolsa. Estava pronta para fazer negócios. E, mais uma vez, sentiu um friozinho na barriga.

**

Mateo chegou ao Papagayos vinte minutos antes da hora marcada para encontrar Ava. Ele tinha terminado a reunião, ido para a academia, ido para casa e se trocado, e ainda tinha tempo de sobra. Ele pediu uma cerveja e se sentou no bar, de onde podia ficar de olho na porta. Ele ficou pensando o quanto Ava teria mudado desde a última vez que a tinha visto. Será que ela se lembrava da última vez em que eles estiveram juntos da mesma forma que ele se lembrava? Ele ainda conseguia se lembrar daquela noite na porta da frente da casa da mãe dela, de como a lua estava brilhante, e de como Ava estava incrivelmente linda. Ele queria tê-la convidado para sair, mas ela estava nervosa e ele não queria assustá-la. Isso tinha

sido apenas algumas semanas depois de a mãe dela ter falecido. Ava estava de coração partido com esta perda, e ele sabia que ela precisava de mais tempo, então decidiu esperar até ela estar pronta.

E, depois, ela desapareceu. Não, não exatamente desapareceu. Ela tinha feito as malas e se mudado num fim de semana em que ele estava fora da cidade num torneio de futebol. Muitas tias dele imploraram para que ela não fosse tão apressada – e contaram isso para ele –, mas Ava estava decidida. Finalmente, despediram-se dela depois de ela ter prometido que voltaria para visitá-los. Mas ela nunca voltou.

“Outra cerveja?”, perguntou o barman, com sua voz invadindo os pensamentos de Mateo.

“Não, obrigado.” Ele empurrou a garrafa vazia. “Pode ser um copo d’água?”

O barman confirmou com a cabeça. “Claro.”

Mateo agradeceu acenando com a cabeça quando o copo de água gelada foi colocado na sua frente. Ele empurrou a água para o lado e colocou uma bala de menta na boca antes de olhar o relógio. Já tinham se passado dez minutos. Ele pegou a carteira e colocou uma nota de dez dólares no balcão. Ele também podia esperar na mesa, para caso Ava chegasse mais cedo.

A hostess não estava na recepção, então ele esperou na entrada. Papagayos era um restaurante mexicano familiar que servia pratos autênticos, que até a mãe dele tinha que admitir que eram deliciosos. O esquema de cores do interior era uma mistura de verde-papagaio e vermelho-pimentão com serapes coloridos nas paredes. Plantas verdes exuberantes se espalhavam pelo piso, e mesas com tampo de mosaico colorido com móveis pretos em ferro trabalhado ficavam ao redor de uma fonte interna. Mateo esperava que Ava fosse gostar da escolha do restaurante. Ele não conseguiu evitar dar um sorriso. Parecia que ele estava no seu primeiro encontro.

“Mateo?”, chamou a voz de uma mulher atrás dele.

Ele se virou. A mulher não era Ava. Ele levou um momento para reconhecê-la. Era apenas Jill. Ela tinha sido uma fonoaudióloga que trabalhou meio expediente na escola fundamental antes de ter o segundo filho e deixar o trabalho para ficar em casa e se dedicar aos filhos. “Oi, Jill, que bom revê-la.”

Jill deu um grande sorriso e o cumprimentou com um beijo no rosto, enquanto apoiava a mão no braço dele. “Oi. Como você está?”

Eles conversaram sobre os filhos dela e sobre as novidades do distrito escolar por alguns minutos. De repente, ele lembrou que um diretor de uma escola vizinha estava procurando por uma fonoaudióloga que trabalhasse meio expediente, e disse para ela. Quando ela disse que talvez estivesse interessada, ele pediu para ela que lhe enviasse suas informações de contato para que ele pudesse encaminhá-la. Mateo tentou não olhar para o relógio ou para a porta, mas ficou aliviado quando ela finalmente disse que precisava ir embora. Jill, por natureza, sempre tinha sido muito carinhosa com todos, então ele não ficou surpreso quando ela lhe deu um abraço ao se despedir. Mesmo que tivesse sido legal cruzar com uma ex-colega de trabalho, ele estava aliviado em vê-la partir. A mulher que ele realmente queria ver era Ava.

**

Depois de entrar no restaurante, Ava precisou de uns instantes para que os seus olhos se acostumassem com o interior ligeiramente escuro. Mas assim que a sua visão se acostumou, ela imediatamente reconheceu Mateo. Ela não podia dizer o mesmo da linda loira que estava com ele. Ela segurou a bolsa junto ao corpo e respirou firme e profundamente, feliz de que Mateo não a tivesse visto. Isso lhe deu o tempo necessário para se recompor, e lembrar que aquela era uma reunião de negócios. E se lembrou que seria tola em pensar que Mateo queria vê-la: Ava. Não, ele estava ali para ver a dona de uma propriedade residencial vazia. Nada menos. E, certamente, nada mais.

Depois que a porta se fechou atrás da sua companhia, Mateo se virou e olhou diretamente para ela. Ela sabia que ele a tinha reconhecido, ela sabia pelo jeito que os lábios dele se levantaram, num leve sorriso. Ele não se mexeu. Em vez disso, tirou um momento para olhar para ela; então ela fez o mesmo.

Ele era alto, tinha quase um metro e oitenta – o que era bem alto quando comparado ao um metro e sessenta dela. Ele tinha os ombros largos e estava em forma. Ele usava uma camisa branca de tecido Oxford, mangas dobradas e jeans tão pretos quanto as suas botas de caubói. Nossa, como ele era lindo!

“Esta é uma reunião de negócios, Ava!”, ela pensava consigo mesma. Assuma o controle da situação do mesmo jeito que faria em qualquer outro encontro profissional. Ela endireitou os ombros e caminhou na direção dele, erguendo a mão direita quando chegou até ele. “Senhor Ortega.”

Um sorriso forçado se abriu no rosto dele e ele deu uma risadinha suave. “Não faz tanto tempo assim, Ava. Pode me chamar de Mateo.”

Os joelhos dela fraquejaram, ela sentiu um nó na garganta, e seu coração começou a acelerar dentro do peito. Oh, que Deus a ajude, pois agora ela estava com problemas, já que o sorriso de Mateo era tão encantador quanto ela lembrava.

Ela acenou com a cabeça. “Mateo”, ela conseguiu dizer, aliviada de que a sua voz soasse quase normal. “Obrigada por ter chegado na hora marcada.” Agora sim, isso soava profissional. Soava estúpido, porém mais profissional do que as coisas traiçoeiras que a sua mente queria que ela dissesse. Felizmente o orgulho dela a salvou de mencionar a namorada dele que tinha acabado de sair. “Vamos nos sentar e conversar?”

Ele não respondeu à pergunta dela. “É incrível encontrá-la, Ava”, disse ele. Ele deu um passo para a frente, mas, rapidamente, ela deu um para trás, que não passou despercebido para ele. Ela o viu recuar um pouco e ficou instantaneamente aliviada e desapontada ao mesmo tempo.

A hostess se aproximou deles, com um sorriso de boas-vindas no rosto e menus enfiados debaixo do braço. “*Bienvenidos a Papagayos*. Vocês têm uma reserva?”

Mateo falou primeiro. “Sim, nós somos os Ortega.”

Os olhos de Ava se arregalaram, mas ela não disse nada enquanto seguia a hostess pelo restaurante até uma mesa mais reservada que ficava atrás de vários vasos com palmeiras altas. As plantas davam à mesa uma ligeira sensação de ambiente particular, o que era bom para o silêncio, mas quando Mateo puxou uma cadeira para ela, Ava se sentiu repentinamente vulnerável.

Quando pediram os drinques – um chá gelado para ela e uma cerveja para ele –, o silêncio se instalou. Ela não pôde deixar de perceber que Mateo parecia estar muito mais à vontade do que ela. Mas ele sempre parecia estar à vontade e confiante no seu jeito de ser, e esse era um dos principais motivos pelos quais ela o achava tão... tão o quê? Tão atraente? Tão desejável? Bem, sim, mas os sentimentos dela por Mateo naquela época tinham ido muito além do físico. Provavelmente era isso que a tinha assustado o suficiente para fazê-la se mudar da rua onde tinham crescido e a impulsionado a ir ganhar o mundo. Colocado de forma simples, ela sempre tinha se sentido como uma flor que não conseguia captar luz suficiente, e Mateo sempre pareceu ser o seu sol.

Ava levantou o olhar e encontrou o dele.

**

Mateo sorriu gentilmente. Ava estava nervosa. Ele podia perceber isso, assim como tinha percebido há tantos anos. Ela ainda tinha uma ligeira inquietude sobre si que trouxe a Mateo um fluxo de lembranças. Lembranças de quanto ele queria tê-la abraçado, para protegê-la e confortá-la com seus braços ao seu redor. Lembranças de quanta diversão eles tinham tido quando ela conseguia baixar a guarda. O sorriso dela e o som da sua risada sempre pareceram uma recompensa, quando ela lhe presenteava com eles. Ele percebeu que tinha que ir mais devagar para não a assustar.

“Como você está, Ava?” Ele observou um desfile de emoções cruzar o rosto dela. “Já faz bastante tempo.”

Ela balançou a cabeça, mas não respondeu. Parecia que ela queria dizer mais, mas era como se ela se detivesse, fechando intencionalmente a porta para o passado.

“A minha corretora me disse que você está interessado em comprar a propriedade na Avenida Miller”, disse ela.

A propriedade na Avenida Miller? Que forma estranha de se referir à casa da própria mãe. Ele concordou. “Estou.”

“Posso perguntar qual é a necessidade de nos encontrarmos? Eu tinha entendido que você ofereceu o valor pretendido total, então não sei bem o que ainda há para discutirmos.”

Mateo deu um longo gole na cerveja enquanto tentava decidir qual seria a melhor resposta para aquela pergunta. “Eu queria ver você.” Ele ficou tão surpreso ao ouvir as palavras saírem da sua boca quanto ela ficou em ouvi-las. Mas ele sabia que estava dizendo a verdade, ele só não tinha percebido o quanto queria vê-la até aquele momento. “Eu soube através da minha família que você recentemente colocou a casa à venda. Isso nos deixou surpresos. Nós sempre pensamos que você iria voltar.” Ele pegou uma batatinha e a mergulhou no molho antes de dar uma mordida. Ele estava tentando agir de forma casual, e deixá-la à vontade.

“Eu decidi que era hora de me desapegar”, disse Ava depois de um longo momento. “Eu preciso começar algo novo.”

Interessante. Ela tinha dito ‘preciso começar algo novo’ e não ‘comecei algo novo’. Ele abriu a boca para lhe perguntar por que agora, mas a garçonete apareceu na mesa deles para lhes apresentar os pratos especiais.

De início, Ava não queria comer, mas entre a garçonete e a insistência dele, ela finalmente concordou em pedir uma salada Tex-Mex. Ele pediu fajitas e depois, assumindo que Ava ainda não falasse espanhol, pediu à garçonete para demorar o máximo possível para trazer a comida para a mesa. Ela simplesmente sorriu e balançou a cabeça, provavelmente assumindo que eles, de fato, estavam em um primeiro encontro.

Mateo decidiu sair do assunto da oferta da casa e entrar em assuntos mais genéricos. Como Ava começou a parecer mais à vontade, ele lhe disse que era diretor em uma escola fundamental. Ela deu uma gargalhada.

“É, engraçado, né?”, sorriu ele forçadamente. “Você se lembra de todas as vezes que fui mandado para casa da escola?” Ele era mais velho e sempre esteve vários anos na frente de Ava, mas os Ortega tinham poucos segredos e ele sabia que os seus primos mais novos tinham gostado de compartilhar algumas das desventuras dele.

“Ah, sempre me lembro.” Ela se inclinou para a frente e colocou os cotovelos na mesa, completamente absorta na conversa. “Então o que foi que o levou a se comprometer a uma vida inteira dentro de uma escola?”

Ele lhe devolveu o sorriso. Ela estava ficando cada vez mais relaxada e, tanto quanto ele podia perceber, estava começando a se divertir. Este pensamento o agradou. “A minha avó pensou que fosse a carreira perfeita para mim. E, você sabe, Ava, depois que eu parei de rir da ideia e comecei a pensar sério nela, percebi que ela tinha razão. Eu adorava a ideia de estar cercado de crianças e influenciá-las positivamente na sua formação. Então eu me tornei professor e continuei na vida acadêmica para conseguir o meu mestrado em educação. Agora estou trabalhando no meu doutorado, em tempo parcial.”

Ava empurrou a salada e colocou o guardanapo de lado. “Como estão os seus avós?”

Ah, ele imaginava quando, ou se, ela iria perguntar sobre a família dele. Era um progresso que ela tivesse trazido o assunto da família dele à tona antes que ele o fizesse. “Nós perdemos a Abuela há quase três anos.”

“Ah, Mateo, sinto muito.” Ava se aproximou e tocou na mão dele. “E como está o seu avô?”

Mateo segurou a respiração. Ela tinha lhe dado a deixa perfeita, e se ele quisesse ir em frente com todo esse plano maluco, era agora ou nunca. A imagem do rosto satisfeito do seu avô quando Mateo lhe contou que estava noivo apareceu na sua mente. Ele conseguiria fazer isso. Ele faria isso pelo seu avô. “Fico feliz que tenha perguntado, Ava, porque esse é o motivo pelo qual eu queria falar com você. Eu preciso da sua ajuda.”

Capítulo Três

Ava questionou a própria sanidade ao longo de toda a noite e até a manhã seguinte. Ela tinha passado uma noite agitada, se mexendo e se revirando, lembrando a noite com Mateo, vez após outra, na sua cabeça. Vê-lo novamente depois de uma década tinha sido surpreendente. Ele tinha crescido, e ela também. Mesmo assim, de outra forma, de uma forma mais fundamental, eles eram basicamente os mesmos de antes. Deus sabia que a química era a mesma. Pelo menos por parte dela. Mateo Ortega, cada centímetro sexy dele, fazia os joelhos dela fraquejarem. Seu sorriso caloroso e seu jeito charmoso aparentemente também faziam a mente dela fraquejar, pois ela tinha concordado em se encontrar com ele na casa da Avenida Miller, como seu primeiro compromisso da manhã. Mas ele queria mais que apenas visitar a propriedade. Ele tinha informado a ela sobre isso.

Ele tinha uma proposta para ela, como ele disse. Mas isso foi tudo que ele revelou, recusando-se em dizer mais até ela concordar em se encontrar com ele de novo.

Bem, já era de manhã e ela estava a caminho para ver a propriedade e ouvir a proposta dele. Será que Mateo queria fazer uma compra financiada em vez de uma compra direta? Por que ele não tinha simplesmente perguntado na noite anterior? Ou, aliás, se fosse isso que ele queria, por que simplesmente não falar com a corretora dela? Ela balançou a cabeça. Ele queria algo. Mas o quê?

Ava parou o conversível na Avenida Central na esquina com a Miller. Os seus olhos marejaram avidamente com a familiaridade que ela sentiu ao ver a organizada fileira de casas em ambos os lados da rua. Tanta coisa tinha mudado, a maioria das casas tinha sido repintada, tinham uma nova paisagem, e, muito provavelmente, várias delas pertenciam a novos proprietários. Mas ainda havia o sentimento de uma rua onde famílias viveram. Ela diminuiu a velocidade quando chegou perto da entrada do imóvel.

Ela desligou o motor e deu uma olhada na faixa da casa. A empresa que gerenciava a propriedade tinha feito um bom trabalho de manter tudo bem ajustado. Mas, mesmo assim, havia um ar de solidão que permeava a casa. Ela descansou a cabeça no encosto do banco e fechou os olhos, contra a onda de lembranças que a invadia.

“Bom dia, querida.”

Ava deu um pulo, e seus olhos se abriram rapidamente. “Ah, Mateo, você me deu um susto.” Ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele. Ele estava de pé ao lado do capô do carro dela, com os braços cruzados diante do peito. Ele estava usando uma camisa polo vermelha, que exibia o nome da escola fundamental local, e calças chino cáqui. Ele parecia bem-disposto, cheio de energia e perfeitamente à vontade. “Você acabou de me chamar de querida?”

Ele deu um riso forçado. “Assumo a culpa. O que posso dizer? Sempre fui uma pessoa matutina.” Ele abriu a porta do carro dela e ela saiu.

Ela estava vestida de forma casual, tendo escolhido uma blusa amarela clara no estilo camponês, calças de brim capri brancas e tênis Keds brancos, não sabendo em que condições iria encontrar a casa. Parece que ela não precisava ter se preocupado. Se a condição da faixa servisse como uma pista, ela sabia que não seria atacada por bolas de poeira. Dolorosas lembranças seriam uma ameaça maior.

Ela olhou para Mateo. “Certo, estou aqui. Qual é a sua proposta?”

Ele sorriu.

Como ela tinha se esquecido daquela covinha?

“Desculpe, eu nunca faço negócios antes de tomar o café da manhã. É uma regra pessoal.” Ele deu meia volta e se dirigiu para os degraus da varanda da frente, parando apenas para acenar para que ela o seguisse.

Ava ficou de pé olhando para ele por um momento. Mateo Ortega era tão... tão... tão seguro. Tão confiante. Tinha tanto controle, quase num nível irritante. Seria bem feito para ele se ela voltasse para o carro e fosse embora para o seu escritório para começar o dia. Mas vê-lo segurando a porta para ela lhe disse o que ela já sabia. Ela queria o café da manhã.

Ela foi atrás dele, mas hesitou no último degrau. De repente, ela ficou cheia de receios por causa do pensamento de voltar ao seu lar de infância. Casa, melhor dizendo. Era uma casa. Não era mais o seu lar. Ela suspirou profundamente e entrou na casa.

Ava ficou parada perto de Mateo e deu uma olhada ao seu redor. Da pequena entrada ela conseguia ver a sala de estar. Ela caminhou um pouco para dar uma olhada no corredor que levava aos dois quartos. Seus pés estavam pesados, mas ela se forçou para olhar dentro de ambos os quartos. Seu antigo quarto ainda estava pintado de roxo claro, a cor que ela tinha escolhido quando tinha dez anos. A cor tinha desbotado, mas as lembranças dela não. Ela ainda conseguia ver a garota que tinha sido, deitada na cama, com uma pilha de livros sempre ao seu alcance. Quantas horas ela tinha passado lendo e quantas palavras ela tinha consumido durante aqueles anos de pré-adolescência? Os livros tinham lhe feito companhia quando a sua mãe estava no trabalho. Ela suspirou.

“Ava, você está bem?”, perguntou Mateo.

Ela o olhou de relance, apreciando a gentil tranquilidade que ele tinha. Ela concordou com a cabeça, sem dizer nada.

“Que bom”, disse ele. “Eu não tinha certeza do quanto seria difícil para você voltar aqui.” Ele pousou uma mão atrás da cintura dela, com um toque suave. “Vai ser muito duro para você ver o quarto da sua mãe?”

Ela balançou a cabeça, e um repentino nó na garganta dificultou a sua fala. Mateo entendeu. Mas aquilo não deveria surpreendê-la. Toda a família Ortega tinha sido maravilhosa durante a doença da sua mãe. Frequentemente, nos anos seguintes à morte da mãe, ela tinha imaginado como teria passado por aqueles dias sombrios sem a presença deles, sem a ajuda deles, ou sem a ternura deles.

Mateo se moveu ao redor dela para abrir a porta para o quarto principal, e então deu uns passos para trás para deixar que ela entrasse. Ava respirou profundamente e entrou no quarto da mãe.

As persianas estavam impedindo a entrada do sol da manhã, então os olhos de Ava precisaram de alguns instantes para se acostumar com a falta de luz. Esse quarto, assim como os outros, estava vazio. Vazio de móveis e, para o imenso alívio de Ava, vazio de tristeza. Saudade e alívio foi o que ela sentiu ao mesmo tempo. As lembranças que ela tinha esperado. Mas a falta de tristeza era um presente bem-vindo, e ela estava aliviada de que quando olhou dentro do quarto da mãe não se sentiu como se fosse um quarto de uma pessoa doente, exatamente o que tinha sido nos últimos poucos meses da vida da sua mãe. Naquela época, a casa mais parecia um hospital que um lar. Agora parecia apenas um imóvel vazio. Era como se ela tivesse se livrado de um peso que não sabia que estava carregando.

Ela sorriu para Mateo. “Tudo parece ótimo. Tão limpo, e tão bem cuidado também.”

“A tia Sylvia e o tio Oscar ficaram de olho na casa. Se algum dia um único arbusto ou uma palmeira precisassem ser aparados, eles já pegavam o telefone e ligavam para a imobiliária.”

Ava sorriu agradecidamente. “Por favor, agradeça-lhes por mim.”

Mateo olhou para ela por um longo momento. “Sabe de uma coisa, você mesma pode lhes agradecer. Eles ainda são os seus vizinhos.”

Ava balançou a cabeça. “Não são. Eu não moro mais aqui.” Precisando repentinamente de mais espaço, ela foi até a cozinha. Tudo parecia impecavelmente limpo e em ordem. Um pouco antiquado comparado ao seu condomínio, mas era de se esperar depois de mais de uma década.

“Sente-se e tome um pouco de café da manhã, Ava.” Mateo estava bem atrás dela agora, irradiando uma tranquila confiança que ela invejava. Ele soava tão seguro de si, tão confortável no seu jeito de ser. Mas, afinal de contas, ele sempre tinha sido assim.

“Não tem móveis”, disse ela, mas quando ela se virou para olhar o canto do café da manhã, percebeu que estava enganada. Uma mesa de jogos com duas cadeiras dobráveis estava bem no meio do pequeno espaço. Margaridas brancas frescas em um jarro estavam bem no centro da mesa, juntamente com dois pratos e copos de plástico vermelhos brilhantes. Talheres de plástico brancos estavam postos em cima de guardanapos de papel quadriculado vermelho e branco. Ela apontou para a mesa. “O que é tudo isso?”

“O café da manhã”, disse Mateo, enquanto passava ao redor dela e puxava uma cadeira dobrável, como se fosse o *maître* de um dos mais finos restaurantes. “Espero que esteja com fome.”

Ela estava, mas aquilo era um pouco demais. Ela não podia deixá-lo agir como se estivessem em um encontro quando, na verdade, não estavam. Na noite anterior, ele tinha feito o mesmo, e ela tinha entrado em uma conversa agradável e relaxada com ele e tinha perdido toda a noção do tempo. Mas ela tinha certeza que tornar isso um hábito seria uma péssima ideia. “Você não tem que ir à escola?”, contestou ela. “Não tem um sinal tocando em algum lugar?”

Ele riu. “Até o diretor pode chegar atrasado às vezes. Eu tenho uma equipe de apoio maravilhosa, Ava. As minhas crianças estão em boas mãos.”

“Suas crianças?” Ela não conseguiu evitar a surpresa na sua voz. “Desculpe, eu não sabia que você era casado.” Ele certamente não tinha dito uma palavra sobre ter esposa, ex-esposa ou filhos na noite anterior, durante o jantar.

“Não, nada de esposa, nada de filhos. Pelo menos não por enquanto.” Ele fez um gesto novamente para que ela se sentasse na cadeira que ele estava segurando. “Eu estava me referindo aos meus alunos. Eles são ótimas crianças e nós temos uma incrível comunidade de aprendizes, educadores e pais.”

Ava digeriu isso enquanto observava Mateo puxar uma folha de papel alumínio do prato dela. Ela espiou uma fatia de quiche e frutas frescas, surpresa de como, de repente, sentiu tanta fome. Ela reconhecia o esforço que Mateo tinha feito para preparar o café da manhã, mesmo que ainda não soubesse por que ele queria se encontrar com ela. Ou sobre o que ele queria falar com ela. Então lhe veio um pensamento. “Mateo, como você conseguiu as chaves da casa?”

Ele se instalou na cadeira dobrável oposta a ela. “A sua corretora as deu para mim.”

As sobrancelhas de Ava se levantaram. Jessie deveria ter confirmado isso com ela primeiro. Certamente não era prática rotineira dar aos potenciais compradores as chaves para uma propriedade vazia. Talvez Jessie tivesse sido vítima do charme de Mateo Ortega e feito uma exceção para ele. Ela perguntaria depois.

“Tome um suco.” Mateo colocou suco de laranja num copo de plástico vermelho e entregou para ela. “A menos que prefira café?”

Ava olhou o suco, o café da manhã, depois as margaridas, e decidiu que aquilo já estava indo longe demais. Ela encarou os afetuosos olhos castanhos de Mateo. “O que é que você quer?”

Ele olhou para ela por um longo momento antes de falar. “Eu só quero que você me escute.” Ele levantou a mão quando ela ia começar a falar. “Sem me interromper.”

Depois de uma breve consideração, Ava concordou. O que quer que fosse, ela iria ouvi-lo. Mateo era um Ortega, e estar de volta àquela casa lhe lembrava de como a família Ortega tinha representado um importante papel no início da sua vida. Ela tinha uma dívida para com eles. “Estou escutando.”

**

Mateo se sentiu surpreendentemente nervoso, agora que finalmente tinha a atenção de Ava. Na sua mente, quando ele estivera pensando na melhor forma de abordá-la, tudo tinha parecido muito mais simples.

Agora, nem tanto.

“Mateo”, disse Ava, “O que é que você realmente quer de mim?”

“Um favor.” Ele mordeu o lábio. Agora não era hora de voltar atrás. “Eu quero me casar.”

Ava se encostou na cadeira dobrável. “Casar? Acho que preciso dizer parabéns.”

Ele passou as mãos no cabelo. “Não exatamente. Quero dizer, sim. Mas talvez só depois que ela concordar em se casar comigo.”

“Por isso você queria falar comigo sobre a casa?”

“Não é sobre a casa, Ava. É sobre nós dois.”

Ela esbugalhou os olhos. Não era um bom sinal. Ele falou rapidamente para evitar o protesto que sabia que ela estava prestes a fazer.

“Ava, o meu abuelo está doente. Ele tem câncer.”

Ele observou o rosto dela se transformar de frustração para compaixão quando suas palavras eram digeridas.

“Ah, Mateo, eu sinto muito. Sinto muitíssimo. Na noite passada, você mencionou que ele não estava bem, mas eu não pensei que fosse algo assim.”

Quando ela passou a mão pela mesa e tocou na mão dele, ele sentiu um calor percorrer todo o seu corpo. O sentimento lhe deu coragem para ir adiante. “Todos estamos abalados. Ava, eu não consigo imaginar como vai ser quando ele se for.”

Ela concordou com a cabeça. Ela sabia. Era como se eles fossem membros de um clube da dor, daqueles que tinham perdido pessoas queridas para o câncer.

Ele soprou o ar que estava nos pulmões, tentando inutilmente aliviar a dor que apertava o seu coração. “O câncer está em um estágio muito avançado, e o Abuelo só tem alguns meses de vida, se tanto.”

“Onde ele está?”, perguntou Ava, com uma voz baixa e cheia de compaixão. “Ele já foi internado no hospital?”

Ele balançou a cabeça. “Não. Ele está em casa, do lado da tia Sylvia e da família dela. Ele insiste que quer ficar em casa o máximo possível.”

Ela concordou, com os olhos cheios de compreensão. “Do mesmo jeito que a mamãe.”

Eles ficaram sentados em silêncio por uns instantes. Mateo estava grato pela resposta compassiva de Ava em relação às novidades dele, mas não tinha certeza sobre o que dizer em seguida.

“Mateo”, disse Ava, “Olha, eu sei que não há muito que eu possa fazer, mas acho que entendo o que você está pedindo. Você e a sua noiva querem se mudar para cá agora mesmo, para estarem mais perto do seu avô. Eu entendo perfeitamente.”

“Você entende?”

“É claro, e eu acho uma ótima ideia. Vamos acelerar a papelada e, enquanto isso, vocês dois podem se mudar assim que quiserem.”

Mateo sorriu e apertou a mão dela. “Obrigado por ter entendido. Eu sei que o Abuelo vai ficar feliz de nos ter por perto. Você devia ter visto a cara dele quando eu lhe disse que estava noivo. É impossível colocar em palavras como ele ficou empolgado, ele disse que era um sonho se realizando.”

Ava concordou. “Eu acho que é uma ótima forma para ele passar os últimos dias, observando você começar uma nova vida com a sua nova esposa.”

“Estou mais grato do que você imagina, Ava.” Mateo se levantou, mas não soltou a mão dela. Ele gostava de sentir a mão dela na dele. “Então eu acho que a próxima coisa a fazer é contar à minha noiva que vamos nos mudar.”

“Parece ser o próximo passo mais lógico”, concordou ela. “Vou deixá-lo sozinho para que você possa fazer o telefonema.”

“Não, não precisa ir.” Ele ficou de pé e puxou Ava para que ela se levantasse e segurou as mãos dela.
“Ava, nós vamos nos mudar.”

Sem acreditar, ela o encarou por um momento. “O quê?”

Era agora ou nunca. Mateo respirou fundo. “Ava, você quer se casar comigo?”

Capítulo Quatro

Ava encarou Mateo. “Você ficou maluco?”

“Essa não é a resposta que eu estava esperando”, disse Mateo. “Ava, estou falando sério. Eu quero que você concorde em se casar comigo.”

“E eu preciso que você volte para a realidade.” Ava olhou ao redor da pequena cozinha, para a mesa com um café da manhã cuidadosamente preparado, e depois, finalmente, de volta para o homem que estava de pé diante dela, em busca de alguma pista para o que estava acontecendo. “O que está acontecendo?”

Em resposta, Mateo soltou as mãos dela e se sentou em uma das cadeiras dobráveis. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos e enterrou a cabeça nas mãos. “Eu estraguei tudo.”

Uma sensação de empatia caiu sobre Ava. Com qualquer outro homem, em qualquer outra circunstância, ela estaria caminhando lentamente em direção à porta, louca para ir embora. Mas aquele não era outro homem qualquer. Era Mateo Ortega, um homem que ela conhecia e respeitava desde que era uma garotinha. Ela apostaria a própria vida que ele era tão sensato quanto um homem poderia ser. Ele estava apenas esgotado pela tristeza por causa da doença do avô. Isso era compreensível, pois Joaquin Ortega era um homem tão bom quanto Deus poderia criar.

Ava puxou uma cadeira e se sentou do lado de Mateo. Com hesitação, ela tocou no ombro dele, e, quando ele levantou a cabeça e olhou nos olhos dela, ela viu a devastação da mágoa. O coração dela sentiu a dor dele. “Vamos começar pelo começo. O seu avô pensa que você está noivo.”

Mateo se endireitou e se virou para ela. Ela tentou ignorar o efeito que a proximidade dele tinha nela. Era como uma força magnética que a atraía para ele. Ela tinha sentido isso na noite anterior, no restaurante, no momento em que o viu.

“Sim. Ele pensa que estou noivo. Com você, Ava.”

“Comigo? Mas como? Por quê?” Ela mal sabia como articular as perguntas que voavam pela sua mente. A parte racional do seu cérebro ordenou que ela simplesmente parasse tudo e fugisse dos apuros em que isso certamente iria se transformar. Mas a outra parte dela, tocada pela visível tristeza de Mateo, exigia que ela ficasse e descobrisse mais. “De onde é que ele tirou essa ideia?” Ela ficou sentada quieta por um momento. “Nós não vimos um ao outro desde que éramos praticamente crianças. Quem é que poderia ter dito a ele algo tão absolutamente maluco?”

Mateo a encarou. “Fui eu.”

Ava só conseguia ficar olhando. Ela se sentia como se tivesse entrado no meio de um filme de besteiro e não conseguia sair da trama.

“Primeiro, deixe-me pedir desculpas por lidar com isso de uma forma tão ruim”, disse Mateo.

“Comece pelo começo”, exigiu Ava. Ela olhou o relógio. “Daqui a uma hora eu tenho uma reunião da qual tenho que participar sem falta, e acho que você tem que ir para a escola. Então vá direto ao ponto.”

Mateo respirou fundo e soltou o ar. “O câncer do Abuelo foi um golpe muito duro para todos nós, talvez não deveria ter sido por causa da idade dele e tudo, mas foi. Ele é o coração da nossa família, e sempre foi.”

Ava concordou com a cabeça. “Continue.”

“Então todos temos feito tudo que podemos para tornar os últimos dias dele conosco tão tranquilos e felizes quanto possível. Na semana passada, nós celebramos os quinze anos da minha sobrinha Alondra,

foi uma noite maravilhosa e todos estavam felizes, principalmente o Abuelo. Eu estava apenas batendo um papo com o Guillermo e ouvi o Abuelo contando à tia Sylvia que ele só lamentava uma coisa.” Ele fez uma pausa e olhou nos olhos dela. “Você consegue imaginar isso? Ter uma vida tão longa e só lamentar uma coisa?”

“E o que ele lamenta é?” Ava lhe deu a deixa, já sabendo qual seria a resposta.

Mateo ficou de pé e começou a andar como um animal dentro de uma jaula na pequena cozinha. Finalmente ele parou e encontrou os olhos de Ava. “A única coisa que ele lamenta é não ter vivido o suficiente para me ver casado e feliz.”

“Ah.” Ava não sabia o que mais dizer. Ela só podia imaginar o desejo de Mateo de agradar o seu querido avô. “Mas por que eu? Nós não nos vemos desde –”

“Desde que a sua mãe faleceu e você foi embora sem dizer uma palavra para nenhum de nós.”

“Isso é injusto, Mateo, e você sabe. Depois que a minha mãe morreu, eu queria me afastar das lembranças da doença dela o máximo que pudesse.” Ela fez um gesto bem longo com o braço. “Eu não podia ficar aqui.”

“Sinto muito, aquilo foi inesperado. Nós sabíamos que você partiria. Apenas foi duro não ter a chance de dizer adeus.”

Ava soltou o ar longamente. “Vamos voltar ao seu avô.” Ela não queria falar sobre o passado. “E quanto à mulher com quem eu vi você no restaurante na noite passada? Parece que vocês são íntimos.”

Mateo balançou a cabeça. “Jill é uma colega de trabalho. Nunca houve nada entre nós.”

“Com certeza você deve ter saído com alguém em todos esses anos.” Ava tentou ignorar o sentimento de alívio de que Jill não fosse a namorada dele, atual ou antiga. Isso não era da conta dela. Mateo não era da conta dela. Ela sentiu uma repentina vontade de fugir. “Se você tiver absolutamente que continuar com essa farsa, e eu realmente me questiono se você tem, deve haver outra pessoa.”

Mateo balançou a cabeça. “Você é a escolha perfeita. Você não é uma estranha, apesar de ter sumido por tanto tempo. O vovô conhecia e gostava da sua mãe, ele conheceu você como uma garotinha e todos nós nos importamos com você.”

Lágrimas começaram a se formar atrás dos olhos de Ava. Mateo estava certo. Toda a família Ortega sempre tinha se importado com ela, eles eram uma família tão carinhosa. Além da sua mãe, eles tinham sido a coisa mais próxima que ela tinha tido de uma família. E eles tinham sido tão bons para a mãe dela quando ela estava doente. Ava não duvidava que quando sua mãe faleceu, ela estava em paz de espírito sabendo que os Ortega estariam lá para cuidar de Ava se ela precisasse deles.

Exceto que agora eram eles que precisavam dela. Ela fechou os olhos e cobriu o rosto com as mãos. A família de Mateo tinha dado a paz para a mãe de Ava quando ela estava morrendo. Será que agora era a vez de ela fazer o mesmo?

Não. Toda a ideia era maluca. Insana. Como ela poderia se meter numa coisa dessas? Ela tinha estado longe do seu antigo bairro todos esses anos para afastar a dor e a solidão da sua infância. Por que ela iria deliberadamente se jogar no meio da família Ortega? Posando como a futura esposa de Mateo, acima de tudo? Não.

Ava colocou a mão no braço de Mateo, surpresa com o choque de eletricidade que percorreu o seu corpo quando ela o tocou. Quando ele a olhou, os olhos dele estavam tão cheios de sentimentos, tão expressivos, que ela baixou a guarda e não conseguiu falar por um momento. Mas então a parte racional do seu cérebro ordenou que ela o decepcionasse gentilmente. Não era justo deixá-lo ter esperança quando ela sabia, além de qualquer sombra de dúvida, que ela não poderia fingir ser a noiva dele.

Mas ele falou antes que ela tivesse uma chance. “Ava, me desculpe.” Ele cobriu a mão dela com a dele. “Eu não tenho nenhum direito de pedir algo assim para você.”

Alguma coisa naquele homem fazia o coração e a mente dela quererem lutar um com o outro. Seu toque gentil, a sinceridade na sua voz, o calor nos seus olhos... tudo isso era demais. Ela precisava fugir

antes de mergulhar fundo demais no mundo dele. “Mateo, eu entendo por que você iria querer fazer qualquer coisa pelo seu avô, eu realmente entendo. Ele é um homem maravilhoso. Mas eu –”

As próximas palavras dela foram abafadas por uma batida forte na porta da frente e depois pelo som de duas vozes chamando por ela quando a porta foi aberta.

“Ava! *Mi hija!*”

Antes que Ava pudesse perceber quem eram os visitantes, ela foi cercada não por um, mas por dois conjuntos de braços que lhe deram um caloroso e efusivo abraço. Quando as vozes lhe deram as boas-vindas de volta para casa, ela reconheceu quem eram. Quando eles se afastaram, com amáveis sorrisos nos seus rostos, ela reconheceu Sylvia e Oscar, os tios de Mateo. Ela lhes devolveu os sorrisos, falou baixinho como também era adorável revê-los, tudo isso sentindo-se como se estivesse sendo arrastada para mais fundo no mundo irreal no qual Mateo queria que ela entrasse.

“Ok, tia, tio”, interrompeu Mateo. “Deixem Ava respirar.”

Ava tentou agir de forma natural quando Mateo colocou um braço protetor ao redor dos ombros dela. Não era uma tarefa fácil. Ela faria bem em evitar qualquer contato físico adicional além do necessário. Todos os seus instintos lhe diziam para partir, ir embora e colocar os Ortega e o passado para trás, mas, em vez disso, ela se esforçou para dar um sorriso para os tios de Mateo. Eles sempre tinham sido gentis com ela, e se eles estivessem com a errônea impressão de que ela logo faria parte da família, aquele erro estava exclusivamente nas costas de Mateo.

Ela voltou a atenção para Sylvia. “Sinto muito pela doença do seu pai. Não sei o que dizer, exceto que espero que ele esteja tão confortável quanto possível e não esteja sentindo muita dor.”

“Obrigado, querida”, disse Oscar. Ele se esforçou para sorrir, mas Ava viu a tristeza nos olhos dele. “Na verdade, agora ele está descansando tranquilamente, a medicação contra a dor o mantém em algum lugar entre o sono e o despertar por grande parte do dia.”

“E peço desculpas por estarmos interrompendo vocês”, Sylvia entrou na conversa, “mas o seu avô está descansando tranquilamente e nós pensamos em dar uma passadinha aqui para dizer oi.” Ela pegou no braço de Ava e o apertou.

Oscar sorriu afetuosamente para a sua esposa. “O que Sylvia quer dizer é que ela tem medo de que tenha tanta gente aqui hoje à noite que ela não vá ter um momento sozinha com vocês dois mais tarde.”

Os alarmes começaram a soar na cabeça de Ava. “Hoje à noite?” Ela olhou para Mateo, mas um rápido olhar no rosto dele lhe disse que ele também não fazia a menor ideia sobre o que eles estavam falando.

“O que vai acontecer hoje à noite?”, perguntou Mateo.

O tio e a tia de Mateo trocaram sorrisos de felicidade.

“A festa de noivado de vocês”, disse a tia Sylvia. O sorriso dela estava triunfante. “Toda a família ficou a noite toda no telefone planejando. Vai ser uma noite incrível.”

“Nossa festa de noivado”, repetiu Ava. É claro. Foi assim que Alice se sentiu quando entrou pelo buraco do coelho. Ela mal sabia por onde começar a protestar. Ela olhou de volta para Mateo. “Você sabia disso?”

Ele balançou a cabeça. “Acredite em mim, fui pegado totalmente de surpresa.” Ele se virou para sua tia e seu tio. “Agradeço bastante todo o esforço de vocês, mas por que não esperar até os meus pais voltarem do México?”

“Não tem com o que se preocupar”, garantiu Sylvia. “Eu falei com a sua mãe e ela acha que, pelo bem do Abuelo, devemos celebrar imediatamente. Eu disse para ela que eles deveriam ficar, aproveitar Cancún, e eles podem ter uma celebração particular com vocês dois quando voltarem.” Ela tinha um sorriso brincalhão. “Mas Mateo, você tem que nos explicar algumas coisas. A sua mãe ficou completamente surpresa ao ouvir do seu noivado. Ela não sabia de nada.”

“Posso imaginar a surpresa dela”, disse Ava, porém os bons modos e uma verdadeira afeição por Sylvia e Oscar evitaram que ela adicionasse algumas palavras a mais. Ela apontou para o relógio. “Desculpem-me, mas tenho que correr. Tenho uma reunião agora de manhã à qual não posso faltar de jeito nenhum.”

Oscar sorriu forçadamente. “Sem problema, Ava, agora que você está prestes a fazer parte da família, teremos muito tempo juntos. A celebração de hoje à noite será a primeira de muitas.”

Ava forçou um sorriso animado enquanto se despedia. Ela acenou para recusar a oferta de Mateo de acompanhá-la até o carro, e tentou não parecer tão surpresa quando ele se inclinou e a beijou no rosto.

“A gente se vê em algumas horas, Ava”, disse ele delicadamente.

Em algumas horas? Ela balançou a cabeça enquanto dava ré no seu conversível para sair da entrada da garagem e se dirigiu ao seu escritório. Ah, não. Mateo Ortega estava iludido se ele pensava que ela ia prosseguir com aquela farsa maluca.

**

Mateo hesitou do lado de fora do quarto do avô. Ele tinha deixado a casa de Ava há alguns minutos resolvido em esclarecer a farsa do noivado. O olhar de choque no rosto de Ava quando ela tinha saído da casa o enchia de remorso. Ele não tinha o direito de arrastá-la para o mundo dele. Ou para os problemas dele. Tudo aquilo tinha parecido tão mais simples na mente dele, na imaginação dele, ou seja, antes de ele vê-la. Mas ele tinha cometido um erro e agora tinha que consertá-lo.

Ele bateu de leve na porta e entrou quando sua prima Elena acenou para que ele entrasse. Depois de um rápido abraço, ele deu uma olhada e viu que o seu avô estava dormindo. “Noite difícil?”, sussurrou ele.

Elena concordou com a cabeça. “Mas o humor dele está bom. Ele está ansioso por hoje à noite.” Ela sorriu. “Todos estamos. Parabéns.”

Mateo forçou um sorriso. “Obrigado.”

Elena seguiu o olhar dele para o avô e fez um movimento chamando-o para segui-la até o corredor. “Mateo, olha, eu sei que é doloroso ver o Abuelo desse jeito. É doloroso para todos nós. Mas nós queremos que você e Ava sejam felizes. Este é um momento tão especial para vocês dois, então está tudo bem em se alegrar com isso. Você parece estar arrasado, e não é assim que um homem que acaba de noivar deve parecer.”

“Não estou arrasado”, mentiu Mateo. Ele estava. Mas o seu sofrimento era ele próprio quem causava. “Estou triste.”

“Todos estamos.” Elena passou o braço dela pelo dele. “Mas o lado bom é que o Abuelo ainda está aqui para testemunhar a sua felicidade. Então fique feliz.”

Mateo concordou com a cabeça, mas não conseguiu falar. Ele sabia o que ela estava tentando dizer e se sentiu como um traidor da família por planejar toda essa farsa.

“Você quer que eu diga algo ao Abuelo quando ele acordar?”, perguntou Elena. “Ou você quer esperar ele acordar para falar com ele?”

“Não.” Ele respirou fundo. “Tenho que ir para a escola. Apenas diga a ele que eu estive aqui.”

“Vou dizer para ele, e Ava vai vê-lo hoje à noite”, adicionou Elena.

Mateo concordou com a cabeça. “Certo.” Ou errado. Tudo dependia de Ava.

Capítulo Cinco

A reunião de Ava foi um sucesso. Quando finalmente conduziu os clientes para fora do escritório, ela tinha uma bela comissão e um contrato lucrativo em mãos. Após a porta se fechar atrás dos seus novos clientes, ela se encostou na porta e escorregou até o chão. Ainda eram apenas onze horas, mas ela já estava mentalmente esgotada.

“Posso trazer alguma coisa para você, Ava?”, perguntou a assistente de escritório dela. “Posso trazer um pouco de cafeína, se isso for ajudar.”

Ava sorriu, mas balançou a cabeça. Café não resolveria os seus problemas. Nem facilitaria a culpa que ameaçava dominá-la. “Estou bem, Marti”, disse ela. “Mas obrigada.” Ela deixou na mesa de Marti o arquivo que estava segurando. Uma pequena caixa branca com o nome dela chamou a sua atenção. “O que é isso?”

Marti pegou a caixa e entregou para ela. “Ah, eu quase me esqueci. Um entregador deixou isso aqui enquanto você estava em reunião. Como você não mencionou que estava esperando uma entrega, decidi não incomodar a sua reunião.”

“Bem pensado.” Ava examinou a caixa em suas mãos. Parecia grande o suficiente para ter uma caneca de café dentro. Ela não fazia ideia do que poderia ser, talvez um presente de agradecimento de um cliente satisfeito. A curiosidade dela foi atiçada, mas ela forçou a atenção para voltar aos assuntos de trabalho. “Tem um cheque naquela pasta que precisa ser depositado, se você não se importar de dar uma passadinha no banco depois do almoço.”

Marti concordou. “Claro. Falando em comida, tem um pão doce na sala de descanso, se você estiver com fome.”

Ava balançou a cabeça. “O café da manhã já foi o suficiente para mim.” Não que ela tivesse comido muito do banquete que Mateo tinha preparado. Agora ela estava com tanta coisa na cabeça que não conseguia pensar em comer. “Obrigada, mesmo assim.”

Já no escritório, ela colocou a caixa misteriosa na mesa e se afundou na cadeira. Tentar se concentrar era quase impossível, pois os pensamentos dela continuavam voltando para Mateo. Reaparecer na vida dela depois de todos esses anos era como se ele a tivesse arrastado para o passado. Ela passava os dedos no cabelo. Tudo bem, para falar a verdade, ele não tinha tido que puxar muito forte. Ela tinha imaginado que pudesse ser ele quando Jessie ligou com a oferta e disse que um homem misterioso queria se encontrar com ela. Ela tinha concordado em se encontrar com ele para o jantar, e novamente para o café da manhã.

Mas agora ele queria que ela concordasse em fazer o papel da noiva dele? A ideia era ridícula. Mesmo que ele tivesse as melhores intenções possíveis, e certamente tinha, o plano de Mateo era maluco. Realmente, se não fosse pelo fato de que o Sr. Ortega estivesse diante dos seus últimos dias, ela questionaria a sanidade do neto dele. Mas ela entendia os motivos de Mateo. Na verdade, ela desejava entendê-lo um pouco menos. Mas ela sabia muito bem do desespero que Mateo deve ter sentido para agradar o seu querido avô antes que fosse tarde demais. Mas por que ela?

Ava olhou a caixa sobre a mesa. Era de Mateo. De alguma forma ela sabia disso, assim como tinha adivinhado que era ele quem estava fazendo a oferta para a casa da mãe dela. Sem conseguir ignorar a própria curiosidade nem mais um minuto, ela pegou uma tesoura e abriu a caixa. O papel de tecido branco abriu caminho para uma caixa de joalheria em veludo preto. Ava virou a caixa de cabeça para

baixo e a balançou, mas nada se mexeu dentro dela. Ela segurou a caixa de joalheria preta na mão, sabendo que abri-la não era uma boa ideia. Aquilo seria dar mais um passo para dentro do mundo de Mateo Ortega.

Ela abriu a caixa e depois suspirou. Abrigado no veludo preto estava um antigo anel de ametista lapidada na almofada, a pedra central era cercada por pequeninas pérolas. Ava imediatamente reconheceu que aquele anel já tinha pertencido à avó de Mateo.

“Ei, chefe”, Marti abriu a porta do escritório e colocou a cabeça para dentro. “Estou indo almoçar e estava pensando se... oh, o que é isso?”

Ava fechou rapidamente a caixa, mas já era tarde demais. A expressão curiosa no rosto de Marti significava que a assistente já tinha visto mais do que devia, e que tinha perguntas.

“Ok, certamente isso não está relacionado ao trabalho, mas estou curiosa.” Marti entrou e se sentou no canto da mesa de Ava. “Desembucha.”

“Nem sei por onde começar”, disse Ava. Deus sabia que isso era verdade.

“Posso ver?”

Após apenas um momento de hesitação, Ava tirou o anel da caixa e o entregou para Marti. “É claro.”

Marti examinou o anel. “Oh, Ava, ele é lindo.” Ela levantou o anel e olhou cuidadosamente dentro dele. “Tem uma inscrição. E parece que está em espanhol.”

Ava fechou os olhos por um momento. Ela se sentia uma impostora. Aquele era o anel da Sra. Ortega, não dela. Seu sentimento prévio de compreensão e compaixão pelo dilema no qual Mateo se encontrava começou a desaparecer. “Você consegue ler?”

Marti foi até a janela e segurou o anel levantado para conseguir analisar a inscrição. “Está gravado em letras cursivas, o que me faz pensar que isso deve ser uma antiguidade ou herança de família.”

“O que diz?”, perguntou Ava rapidamente. Ela achava que seria Joaquin e Beatriz, ou talvez as iniciais deles, mas as palavras seguintes de Marti provaram que ela estava enganada.

“*Para siempre.*” Ela nem se deu ao trabalho de perguntar se Ava precisava de uma tradução, ela sabia que a sua chefe não falava espanhol. “Para sempre.” Marti tocou no peito e suspirou. “Isso não é romântico?”

Era. Ava se afundou na cadeira. Para sempre. Ser amada e querida para sempre, não era esse o sonho de toda mulher? Com uma repentina intensidade que a surpreendeu, ela percebeu que esse também era o seu sonho.

Marti se sentou na cadeira em frente à Ava. E lhe devolveu o anel. “Nem tente me dizer que isso veio da QVC, pois não vou cair nessa. Quem lhe enviou isso? Eu não sabia que você estava saindo com alguém.”

“Acredite em mim, tudo isso é muito recente.” Ava segurou o anel na palma da mão e não conseguiu resistir em experimentá-lo. Ela o colocou no terceiro dedo da mão esquerda. “Ah, não, coube direitinho.” Ela mordeu o lábio em consternação. Seria muito mais fácil devolver o anel se ela pudesse dizer a Mateo que não tinha cabido, e seria muito menos esquisito. Não que houvesse alguma coisa fácil em relação a tudo aquilo.

Marti tamborilou os dedos no braço da cadeira. “Ok, não vou conseguir mais nenhuma informação hoje, vou?”

Ava deu de ombros pedindo desculpas. “Prometo que você será a primeira pessoa para quem vou contar tudo assim que eu estiver preparada.” Assim que o choque acabasse e assim que ela definisse com Mateo Ortega que o plano dele não iria funcionar. Ela não podia ir adiante com isso.

Mateo chegou à festa de noivado quando ela estava no auge. O número de carros enfileirados na rua e os sons de risadas fluando no ar da primavera lhe disseram que todos os convidados tinham provavelmente aparecido para celebrar o noivado dele com Ava. Todos, exceto a noiva.

Ele bateu os dedos no volante enquanto sua mente estava a mil por hora. Ele se sentiu um completo impostor em ir para o meio da sua família e contar a todos que tinha mentido sobre estar noivo. Mais facilmente do que ele gostaria, ele conseguia imaginar o choque deles quando lhes contasse que não apenas ele e Ava não iriam se casar, mas que nem mesmo estavam namorando. Ele não os culparia quando o choque se transformasse em raiva e decepção. Aos olhos deles, ele pareceria um idiota, mas isso ele poderia aguentar. Ver o rosto magoado e decepcionado do seu avô é que ele não aguentaria.

Ele abaixou o vidro e uma leve brisa entrou no carro. Ele repousou a cabeça no encosto do banco da camionete e fechou os olhos, como se fazer isso fosse lhe apresentar uma solução para o seu dilema. Quais eram as suas opções? Entrar com uma desculpa para a ausência de Ava e fingir que tudo estava bem? Ele poderia passar a noite com a família, receber os seus sinceros elogios e desejos de boa sorte, e ao mesmo tempo saber que as suas mentiras estariam zombando da gentileza de todos. Nunca ele tinha sentido tanta frustração e raiva de si mesmo, porém, novamente, ele nunca tinha feito uma coisa tão estúpida antes.

Uma luz que bateu no seu para-brisa o surpreendeu. Ele abriu os olhos e viu que era Ava. Seu coração começou a acelerar. Ela estava de pé na semiescuridão, com as luzes da rua lançando um efeito de halo ao seu redor. Mas não era uma miragem, ela estava realmente lá. Uma rápida olhada no visual dela lhe deu esperança. A forma como ela estava vestida deixava claro que estava vestida para sair. Para uma festa, esperava ele. Mas os olhos dela estavam sérios, o que lhe deu a sensação de um soco no estômago. Ele odiava ser o responsável pela aparência de apreensão que ele via ali. Ele abriu a porta e saiu do carro. “Ava”, disse ele, mantendo a voz baixa. “Você veio.” Ele se abaixou lentamente e a beijou gentilmente no rosto. Ela cheirava como rosas de verão. “Você está linda.”

“Oi, Mateo.”

Ele observou enquanto ela tirava uma mecha de cabelo que tinha caído no ombro e a ajeitava com os dedos. O gesto era um hábito antigo. Ele se lembrava de ela fazendo a mesma coisa quando ela estudava geometria com a irmã dele. Ela sempre usava a mão esquerda enquanto escrevia com a direita. Ele imediatamente percebeu que a mão esquerda dela estava sem nada. Ela não estava usando o anel. Não era um bom sinal. “Eu não tinha certeza se você viria hoje à noite”, disse ele.

“Eu tinha que vir”, respondeu ela. Os olhos dela pareciam buscar nos dele algum sinal de que ele entendia a relutância dela. Ele certamente entendia, mas sentia-se absoluta e totalmente perdido em como explicar para ela que ele sabia que a tinha colocado entre a cruz e a espada.

“Estou feliz em vê-la, Ava. Mas eu teria entendido se você não tivesse aparecido aqui hoje à noite.”

Ela olhou ao seu redor. “Podemos conversar em particular em algum lugar antes que alguém nos veja?”

Então ela estava lá para dizer que não daria certo. Era tudo que ele merecia. “Nós podemos nos sentar dos degraus da casa da sua mãe.”

Ava concordou. “Pode ser.”

Mateo pegou na mão dela e se sentiu tanto feliz quanto aliviado quando, após apenas um momento de hesitação, Ava segurou na mão dele e permitiu que ele a guiasse através do labirinto de carros estacionados. Quando chegaram à varanda em frente à casa, ele esperou enquanto ela se posicionava no degrau superior.

“Você pode pelo menos se sentar e não ficar tão alto?”, perguntou ela. Havia apenas uma pitada de leveza no tom de voz dela que deu esperança a ele. Ele se sentou no degrau seguinte, logo abaixo, e se encostou no corrimão da varanda.

“Assim está melhor”, disse ela. “Obrigada.”

Eles ficaram sentados em silêncio por alguns momentos, e os sons da festa na casa ao lado continuavam, enquanto uma brisa suave soprava.

“Provavelmente eles estão se perguntando onde estamos”, disse Ava.

“Eu estou me perguntando onde estamos”, respondeu Mateo. Ele tomou cuidado para manter a voz baixa e gentil. Alguma coisa em Ava McKenna o fazia querer protegê-la, defendê-la contra qualquer coisa desconfortável. Isso, percebeu ele, era terrivelmente irônico, considerando que tinha sido ele quem a tinha colocado na situação desconfortável em que ela se encontrava agora. Ele olhava para ela, e ela olhava o jardim iluminado pelo luar. Ela estava organizando os seus pensamentos e ele lhe devia a cortesia de esperar.

Depois de um longo momento, Ava se virou e olhou para ele. “Eu não posso fazer isso.”

Um grande e profundo sentimento de decepção cobriu Mateo. “Eu entendo.”

Ava balançou a cabeça. “Acho que você não entende.” Ela levantou a mão e tocou no braço dele. “O que eu quis dizer foi que não posso virar as costas para a sua família. Não depois de todo o carinho que todos vocês demonstraram para a minha mãe e para mim quando ela estava doente.” Ela respirou fundo e endireitou os ombros, como se estivesse procurando coragem para voltar no tempo para um lugar cheio de lembranças dolorosas. “Eu era jovem, mas não jovem demais para entender que nós tínhamos um delicioso jantar caseiro na mesa todas as noites por que alguém da sua família o fazia e o trazia para nós. Eu me lembro do seu avô e de alguns dos seus tios levando a mamãe para as sessões de quimioterapia como se ela fosse um membro da sua família.” Ela lhe deu um rápido sorriso. “Eu me lembro até de você e dos seus primos cuidando do jardim bem cedo nas manhãs de sábado quando eu sabia que prefeririam estar dormindo até mais tarde.”

Um caloroso sentimento de gratidão percorreu Mateo, mas ele ficou quieto. Ele sentiu que Ava não tinha terminado de dizer tudo que precisava. Ele moveu a sua mão e, sutil e gentilmente, colocou-a sobre a dela.

Ela olhou para ele. O luar estava forte o suficiente para que ele pudesse ver as lágrimas se acumulando nos olhos dela. “A família Ortega esteve do nosso lado durante um momento doloroso e triste. Eu fui embora tão rápido depois da morte da minha mãe que não pude agradecer a ninguém adequadamente. Eu não podia retribuir naquela época, mas agora posso.”

“Agradeço o que você está dizendo, Ava, mas eu nunca quis que você se sentisse culpada.”

“Não, você não fez isso. Eu não quis dar esta impressão. Sinceramente, Mateo, não consigo ver como isso pode acabar bem, mas se você acha que a gente pode ir em frente, eu vou participar do seu plano. Sob uma condição.”

“Pode falar”, disse ele. “O que quer que seja, eu concordo.”

Ava deu um riso forçado. “Acho que é melhor você ouvir o que eu tenho a dizer antes de concordar.”

Mateo balançou a cabeça. “Não é necessário. Se você pode colocar tanta confiança assim em mim, eu posso fazer o mesmo. Não vou questionar nada.”

Ava concordou com a cabeça. “Certo, então é o seguinte. Eu vou participar do seu plano se nós fizemos uma pequena alteração. Nós podemos começar ficando noivos, mas eu quero que você me torne a sua esposa. Legalmente, quero dizer.”

Mateo a encarou, incerto de que não teria apenas imaginado aquela última frase. “Casar com você? De verdade?”

“Sim, de verdade”, respondeu ela. “É um casamento perante a lei ou nada feito, Mateo.”

Capítulo Seis

A reação de Mateo foi exatamente a que Ava esperava que fosse. Ela esperou pacientemente enquanto ele estava sentado boquiaberto em silêncio. Ele parecia tão perplexo quanto ela tinha se sentido de manhã, quando ele tinha lhe pedido para fingir ser a sua noiva.

“Ava”, disse ele finalmente, “essa é a última coisa que eu pensei que você fosse dizer.”

Ela foi um pouco para trás e se mexeu para se sentar um pouco mais longe, contudo apenas para que conseguisse olhar melhor nos olhos dele. “Você acabou de dizer que confiaria em mim e concordaria, sem questionar nada.” Ava não estava sendo justa e sabia disso. Ela realmente deveria explicar a Mateo qual era o resto do plano dela, mas ele precisava ver como era se sentir sendo pegado completamente desprevenido. Isso nivelou o jogo.

Ele concordou. “Sim”, disse ele lentamente. “Eu realmente disse isso.”

“Você disse pra valer?”

Ele a encarou por um longo momento e depois concordou novamente. “Disse.” Ele virou o olhar para observar a noite.

Ava estudou o perfil dele. Mateo Ortega era um homem bonito, de feições esculpidas e definidas, mas não havia um grama de frieza nelas. Qualquer mulher que passasse a vida com ele seria, de fato, uma mulher de sorte. Mas não seria ela.

“Deixe-me explicar”, disse ela. Quando Mateo retornou o olhar para ela, ela foi mais fundo. “Eu não posso encarar o seu avô sabendo que estamos sendo desonestos. E, sim, eu sei que as suas intenções são as melhores, e as minhas também. Mas eu não posso fazer isso e não sei se você pode fazer também, Mateo.”

Ele concordou com a cabeça. “Continue.”

“Então”, continuou Ava, “eu proponho que nós nos casemos de verdade. Completa e legalmente casados, para que nenhum de nós se sinta desconfortável na frente do seu avô. Desta forma, nós não estaríamos atuando e nem fingindo.”

“E depois do casamento?”, perguntou ele.

Ava fez um gesto em direção à casa. “Nós nos mudamos para cá.”

“E depois que o meu abuelo se for?”

“Nós esperamos um pouco e depois, calmamente, entramos com o divórcio.”

Ele levantou a sobrancelha. “Sob que pretexto?”

Ava olhou bem nos olhos dele. “De que o nosso casamento nunca foi consumado.”

Mateo não respondeu imediatamente. Ava ficou sentada pacientemente e esperou. Enquanto ela observava Mateo, percebeu que apesar de que ele lhe fosse tão familiar, havia muitas coisas sobre ele que ela não sabia. Tantas coisas que ela queria saber.

Ela olhou para cima quando Mateo se levantou. Ela pegou a mão que ele lhe ofereceu e ficou de pé ao seu lado.

“Ava, eu —”, mas as suas próximas palavras foram abafadas por uma voz masculina.

Surpresos, ambos se viraram para ver um homem chegar por uma passagem na cerca. Ava sentiu o braço esquerdo de Mateo escorregar ao redor dos seus ombros e se sentiu instantaneamente grata. Aparentemente, era hora de enfrentar os Ortega.

“Ah, aí estão vocês”, disse o homem. “Nós vimos a sua camionete, Mateo, e ficamos pensando aonde você teria ido.” Ele sorriu para Ava. “Vocês dois não podem faltar à própria festa de noivado.”

Ava observou Mateo esticar o braço para apertar a mão do homem. Ela tinha um vago sentimento de que se lembrava dele, mas o nome dele lhe fugiu. Ela sorriu gratamente para Mateo quando ele a reapresentou sutilmente ao seu primo Juan, apesar de que ela ia levar algum tempo até se acostumar a ouvir Mateo se referir a ela como sua noiva.

“Bem-vinda à família, Ava”, disse Juan, aproximando-se para beijá-la gentilmente no rosto.

O sorriso dele era largo, suas palavras, sinceras aos ouvidos dela, e Ava se sentiu de repente sobrecarregada, sabendo que em alguns momentos iria ter que enfrentar toda a família Ortega. Ela sabia, por experiência própria, que eles seriam efusivos nas suas felicitações.

“Obrigada, Juan. É ótimo revê-lo depois de tantos anos.” Ela sorriu timidamente. “Estou curiosa para saber como está a sua vida.”

Ele deu um riso forçado. “Agora já estou casado há bastante tempo. Tenho uma esposa, quatro filhos pequenos e um trabalho de contabilidade no centro da cidade, mas está tudo bem. E você?”

Ava abriu a boca para responder, mas Mateo a interrompeu. “Por que não vamos para a casa ao lado e deixamos Ava dizer oi para todos lá, antes de começarmos com o interrogatório?” Sua voz de brincadeira suavizou as suas palavras.

Enquanto ela seguia Juan para a propriedade dos Ortega, Ava estava grata por sentir a mão firme de Mateo atrás da sua cintura. O toque dele reafirmava que ela não estava sozinha, que ele estava ali com ela. E ela sabia que ele estaria ao seu lado ao longo de toda a festa e nos dias seguintes. À medida que abriam caminho através dos grupos de familiares e amigos de Mateo, Ava não conseguiu evitar imaginar qual teria sido a resposta de Mateo ao ultimato dela, caso eles não tivessem sido interrompidos. Sem dúvida eles teriam um momento a sós mais tarde para discutir os seus planos, mas agora era hora de ver o Sr. Ortega novamente, depois de tantos anos. Ava deu um profundo e firme suspiro, surpresa de como estava nervosa em ver o avô de Mateo depois de tanto tempo.

Ela ficou parada silenciosamente atrás de Mateo, enquanto ele se abaixava para dar um beijo no rosto do avô. Assim que ele se endireitou, Mateo deu a mão para Ava, e ela reconhecidamente a pegou. Ela deu um passo para a frente e deu uma primeira olhada no Sr. Ortega em mais de uma década.

O avô de Mateo estava em uma cadeira de rodas, suas costas estavam retas e seus olhos brilhando, porém ele tinha perdido bastante peso desde a última vez que ela o tinha visto. Naquela época, o cabelo dele ainda era grisalho, mas agora estava totalmente branco. Mesmo que essas coisas fossem uma parte natural do envelhecimento, ela sabia que a palidez doentia da pele dele e as manchas escuras sob os seus olhos fundos não eram. O câncer não tinha poupado a Joaquin Ortega nem um pouco da sua crueldade. Lágrimas se formavam no fundo dos olhos de Ava.

Ele levantou uma mão frágil. “Ah, Ava, como é agradável revê-la.”

Ava não hesitou. Ela esticou o braço e pegou a mão dele no meio das dela. “Olá, Sr. O. Estou muito, muito feliz em ver o senhor.”

“Sr. O? Já faz anos que ninguém me chama assim.” Um sorriso se esticou nas suas feições. “É ótimo ouvir isso novamente, Ava.” Ele olhou para o neto. “Eu entendo por que essa jovem roubou o seu coração, Mateo.”

Ava também olhou para Mateo, por um lado, para ver a reação dele às palavras dolorosamente falsas, e, por outro lado, para não ter que continuar encarando os olhos daquele senhor mais velho. Até aquele momento, a culpa que ela pensava que poderia sentir fingindo ser a noiva de Mateo tinha sido teórica, mas agora ela tinha percebido que seria centenas de vezes mais difícil do que tinha imaginado. A julgar pelo olhar no rosto de Mateo, ela percebeu que ele estava chegando rapidamente à mesma conclusão.

Ava se moveu para deslizar um braço ao redor da cintura de Mateo. O gesto pareceu tão íntimo e possessivo que ela se sentiu estranha. Mas não era assim que uma noiva carinhosa agiria na sua festa de

noivado? E se ela fosse representar um papel, era melhor que o fizesse no melhor das suas habilidades. Ela lançou um sorriso para Mateo antes de se virar para o avô dele. “Acho que tecnicamente deve ser o contrário, Sr. O. Seu neto foi quem roubou o meu coração.”

O avô de Mateo riu, embora fosse uma versão muito mais comedida da gargalhada que ela lembrava de anos atrás. “Estou mais feliz em ouvir isso do que você pode imaginar.” Ele tossiu e depois aceitou um copo de água da sua filha. Ele se encostou na cadeira e fechou os olhos por um longo momento, mas quando os abriu novamente focou o olhar diretamente em Ava. “Mas posso ver claramente que temos um problema, Ava.”

O coração de Ava começou a bater forte. Ela olhou para Mateo para ver se estava tudo bem. Será que ela tinha dito ou feito algo errado?

“O que é, Papa?”, perguntou Sylvia, a filha de Joaquin. “Você quer entrar agora?”

Joaquin Ortega balançou a cabeça e acenou para ela negativamente. Ele apontou para a mão esquerda de Ava. “O meu neto não lhe deu um anel de noivado quando a pediu em casamento?”

**

Mateo congelou. O anel. Droga. Ele tinha percebido mais cedo que Ava não estava usando o anel, mas se esqueceu de perguntar para ela sobre ele. “Desculpe-me, Abuelo, é que eu não –”, mas Ava o interrompeu.

“Aqui está ele”, disse Ava. Ela retirou o braço da cintura dele e colocou a mão no bolso para pegar a pequena caixa de veludo que ele tinha enviado para o escritório dela.

Ele ficou grato por ela tê-lo ajudado a sair daquela sinuca de bico. Ele sorriu para ela. Ava era uma pedra preciosa. Ele procurou no rosto dela um sinal de como ela estava se sentindo, ou, mais precisamente, de até onde ela estaria disposta a ir com essa farsa. Quando ela lhe entregou a caixa, ele obteve a sua resposta. Ava iria seguir em frente. Ele pegou a caixa, abriu a tampa e tirou o anel da sua abuela.

“Posso?”, Joaquin esticou a mão.

Mateo não hesitou. Ele colocou o anel de ametista na mão esticada do avô. Ele observou enquanto o seu abuelo o examinou cuidadosamente. Ele olhou para Ava e viu que ela e um círculo de tias, tios, primos e primas estavam de pé observando calmamente os movimentos de Joaquin.

“Nós estamos felizes”, a voz de Joaquin era quase um sussurro. O rosto dele se transformou em um sorriso que fez Mateo se lembrar de um homem muito mais jovem e saudável. “Eu oro para que você e Ava sejam abençoados com a mesma felicidade que nós tivemos.” Ele entregou o anel a Mateo. “Acho que isso pertence à sua adorável dama.”

“Obrigado”, Mateo conseguiu dizer, apesar do nó na garganta. Ainda era muito difícil de acreditar que a sua avó não estava mais ali. Ou que o seu avô em breve também não estaria.

“Vá em frente”, gesticulou Joaquin para que ele o pegasse. “Quando eu o dei para a sua abuela, eu fiquei de joelhos.” Ele levantou uma sobrancelha. “E você?”

“Não, senhor, eu não fiquei”, admitiu Mateo. Ele se conteve de compartilhar que tinha usado o método covarde de enviar o anel, sem um bilhete, para o escritório de Ava. Essa informação certamente não impressionaria uma alma romântica como Joaquin Ortega.

O avô dele, sentado na cadeira de rodas, cruzou os braços diante de si. “Bem, então, *mi hijo*, agora é a oportunidade perfeita.”

Mateo olhou para o avô, para os primos e primas, tias e tios, que agora estavam plantados ao redor deles num gigante círculo familiar. Todos tinham a mesma expressão de afeição e divertimento. Finalmente, ele olhou para Ava para julgar a reação dela. Ela parecia pegada de surpresa, assim como

ele, mas então ele a viu acenar com a cabeça imperceptivelmente, como se estivesse lhe dando permissão para pedi-la em casamento oficialmente na frente da família dele.

Ele pegou a mão esquerda de Ava na sua e se ajoelhou numa perna só. O seu coração batia forte dentro do peito. Ele olhou para Ava, a mulher que ele conhecia desde que eles eram crianças, a mulher que agora o estava ajudando no que parecia ser uma situação que entrava numa espiral e fugia de controle. Ela parecia tão nervosa quanto ele, mas o olhar dela era amável. “Ava”, ele começou a dizer, mas a sua voz falhou e ele teve que limpar a garganta, para divertimento dos primos. “Ava...”, mas então a sua voz sumiu, ele não tinha ideia do que dizer em seguida. Ele nunca tinha pedido ninguém em casamento antes, nunca tinha estado verdadeiramente apaixonado antes, e nunca tinha sentido o seu coração bater tão forte quanto agora.

“Vai, Mateo”, encorajou o seu avô, com uma voz baixa. “Fale com o seu coração.”

“Ava”, tentou Mateo novamente, depois de um longo momento. “Se você me der a imensa honra de ser a minha esposa, prometo ser para você o melhor marido que eu puder ser por todos os dias que passarmos juntos.” Ele se levantou e pegou a outra mão dela, então agora eles estavam de frente um para o outro. “Você me daria a honra de se casar comigo?”

O pedido dele foi recebido com silêncio. Mesmo que ele dificilmente esperasse que Ava se jogasse em seus braços ou retribuísse rapidamente com uma declaração apaixonada de um amor louco por ele, ele ainda esperava, queria, precisava, que ela dissesse alguma coisa. Ele tentou ler a emoção na expressão dela, mas não conseguiu. “Ava? Estou pedindo que você se case comigo.”

Era como se a família dele segurasse um fôlego coletivo. Mateo podia sentir isso, ele sabia que Ava também podia. O que poderia ter acontecido para ela mudar de ideia? Não fazia nem vinte minutos que eles tinham se sentado na varanda da casa da mãe dela e conversado sobre se casar. Ele olhou para a sua família reunida ao redor deles. Nas suas expressões coletivas, ele viu a incerteza que agora ele estava sentindo. “Ava?”

“Sim.”

Foi uma palavra sussurrada, mas, por mais tímida que fosse, foi o suficiente para o coração dele voltar a bater. Ele sorriu. “Sim?”

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele. “Sim, vou me casar com você.”

A família dele aplaudiu e, com a esperança foi restaurada, o alvoroço de conversas começou novamente.

O que exatamente recaiu sobre ele, Mateo não podia dizer, mas ele levou a mão de Ava aos seus lábios e a beijou. Ele abaixou a cabeça para que apenas ela pudesse ouvi-lo, “Obrigado, Ava. Do fundo do meu coração, obrigado.”

Um sorriso tímido se abriu no rosto dela.

“O anel, Mateo”, ele ouviu o seu avô num tom alto. “Coloque-o na mão da sua futura esposa.”

“Certo.” Ele levantou o anel e o colocou no dedo dela. “Ele cabe direitinho.”

Ele manteve a mão de Ava na sua enquanto ambos olhavam para o anel. Apesar do fato de que eles estivessem de pé no meio de um grupo escandaloso de Ortegas festeiros, quando olhou para os olhos de Ava, Mateo sentiu como se só existissem eles dois no mundo. De repente, apesar do seu alívio por terem chegado tão longe na sua farsa, Mateo percebeu que uma pequena parte dele desejava que essa felicidade recém-descoberta não fosse um faz-de-conta.

Capítulo Sete

Na manhã seguinte, Ava foi para o trabalho cedo, desesperada para recuperar um senso de normalidade. Enquanto ela remexia na pilha de correspondência que a esperava, lembrava-se dos eventos da noite anterior com os olhos da mente. Sua festa de noivado... toda a noite parecia surreal, mas o anel de ametista no seu dedo lhe garantia que, de fato, tudo tinha sido real. Ela soltou as correspondências novamente em cima da mesa e levantou a mão para examinar o anel. Noiva. Ela, Ava McKenna, estava noiva de Mateo Ortega. Ela balançou a cabeça. O que a sua mãe teria dito sobre isso?

Ela tinha sentido a presença da mãe na noite passada durante a festa. Estar de volta ao seu lar de infância acionou uma enchente de lembranças. Na maior parte, eram boas lembranças. Ava se lembrou de andar de mãos dadas com a mãe desde o jardim delas até os Ortega em muitas noites quentes de verão. Os Ortega tinham uma piscina, os McKenna não. Contudo, eles generosamente permitiam que elas usassem a piscina, e sua mãe tinha lhe ensinado a nadar ali.

‘Generosos’ era a palavra perfeita para descrever os Ortega, tanto naquela época quanto agora. Na noite anterior, depois de ela ter aceitado o pedido de Mateo, ela e Mateo foram transbordados de congratulações, abraços, promessas de ajuda com o casamento e mais sentimentos amáveis do que ela conseguia imaginar. Ela tinha escapulado da festa muito antes de terminar. Tinha deixado a capota do conversível aberta enquanto dirigia de volta ao seu condomínio, pois a refrescante brisa da primavera a ajudava a dispersar os seus sentimentos de estar sobrecarregada. Mas ela deveria pelo menos ter se despedido adequadamente de Mateo. Ainda iria levar um tempo para ela se acostumar com esse negócio de noiva.

Enquanto isso, ela tinha trabalho a fazer. Ela se esforçou para ficar focada nos contratos que precisava preparar. De alguma forma, ela conseguiu avançar significativamente ao longo da tarde. Mergulhada em seus pensamentos, ela pulou quando o celular tocou. Uma rápida olhada no nome que aparecia na tela confirmou que era Mateo, o que não a surpreendeu. Ela estava aguardando que ele ligasse. Se ela fosse honesta consigo mesma, ela tinha esperança de que ele ligasse.

“Estou ligando para resgatá-la.”

“Mateo?”

Ele riu. “Quantos outros cavaleiros você tem?”

“Não tenho certeza se é politicamente correto que as mulheres tenham cavaleiros para resgatá-las hoje em dia.” Ava se encostou na cadeira, com um ligeiro sorriso no rosto. “Mas só por curiosidade, do que teoricamente eu preciso ser resgatada?”

“Das minhas irmãs e primas”, respondeu Mateo. “E se você não sair do seu escritório na próxima hora, elas vão chegar aí em massa.”

Ava levantou as sobrancelhas. “Por quê?”

“Vamos apenas dizer que se isso fosse um reality show, eu o chamaria de ‘Missão Organizadoras de Casamento’.”

Ava deu uma risadinha, algo que ela não se lembrava de ter feito há séculos. “E você ligou para me avisar para que eu pudesse me esconder antes. Muito nobre, amável senhor.”

“Obrigado, minha dama.” Mateo limpou a garganta. “Na verdade, Ava, eu queria fazer um pouco mais do que avisá-la.”

Ela ficou de pé e foi até a janela, olhando para o estacionamento meio vazio. Algo na voz de Mateo soou repentinamente mais sério. “O que seria esse um pouco mais?”

“Eu sei que está muito em cima da hora, mas será que podemos nos encontrar em meia hora?”

Ava olhou o relógio e os contratos na mesa. Tudo aquilo poderia esperar até o dia seguinte. Ela não tinha nenhum compromisso para a noite. Ainda assim, uma pequena parte dela hesitava, pois a ideia de ver Mateo de novo fazia o seu pulso acelerar. Mesmo que isso não fosse uma coisa ruim, isso a deixava nervosa. “Será que pode ser mais no final da tarde?”, tergiversou ela.

“Olha, Ava, é o seguinte... Eu não estava brincando sobre as mulheres da minha família estarem indo para o seu escritório. Elas vão emboscá-la e sequestrá-la para uma intervenção de planejamento de casamento. A única forma de detê-las é se eu sequestrá-la para um lugar seguro.”

“Que tipo de intervenção?” De repente, Ava percebeu que nunca tinha nem mesmo considerado a possibilidade de que algum dos Ortega ficasse insatisfeito de que ela e Mateo estivessem noivos. “Elas querem nos impedir?”

“Muito pelo contrário”, disse Mateo. “Cada uma das parentes que eu tenho está num estado de delírio nupcial. Todas elas estão psicóticas em relação aos mínimos detalhes. Algo que precisa ser feito, é claro, mas eu não sabia se você queria ser arrastada pelo entusiasmo desenfreado delas ou se você queria fugir e me encontrar para que pudéssemos tomar uma abordagem mais racional.”

Uma abordagem mais racional? Esta dificilmente era uma noção romântica, mas Mateo Ortega não era um homem que estivesse apaixonado por ela, Ava se lembrava. Ele era um homem com quem ela tinha feito um acordo. Nada além disso. Ela precisava se lembrar disso. E mesmo que ela gostasse que a família de Mateo os apoiasse, a ideia de elas sequestrando-a para planejar o casamento era um tanto quanto exagerada.

“Trinta minutos são o suficiente. Onde você quer se encontrar?”, perguntou ela.

Mateo sugeriu uma cafeteria que não era muito longe do condomínio de Ava. Assim que eles concordaram a hora, ela rabiscou um bilhete para Marti e três outros membros da equipe que tinham saído para fazer vendas, dizendo-lhes que ela estaria trabalhando em casa naquela noite. Algo que – ela prometeu a si mesma – faria depois de um rápido cafezinho com Mateo. Quando saiu com o conversível da vaga do estacionamento, Ava sentiu um sentimento de gratidão pelo seu novo noivo por salvá-la do bando de organizadoras de casamento que estava no seu caminho.

**

Mateo cruzou a cafeteria com uma xícara fumegante de café preto em cada mão. Ele ficou surpreso em saber que Ava também evitava o que ele chamava de ‘café chique todo enfeitado’. Ela gostava de café forte e preto, assim como ele. Ele ficou pensando o que mais eles tinham em comum. Quando ele chegou à mesa, entregou-lhe uma xícara, sentou-se à frente dela e levantou a sua xícara. “Ao planejamento racional do casamento.”

Ava sorriu. “Em relação a isso, eu estava pensando que se o Sr. O não estiver forte o suficiente para ir ao tribunal, tenho certeza de que podemos conseguir que um juiz de paz venha até a casa da sua família para uma rápida cerimônia.”

Mateo levantou as sobrancelhas. “Um juiz de paz?”

“Sim”, confirmou Ava com a cabeça. “Acho que não chegamos a discutir isso, mas imaginei que você iria querer fazer isso da forma mais rápida possível, considerando a saúde frágil do seu avô.”

“Você pensou corretamente, Ava, mas não é tão simples assim.” Ele ficou de pé. “Vamos dar uma caminhada.”

Eles andaram juntos em companhia do silêncio por alguns momentos, que deram a Mateo a chance de refletir sobre o que ela tinha dito na cafeteria. Certamente ela não achava que uma simples cerimônia de

casamento de cinco minutos iria satisfazer alguém da família dele. Ele precisava se lembrar que ela vinha de uma pequena família e que tinha estado longe da família dele por muito tempo. Durante esse tempo, o clã Ortega tinha crescido com a adição de novos maridos, esposas e inúmeros novos bebês. As reuniões de família estavam ficando maiores, e não menores. Ele olhou para Ava. Como será que ela iria reagir quando ele lhe dissesse que a ideia dele de casamento não tinha nada a ver com cinco minutos rápidos na frente do juiz de paz local? Ele tomou um gole de café. Só tinha um jeito de descobrir.

“Ava”, disse ele, “acho que nós temos ideias diferentes. Sobre o casamento.”

Ela parou de andar e olhou para ele. “Qual é a sua ideia?”

“Não é com um juiz de paz.” Ele andou em direção a um banco perto de uma fonte feita de tijolos. “Vamos nos sentar?” Quando estavam sentados, ele se virou para ela. “Talvez eu não tenha sido claro quando propus todo esse cenário para você. Tudo aconteceu tão depressa.”

Ava olhou para o seu anel. “Eu que o diga.”

Ele sorriu forçadamente. “Eu sei, foi intenso, não foi? E estou mais do que grato a você do que você poderia sequer imaginar por concordar em –”, ele parou de falar, sem tanta certeza de como expressar o acordo que tinham feito.

“Casar com você?”, complementou Ava. “Ou fingir casar com você. Eu nem sei se terminamos de planejar isso.”

Ele concordou com a cabeça. “Acho que planejamos até o momento de nos divorciarmos.”

Eles ficaram sentados em silêncio por um longo momento escutando o som da água respingando na fonte. Ele olhou de lado para ela. “Você está mudando de ideia?”

Quando ela se virou para olhar para ele, Mateo se maravilhou mais uma vez de como os olhos dela eram incrivelmente azuis, como a cor do céu em um perfeito dia de primavera. Ele duvidava de que algum dia fosse se cansar de olhar para eles, ou para ela, mas o tempo não estava do lado deles.

“Não, Mateo, não estou mudando de ideia”, disse ela. “Mas admito que estou confusa com o que estamos fazendo.” Ela tomou um gole de café. “Precisamos fazer uma lista.”

Isso o fez sorrir. “Como uma lista de compras?”

Ela lhe devolveu o sorriso. “Seria mais uma enorme lista do que fazer.” Ela se levantou. “Vamos voltar para o meu condomínio e eu preparo o jantar para você. Podemos fazer uma lista completa e dividir o trabalho básico. Quero dizer, a menos que você tenha outra coisa para fazer hoje à noite. Desculpe, eu devia ter perguntado.”

Mateo se levantou e colocou a mão na cintura dela. “Vá na frente. Sou todo seu.”

**

Ter Mateo no seu condomínio lembrava a Ava de como o lugar onde ela morava era pequeno e como era raro que ela recebesse visitas. Enquanto preparava uma salada grega, ela percebeu que muito da sua vida iria mudar quando se tornasse uma Ortega. Iriam sumir as noites calmas e os fins de semana solitários com os quais ela estava acostumada, pelo menos se o celular de Mateo servisse como referência. Desde o instante em que chegaram à casa dela, o celular dele não tinha parado de vibrar, tocar ou fazer barulho.

“Tudo bem, você pode atender”, disse Ava enquanto colocava na mesa a tigela de madeira com a salada. “Eu não me incomodo.”

“Mas eu me incomodo”, respondeu Mateo. “Eu o desligaria, mas não quero perder uma chamada no caso de o Abuelo precisar de alguma coisa.”

Ava enfiou as mãos nas luvas e puxou um pedaço de pão fermentado do forno. “Você é tão bom para o seu avô.”

“Ele tem sido bom para mim. Qualquer coisa que eu puder fazer é uma pequena retribuição por um milhão de gentilezas.” Mateo deu a volta para pegar o pão com ela. “Pode deixar comigo.”

Apesar do tamanho dele e do fato de que ele ocupava quase toda a minúscula cozinha dela, Ava gostava de ter Mateo tão perto. Eles terminaram de colocar a mesa e Ava abriu uma garrafa de vinho branco. Quando estavam sentados em cadeiras um de frente para o outro, ela entregou para ele uma taça de vinho. Ela levantou a sua taça. “Ao Sr. O.”

Mateo deu um triste meio sorriso quando as taças se tocaram. “Que os últimos dias dele sejam felizes.”

Eles não tinham dado mais do que algumas mordidas na refeição antes que o celular de Ava tocasse. Pretendendo ignorá-lo, ela deixou que a chamada fosse encaminhada para o correio de voz. Mas o celular tocou de novo. Quando ela o pegou de cima do balcão, viu que era a sua corretora. E Jessie – Ava sabia muito bem – não era nada além de insistente.

“Então, temos um acordo?”, disse Jessie num impulso, antes que Ava terminasse de dizer alô. “Esperei receber uma notícia sua, Ava, mas você não entrou mais em contato. O que está acontecendo? Como foi o seu jantar com o homem misterioso?”

Ava olhou para Mateo, do outro lado da mesa. O homem misterioso. “Na verdade, estamos noivos.”

O grito agudo de Jessie foi alto o suficiente para que Mateo o ouvisse. Ele deu um risinho, o que fez Ava sorrir. Mais uma vez. Já fazia séculos que ela não sorria tanto. Ela se sentia bem estando feliz, e isso facilitava fingir não ouvir os pequenos sinos na sua mente que queriam lhe lembrar que tudo isso era temporário. De mentirinha. Não de verdade.

Ela voltou a atenção novamente para a corretora. “É sério, não estou brincando, Jessie. Mas é uma longa história e posso te contar tudo amanhã.”

“Amanhã? Não tem perigo de eu esperar até amanhã. Vou para aí agora mesmo.”

“Espere, Jessie, nós nos falamos amanhã.” A última coisa que Ava precisava era que uma Jessie empolgada demais aparecesse e interrogasse Mateo. “Eu prometo.” Depois de pronunciar mais alguns comentários tranquilizadores, Ava terminou o telefonema e desligou o celular.

Ela encontrou o olhar bem-humorado de Mateo. “O que foi?”

Ele deu de ombros. “Você cuidou disso tão bem que não me preocupo em como vai lidar com a minha mãe quando ela chegar em casa.”

Com a taça de vinho na metade do caminho para os seus lábios, Ava fez uma pausa. “Seus pais.” Ela colocou a taça na mesa e se encostou na cadeira. “Você contou para eles?”

Mateo empurrou o prato para o lado e se inclinou para a frente, com os cotovelos se apoiando na mesa, como se estivesse batendo um papo com um velho amigo em vez de estar discutindo a reação da sua mãe com a sua noiva de mentirinha. Ava invejou o frio sentimento de calma dele.

“Se eu contei para eles que estou noivo? Sim.”

“E?” Ava deu a deixa para que ele explicasse mais.

“E o quê?”, perguntou Mateo, com um brilho provocador nos olhos. “Você quer saber como a minha mãe recebeu a notícia de que vamos nos casar?”

Ava fez que sim com a cabeça. Nada no jeito de Mateo indicava que ele estivesse incomodado ou preocupado com a resposta dos seus pais, porém, novamente, ela lembrou a si mesma que ainda havia muitas coisas que ela não sabia sobre Mateo Ortega. “Diga-me, por favor.”

“Meus pais ficaram totalmente surpresos, pegados desprevenidos provavelmente é a forma mais precisa de descrever isso.” Ele bebeu o resto do vinho e fez um gesto com a mão para recusar quando Ava levantou a garrafa. “Mas acho que eles dois entendem que o tempo é o fator principal se quisermos que o Abuelo esteja bem o suficiente para aproveitar a festa de casamento.” Ele se levantou e empurrou a cadeira. “Mais do que qualquer outra coisa, acho que eles estão incomodados por que não vão conseguir voltar a tempo.”

Ava ficou olhando sem palavras por um momento, enquanto Mateo juntava os pratos e os levava para a cozinha. Nada do que ele tinha acabado de dizer fazia nenhum sentido.

“Como seus pais podem saber que não vão conseguir voltar a tempo, se nós ainda nem definimos a data?”, perguntou ela.

“Nós vamos definir a data agora mesmo”, respondeu Mateo. Ele colocou o seu celular no bolso e pegou as chaves. “Eu estava esperando que você pudesse conseguir alguns dias de folga do trabalho.”

Ava se sentiu como se ela fosse uma passageira de um trem fugitivo. “A partir de quando?”

“Amanhã.”

Mateo esticou o braço e colocou uma mecha solta do cabelo de Ava atrás da orelha dela. O toque dele foi incrivelmente carinhoso. Ela se arrepiou.

“Amanhã?”, repetiu ela, surpresa. “Por quanto tempo?”

“O que estou pensando é o seguinte. Amanhã, nós escolhemos o seu vestido e passamos o dia fazendo planos. Depois de amanhã, fazemos o ensaio do casamento e pegamos os documentos no cartório, e, no dia seguinte, nós nos casamos.”

“Você faz isso tudo parecer tão fácil.” Ava mal sabia por onde começar a contra-argumentar em relação ao turbilhão que ele tinha proposto. “É impossível organizarmos um casamento tão rápido assim.”

Mateo se inclinou e a beijou no rosto. “É possível e nós vamos conseguir, confie em mim. Apenas consiga alguns dias de folga e eu cuido do resto. Eu vou buscá-la às dez horas no seu escritório, amanhã de manhã, se estiver tudo bem com você.”

Ava concordou com a cabeça. “Então é isso? Você realmente acha que podemos organizar tudo tão rapidamente?”

Mateo deu um risinho enquanto saía pela porta da frente. “Depois disso, nós fazemos uma lua de mel curta, o que, tenho certeza, será a parte fácil. Boa noite, Ava.”

A parte fácil? Ava encostou a cabeça na porta quando Mateo foi embora e fechou os olhos. Não. Nada em relação a isso era fácil, e ela ficou pensando se não tinha cometido o maior erro da sua vida.

Capítulo Oito

Ava precisou de menos tempo do que tinha pensado para resolver o seu cronograma de trabalho, o que apenas reforçou a sua crença de que uma boa assistente administrativa valia ouro. “Obrigada, Marti. Você facilitou as coisas.” Ela se encostou na cadeira e sorriu para a mulher do outro lado da mesa. “De fato, é quase preocupante como as coisas parecem funcionar bem quando eu estou fora.”

Marti riu. “Não se engane. Você está apenas numa calmaria depois da tempestade e teve sorte de não haver grandes eventos agendados para as próximas semanas.” Ela parou e pensou por um momento. “Sabe, Ava, não é nada o seu estilo tirar dias de folga. Então por que não agendamos para você férias de verdade para o final do ano, enquanto ainda estamos com os nossos calendários livres. Depois podemos simplesmente organizar as coisas à medida que agendarmos os eventos para o resto do ano.”

Ava mordeu o lábio, mas não respondeu. Concordar em se casar com Mateo tinha virado todo o seu mundo de cabeça para baixo. Planejar – algo em que ela costumava ser muito boa – agora parecia praticamente impossível, já que o seu dia-a-dia parecia ser um furacão. Eventualmente, ela teria que contar a verdade a Marti sobre o seu noivado com Mateo. Ou, se não contasse toda a verdade, pelo menos teria que compartilhar o fato de que estava se casando. “Não tenho certeza dos meus planos –”

Marti levantou uma mão. “Não me dê a mesma desculpa esfarrapada de que você não quer viajar sozinha de novo, chefe.”

“Não é isso”, protestou Ava.

“Então a sua próxima objeção vai ser que você acha que não conseguimos cuidar das coisas por aqui.”

“Não é isso que eu ia dizer, e, só para constar, eu sei que todos vocês podem segurar as pontas.”

Marti sorriu. “Ótimo, então não tem nenhum motivo sequer para eu não poder agendar para você um cruzeiro para solteiros no Caribe.”

Os olhos de Ava se arregalaram. “Um cruzeiro para solteiros? Marti!”

A assistente dela revirou os olhos com certo desdém. “Sim, um cruzeiro. Você sabe, sol, mar, relaxamento.”

Ambas desviaram o olhar ao ouvirem o som de uma batida na porta do escritório de Ava. “Um cruzeiro? Você já está planejando a lua de mel e eu só ouvi falar do noivado.” Era Jessie. “Será que podemos parar esse trem para que eu possa subir a bordo? Porque estou perdida.”

Ava cumprimentou a corretora e acenou para que ela entrasse. “Ainda nem chegamos na fase de planejar a lua de mel.”

Marti levantou uma mão. “Opa, uma lua de mel? Para a Ava?” Ela se virou para Jessie. “Como você está bem mais informada do que eu, por favor, conte-me. Eu não ouvi uma única palavra sobre nada disso. Você está falando sério?” Ela olhou para a mão esquerda de Ava e esbugalhou os olhos. “Ah, espera, o seu anel. Oh, meu deus do céu, Ava, como você pôde esconder isso de mim?”

Ava abriu a boca, mas Jessie falou primeiro. “Na verdade, não acho que Ava esteja escondendo algo de nós, Marti. Eu acho”, ela deu um olhar sorrateiro para Ava, “que ela se apaixonou perdidamente por um homem misterioso e está correndo para o altar.”

Marti olhou para um lado e para o outro, entre as duas mulheres, antes de fixar o olhar na chefe. “Ela está falando sério, Ava? Não estou te reconhecendo. Você mal sai para um encontro. Você mal –”

Era a vez de Ava de interromper. “Ok, se vocês duas deixarem eu me explicar, eu conto o que está acontecendo.” Pelo menos uma parte, pois ela não ia lhes contar que o noivado dela com Mateo não passava de um favor que ela fazia para ele. “Em primeiro lugar, Mateo não é um estranho. Eu já o conheço há anos.”

“Como você o conhece?”, perguntou Marti.

Jessie riu.

“Eu cresci perto da casa dos avós de Mateo. Eu conheço toda a família Ortega desde sempre.” Ela olhou para o anel de noivado e sorriu com a lembrança do amável sorriso e dos calorosos abraços de Beatriz Ortega. “Então, Mateo e eu conhecemos um ao outro praticamente desde sempre.”

“Mas já faz bastante tempo que você não namora, não é?”, perguntou Marti. “Então, como e quando vocês dois se reencontraram?”

Jessie falou antes que Ava tivesse a chance. “Mateo fez uma oferta na casa que Ava colocou recentemente à venda”, explicou ela a Marti, e se virou para olhar para Ava. “Então suponho que vocês vão morar lá agora, não é? Nós temos que tirá-la de venda.”

“Espere, não tenho certeza do que estamos fazendo.” Ava girou o anel no seu dedo.

Jessie e Marti trocaram olhares confusos.

“Sobre o quê?”, perguntou Marti. “A casa ou o casamento?”

Sobre tudo. Mas isso era mais do que Ava queria compartilhar. “Vocês duas têm que ver que tudo isso aconteceu muito rápido. Eu não estou aguentando, simplesmente tem muitas coisas que Mateo e eu ainda não resolvemos.” Deus sabia que essa era a verdade.

“Mas você está feliz, não está, chefe?”

Ava hesitou apenas um segundo antes de concordar com a cabeça. “Eu mal consigo colocar em palavras.” Será que este iria ser o seu novo talento? Dizer apenas o suficiente para ser honesta e evasiva ao mesmo tempo? Se ela não tomasse cuidado, iria acabar se candidatando para um cargo político. “Mateo é um homem maravilhoso. Ele é gentil, atencioso e afetuoso.”

“E lindo?”, Marti deu uma risadinha.

Ava sorriu. “E lindo.”

“Bem, isso é algo que um homem gosta de ouvir de manhã cedo.” Mateo estava de pé na porta, com um sorriso provocador no rosto. “Olá senhoras, espero que não se incomodem com a interrupção. Não havia ninguém na recepção.”

Ava retribuiu o sorriso. Era impossível fazer diferente. Simplesmente tinha algo tão vívido, tão gentil, tão real sobre isso. Sobre ele. “É claro que você é bem-vindo, pode entrar.” Ela rapidamente apresentou Marti e Jessie a ele. “Estávamos falando exatamente de você.”

“Eu ouvi.” Ele foi até a mesa, inclinou-se e lhe deu um beijo na boca. “Não me deixe interrompê-la.”

Confusa, Ava olhou para as suas companheiras, que estavam sorrindo largamente. Ela pôde sentir o rosto ficando vermelho. Como isso era ridículo! Ela precisava conseguir se controlar e parar de reagir dessa forma com o seu noivo de mentirinha. “Na verdade, acabamos de terminar. Marti e eu organizamos o nosso calendário por alguns dias, como conversamos.”

Mateo sorriu. “Excelente. Estamos no caminho certo.”

“Em que mês vocês estão pensando se casar?”, perguntou Marti. “Eu posso começar a procurar algumas informações preliminares sobre locais, se vocês quiserem. Os melhores lugares podem ser reservados com um ano de antecedência.”

Ava olhou para Mateo. Ele tinha uma expressão bem-humorada. Ele fez um sinal com a cabeça para ela, que ela entendeu como uma indicação de que estava tudo bem em contar as novidades de que eles iriam se casar em poucos dias, e não em meses. Ela se virou para a assistente e sorriu. “Obrigada, Marti. Você é sempre tão rápida em ser prestativa, e eu provavelmente não lhe digo o suficiente o quanto aprecio isso em você.” Ela fez uma pausa por um momento e, em seguida, decidiu contar tudo. “A questão

é que... estamos pensando...” mas a voz dela sumiu. Por que isso era tão difícil? Provavelmente porque nada disso parecia real.

“Ava e eu vamos nos casar depois de amanhã”, disse Mateo.

Isso causou precisamente a reação que Ava estava pensando. Elas se sentaram, como se estivessem chocadas. Ava certamente entendia, pois ela mesma ainda estava se acostumando com a ideia.

“Eu adoraria que vocês duas viessem”, disse ela. “Apesar de eu saber que é um convite de última hora.”

“Não, não, é claro que não”, corrigiu Jessie. “Eu adoraria ir.”

“Eu também”, complementou Marti. “Tá brincando? Não tem perigo de eu perder o seu casamento.” Ela olhou em direção à porta aberta do escritório. “Tenho que guardar segredo, ou você está planejando contar ao resto da equipe?”

Ava suspirou profundamente. Ela precisava do oxigênio extra para clarear os seus pensamentos. O mundo dela parecia um carrossel que girava cada vez mais rápido. Parecia loucura convidar a sua equipe para um casamento que não parecia real, mas ela não queria correr o risco de magoar os sentimentos de ninguém não convidando a todos. “É claro, todos estão convidados. Marti, será que você pode espalhar a notícia, enquanto eu pego os detalhes para todos até o final do dia?”

A assistente concordou com a cabeça. “Com certeza. O que mais eu posso fazer?”

Para o alívio de Ava, Mateo entrou na conversa. “Acho que a minha família já organizou quase tudo, mas obrigado pela oferta. Jessie, vamos falar com você em breve sobre a casa, se você não se incomodar. Só não quero apressar Ava em relação à escolha de onde vamos morar.”

Ava sorriu para ele, grata de que ele tenha respondido à pergunta implícita de Jessie com tanta *finesse*. Ele colocou a mão no ombro de Ava e a deixou lá, enquanto conversava um pouco com Marti e Jessie. O toque dele era afetuoso e reconfortante.

Ela olhou para o relógio e depois para Mateo. “Acho que é melhor começarmos a seguir a lista, se quisermos alcançar o impossível hoje.” As amigas dela tinham expressões igualmente confusas, então ela logo acrescentou, “Nós vamos tentar achar um vestido de noiva.” E fez uma careta. “Desejem-me sorte.”

Mateo riu. “Você vai ficar linda de qualquer jeito.” Ele pegou a mão de Ava e a puxou para que ela se levantasse. “O problema vai ser escolher um que você goste mais.”

“Ohh... isso é tão romântico”, disse Marti. “Totalmente inesperado e uma enorme surpresa, mas tão romântico.”

Romântico. Ava conseguia ver como parecia dessa forma, quando se estava olhando de fora. De repente, ela tinha um noivo lindo, atencioso e devotado que queria se casar com ela o mais rápido possível. Seria incrivelmente romântico, se pelo menos algo disso tudo fosse real.

**

Mateo se sentou bem na borda de uma delicada cadeira de cetim rosa que ele duvidava que aguentaria por muito mais tempo um homem do seu tamanho. Ele olhou para cima, para o lustre de cristal que estava pendurado em cima dele. ‘Opulento’ era a melhor palavra para descrevê-lo, e combinava perfeitamente com a pequena boutique de noivas. Ele só esperava que o lustre estivesse tão preso ao teto quanto estava polido. Ele se sentiu como um animal enjaulado, mas não tinha para onde ir, nenhum lugar nem mesmo para caminhar, enquanto esperava por Ava.

A Boutique de Noivas da Maricela tinha sido uma recomendação da sua irmã mais nova. Ela conhecia a proprietária e garantiu a ele que, considerando o porte franzino de Ava, Maricela conseguiria encontrar um vestido no estoque que coubesse nela. Obviamente a irmã dele tinha telefonado antes, pois quando ele entrou com Ava na loja, Maricela os tinha cumprimentado com entusiasmo. Mas entusiasmo dificilmente era a palavra para descrever a reação de Ava à abundância de vestidos de noiva pendurados

em cada parede. Ele podia dizer, pelo rosto dela, que ela concordava que a loja de noivas parecia uma selva de cetim, seda, cristais e pérolas.

“Será que algo tão formal é realmente necessário?”, sussurrou Ava antes que Maricela a puxasse rapidamente para trás da cortina de veludo vermelho. “Eu ficaria bem usando um simples vestido ou um conjuntinho da prateleira. Mas se você quiser que eu use um vestido de noiva, eu vou usar.”

Mateo agradeceu com um sorriso, sem conseguir pensar em uma forma de expressar adequadamente a sua gratidão. Ele se sentia culpado, assim como grato. Antes de isso tudo terminar, antes de ele dizer adeus a Ava, ele precisava encontrar uma forma de expressar adequadamente a sua gratidão do fundo do coração, por ela estar disposta a ir em frente com essa farsa só para tornar felizes os últimos dias do avô dele. Mas como ele poderia lhe agradecer por tanta bondade e sacrifício?

Quem quer que fosse o homem que um dia conquistasse o coração de Ava, seria incrivelmente felizando em poder chamá-la de esposa. Mateo ficou de pé e colocou as mãos nos bolsos. Ele observou a cortina de veludo. Exatamente quanto tempo levava para se escolher um vestido?

Um momento depois, Maricela puxou a cortina. “Ela encontrou o vestido certo.”

Mateo olhou o relógio. Meia hora. Poderia ter sido pior. As irmãs dele teriam levado dias. “Maravilha. Deixe-me ver.”

A proprietária sorriu. “Ah, não, meu jovem, sem chance, isso não vai acontecer. Primeiro de tudo, precisamos fazer alguns pequenos ajustes para que ele fique perfeito.” Ela deu um sorriso largo. “E, além do mais, é um tabu ver a noiva no vestido antes do casamento. Não se começa uma nova vida juntos com azar.”

Ava apareceu atrás dos ombros de Maricela. “Nós não estamos preocupados com azar, estamos, Mateo?” Sem esperar que ele respondesse, ela delicadamente arroudeou a dona da loja de noivas e entrou num pequeno ateliê da boutique.

Mateo ficou olhando para ela, sem conseguir falar. Ele não conseguia encontrar palavras para descrever aquela visão de encanto na qual a sua noiva estava. Ele sempre a tinha achado atraente, mas agora que Ava estava de pé diante dele, ele sabia que nunca tinha visto, nem jamais veria novamente, uma mulher tão linda. Ele a contemplou com os olhos, percorrendo-a da cabeça aos pés. Magicamente, o vestido que ela tinha escolhido se ajustava perfeitamente, como se tivesse sido feito exclusivamente para o corpo dela. Ele se sentiu como se estivesse olhando para a realeza. “Ava”, foi tudo que ele conseguiu dizer. Ele esperava que ela conseguisse ver a apreciação no seu olhar. O sorriso dela lhe garantiu que ela tinha uma vaga indicação de como ele se sentia.

“Eu adoro este vestido”, disse ela. Ela subiu numa plataforma em frente a um conjunto de três espelhos. Virou-se de lado e empurrou a frente do vestido para baixo. “O que você acha? É isso que você tinha em mente ou está formal demais?”

“Formal demais? Não, Ava. Está perfeito.” Mateo ficou maravilhado de como o vestido parecia, como se tivesse sido especialmente desenhado e costurado só para ela. “Você está incrível.” Incapaz de tirar os olhos dela, Mateo deu um passo em sua direção, repentinamente não querendo nada mais no mundo do que abraçá-la junto a si.

Maricela, que tinha testemunhado a conversa com um ligeiro sorriso no rosto, entrou no meio deles. “Certo, você pode guardar o que têm a dizer para o dia do casamento, Mateo.” Ela guiou Ava de volta à área dos provadores, dando um rápido olhar para Mateo. “Lembre-se que vocês dois vão passar a vida toda juntos.”

Mateo se sentou, sentindo-se repentinamente abandonado. O que, a princípio, tinha parecido a solução perfeita para os seus problemas, logo o fez se sentir vazio. E solitário.

Capítulo Nove

Quando a decisão tinha sido tomada sobre o vestido de noiva, Ava ficou surpresa de como todas as outras coisas rapidamente se encaminharam. Foi extremamente útil que Mateo tivesse um contato na sua família para tudo mais que eles precisavam. A melhor amiga da prima dele administrava uma loja de flores, e ela foi generosa o suficiente para ajudar Ava a escolher um buquê simples, porém elegante, de rosas na cor creme e lavanda. Outra prima, que era uma mãe em tempo integral, tinha um negócio de bolos de casamento na própria casa. Como é que ela conseguia criar bolos incrivelmente lindos enquanto corria atrás dos pequenos gêmeos era algo que Ava não conseguia imaginar. Mas a amostra do bolo que eles experimentaram era divina, e os desenhos sobre o bolo eram quase elegantes demais para serem comidos. Um cunhado de um primo, que era um padre ordenado, tinha concordado em oficializar a cerimônia. A música para a cerimônia e a recepção também estavam seguras nas mãos da família Ortega, Mateo garantiu a Ava. Então não havia realmente mais nada de prático para preocupá-la, Ava percebeu, exceto por encontrar uma forma de convencer Mateo de que ela estava disposta e podia pagar pela metade de tudo.

“Considerando que é o meu casamento, acho bastante justo que eu pague a metade da conta”, disse Ava. Eles tinham acabado de se encontrar com um fotógrafo, que também era um amigo da família Ortega e que lhes garantiu que ficaria encantado em registrar o dia de felicidade deles para a posteridade. Ouvir isso deixou ambos muito desconfortáveis, porém, como guardiões de um segredo compartilhado, eles lhe agradeceram pela sua disposição em encaixá-los na sua apertada agenda. Ava tirou os óculos escuros de dentro da bolsa e olhou para Mateo.

“Este também é o meu casamento”, respondeu Mateo, com um sorriso um pouco desafiador e bastante charmoso.

Apesar de estarem de pé perto do carro dele em um estacionamento público, Ava sentiu repentinamente como se só existissem eles dois no mundo. Cada vez mais, o seu noivo estava causando aquele efeito nela, o que a fez ainda mais determinada em continuar independente. Seria muito fácil para ela se perder dentro do mundo de Mateo. Dentro do próprio Mateo. Ela se esforçou para ficar focada no assunto em questão. “Esse não é um bom argumento, Mateo.”

O sorriso dele era amável. “Ava, eu respeito completamente que você seja uma mulher independente. Mas não se trata de dinheiro. Eu sei que você pode bancar essas despesas, mas nós dois também sabemos que esta não é uma situação normal.” Ele se encostou no carro. “Todo esse casamento é um favor para mim, para a minha família, e você já fez mais do que o suficiente. Eu não posso aceitar o seu dinheiro. Esta é a minha última palavra sobre este assunto.”

As sobrancelhas de Ava se levantaram.

Ele fez uma expressão embaraçada. “Certo, bem, acho que esta não é uma forma muito respeitosa de um marido falar com a sua esposa, hein? Deixe-me colocar isso de outra forma. Será que você poderia, por favor, concordar que é simplesmente apropriado que eu financie essa coisa toda?” Ele pegou a mão dela e a puxou para mais perto. “Que tal?”

Ela só pôde concordar com a cabeça. Ela não confiava na própria voz, que podia traí-la por causa do desejo que ela tinha por ele. Estar tão perto dele tinha um efeito muito profundo sobre ela.

“Então, agora só falta a lua de mel”, disse Mateo. Ele apertou a mão dela. “Alguma ideia sobre esse assunto?”

Nenhuma que ela fosse confessar. Ela limpou a garganta. “O que você tinha em mente?”

“Sedona?”

Ava sorriu. Sedona, uma cidade ao norte de Phoenix, famosa pelos seus cânions de rochas vermelhas e o seu cenário de tirar o fôlego, parecia perfeito. Exceto que ela não achava que uma lua de mel fosse ser necessária, o que disse a Mateo.

“É claro que é”, contestou ele. “Você não acha que, depois da loucura que é a minha família em massa, nós temos que aproveitar uma escapada por alguns dias para um lugar tranquilo?”

“Nós poderíamos ficar em paz e tranquilos nas nossas respectivas casas.” Onde morar era todo um outro assunto que eles ainda tinham que tratar. Eles iriam morar juntos? Ou seria melhor que cada um deles ficasse na sua própria casa, enquanto deixassem a família de Mateo pensando que estavam morando juntos? Será que ela deveria manter a casa da sua mãe à venda ou tirá-la do mercado por mais alguns meses?

Mateo se abaixou e tentou acalmar o olhar dela. “Diga-me por que está franzindo as sobrancelhas desse jeito e eu posso ajudá-la a encontrar uma solução.”

“Há tantas decisões para serem tomadas, e eu não quero tomar a decisão errada.”

Em resposta, Mateo avançou e a colocou entre os braços. Ava repousou a cabeça contra o peito dele, sabendo que deixá-lo abraçá-la era brincar com fogo. Mas ela não queria se mexer. Haveria tempo o suficiente nos meses seguintes, nos quais ela estaria sozinha.

“Eu acho”, murmurou ele com a boca no cabelo dela, “que nós deveríamos morar juntos. Amanhã seria o momento ideal para fazermos as malas, antes do ensaio. O que você acha?”

Ela recuou e olhou nos olhos dele. “Vamos nos mudar para a casa da minha mãe.” Não era isso que ela estava planejando de manhã, e ela ficou bastante surpresa ao dizer isso, contudo, de alguma forma, parecia ser o certo a se fazer. Pelo pouco tempo que eles tinham juntos, ela queria experimentar o máximo possível de Mateo.

Mateo colocou o dedo indicador no queixo de Ava e inclinou a cabeça dela. “Você tem certeza?”

Ela concordou com a cabeça, com os olhos fixos nos lábios dele. Um sentimento afetuoso e feliz percorreu o seu corpo, enquanto Mateo abaixou os lábios dele em direção aos dela e lhe deu um suave beijo.

“Obrigado”, sussurrou ele, com a voz rouca.

Ava sorriu. “Nada disso parece real.”

“Eu sei, vai ser como brincar de casinha.” Ele sorriu forçadamente. “Então talvez devêssemos começar a fazer as malas hoje.”

A verdade das palavras de Mateo acertaram na mosca. Ava sabia que ela estava brincando. Com fogo. Porque, apesar do que Mateo tinha dito, isso era mais do que brincar de casinha. Era brincar com o seu coração. Todo pedaço de razão que ela ainda tinha em si estava avisando-a para tomar cuidado. Porém, entre a atração do sorriso caloroso e do coração bom de Mateo, entre o forte desejo dela de tornar felizes os últimos dias de Joaquin Ortega e o forte desejo de fazer parte da família Ortega, mesmo por um período tão curto, ela não podia desistir. Ela não queria desistir do acordo deles, qualquer que fosse o preço quando toda a farsa tivesse acabado.

“O que você acha de irmos para o meu apartamento e pegarmos alguns móveis para nos mudarmos para a sua casa?”, perguntou Mateo.

Ava sorriu para ele. “Eu topo.”

**

Embora provavelmente não devesse ter se surpreendido, foi exatamente isso que aconteceu, quando Ava viu a condição do apartamento de Mateo. Ele era arrumado e limpinho, porém minimamente decorado.

Apenas algumas fotos de família eram exibidas em uma prateleira. Várias outras estavam repletas de livros, mas os cômodos davam a impressão de um lugar onde ele comia, dormia e trabalhava um pouco às noites.

“Você mora aqui há muito tempo?”, perguntou Ava, enquanto Mateo fazia para eles dois uma xícara de café.

Ele deu de ombros. “Faz um tempo.” Ele lhe entregou uma xícara, que ela aceitou agradecidamente. “As minhas irmãs estão se oferecendo constantemente para fazer alguma reforma aqui.” Ele sorriu com tristeza. “E mesmo que eu agradeça as ofertas delas, tenho que recusá-las, pois não faço a menor ideia do que estão falando.”

Ava riu. “Falou como um verdadeiro solteiro.”

“Não por muito tempo.” Mateo se sentou numa poltrona estofada e indicou que ela se sentasse na outra.

“Isso o assusta?”, perguntou Ava.

“Por incrível que pareça, não.” Mateo deu um gole longo e lento no café antes de falar novamente. “E você?”

“Na verdade, não, o que por si só já é algo estranho. Fico imaginando o que isso significa em toda a situação.”

“Você acha que é necessário analisar isso, Ava?”

“Estranhamento, acho que não, o que é totalmente diferente do que eu acharia.”

“Tem muitas coisas que eu não sei sobre você, Ava.”

“Por exemplo?” Alguma coisa no jeito como ele estava olhando para ela fazia o coração de Ava acelerar, mas ela deu tudo de si para não demonstrar isso.

“Por exemplo... fico pensando em como você é assim que acorda de manhã cedo.”

Ela riu. “Provavelmente assustadora. O que mais?”

“Eu fico pensando em que manias chatas você tem. Ainda não vi nada em você que eu não ache encantador.”

Ava sorriu. “Estamos apenas nos primeiros dias, Mateo.”

Ele concordou com a cabeça. “Permita-me fazer mais uma pergunta indiscreta, então. Pode ser?”

Ela concordou com a cabeça.

Mateo colocou a xícara de café na pequena mesa entre eles e se inclinou para a frente. Os olhos dele encaravam os dela. “Por que você ainda não se casou?”

Ava olhou para o outro lado.

“Olhe para mim, Ava.” A voz dele era forte, porém gentil. Mais persuasiva do que impositora.

Ela fez como ele pediu, olhando diretamente dentro dos calorosos olhos castanho-escuros dele. “A verdade?”

“Nada além da verdade”, disse ele.

Ela deu um profundo suspiro e disse em voz alta o que nunca tinha admitido para si mesma. “Eu não queria me machucar.” Ela apertou mais forte as mãos ao redor da xícara. “Eu não queria ser abandonada e ter o coração partido nunca mais.”

Antes de Ava ter tempo para suspirar profundamente, Mateo estava de joelhos diante da cadeira dela. Ela deixou que ele pegasse a xícara dela e a colocasse na mesa ao lado da dele. Quando ele pegou as mãos dela, o calor do seu toque se espalhou pelo corpo dela.

“Ava, a última coisa que eu quero é machucá-la.” Mateo apertou ambas as mãos dela gentilmente. “Eu quero que você se sinta segura comigo, que confie em mim.” Ele levantou a mão e percorreu o rosto dela com a ponta dos dedos. “Querida, se você quiser cancelar tudo isso –”

Ava não deixou que ele terminasse a frase. “Não, Mateo, eu quero fazer isso.”

Ele deu um sorriso amável. “Seria melhor se nós não nos casássemos de verdade? E voltássemos ao plano A, onde apenas fingiríamos nos casar?”

“Não.” Ela balançou a cabeça enfaticamente. “Você pode realmente encarar o Sr. O, se estivermos mentindo descaradamente para ele? Acho que você não pode, e sei que você não quer.”

Ele abaixou a cabeça e beijou suavemente os dedos dela. “Você é uma pedra preciosa.” Ele se levantou e a puxou também. “Você tem razão.”

“Simplesmente o que toda mulher gosta de ouvir.” Ava deu um risinho. Ela recuou, relutantemente, porque se havia uma coisa em todo o mundo que ela queria naquele momento, era que Mateo a pegasse em seus braços e a beijasse. Mas isso, ela sabia, só complicaria uma situação já complicada.

Ela precisava manter a calma. “Então, o que você quer levar para a casa?” Ela quase disse ‘nossa casa’, mas se conteve a tempo. A linha entre a fantasia e a realidade estava ficando rapidamente mais tênue. “Vamos fazer uma lista.”

Os dois juntos escolheram sem demora o que achavam que podiam precisar da sala de estar e da cozinha. Contudo, quando foram para o quarto, Ava se sentiu repentinamente desequilibrada. “Por que você não leva a sua cama, e eu contrato alguém para levar a minha também?”

O olhar de Mateo de repente ficou sem graça. “Em relação a isso...”

Ava olhou para ele por um momento, esperando que ele falasse, mas ele não falou. “O que tem?”

Mateo se sentou na borda da cama e deu uns tapinhas com a mão no espaço ao seu lado.

“O que é? Você quer que eu teste o colchão?”, ela fez um gracejo, e depois ficou com o rosto vermelho ao perceber que ele poderia entender a palavra ‘teste’ num duplo sentido. Mas ela fez o que ele pediu e se sentou ao lado dele. “Falei sem pensar.”

Em vez de responder, Mateo deixou o corpo cair para trás e cobriu o rosto com as mãos.

Ava podia jurar que o ouviu fazer um rangido com a boca. Depois de um momento, ela se deitou ao lado dele e olhou para o teto. “Fala logo, Ortega.”

Mateo abaixou as mãos e ficou de lado para olhar para ela. “Certo, você conhece o velho ditado que diz que toda fatia de queijo tem dois lados?”

Ava se virou de lado e olhou para ele. Os cílios dele eram escuros e emolduravam os seus olhos de uma forma que a fizeram sentir um forte friozinho na barriga. “Fatias de queijo? Que tipo de código é esse?”

Ele riu. “Estou falando sobre a minha família. Eles são uma bênção.”

“Estou sentindo que um ‘mas’ está vindo”, disse Ava. Ela apoiou a cabeça no cotovelo. “O que eles fizeram?”

“Roubaram uma chave da corretora para a casa da sua mãe e reuniram o que estavam pensando do nosso quarto para poderem decorá-lo.”

Ava riu. “Que grupo mais espirituoso é esse no qual eu vou me meter.”

Mateo deu um sorriso largo. “Você é uma em um milhão.” Ele esticou o braço e tirou uma mecha de cabelo da frente do rosto dela. “Você é inteligente, amável, bem-humorada e linda.” A mão dele fez um carinho no rosto dela. “E quando eu a vi no seu vestido de noiva, fiquei sem fôlego.”

Ava fechou os olhos. Ela se sentiu como se estivesse em perigo de se afogar, de ser puxada para baixo pelo toque gentil e a voz rouca de Mateo. Uma pequena parte do cérebro dela a avisou para lutar contra a atração que sentia por ele, porém uma parte muito maior do seu coração a encorajou a se render. Ela abriu os olhos.

“Eu quero beijá-la.” A voz de Mateo era rouca, e os seus olhos estavam fixos nos lábios dela.

“Eu não vou impedi-lo.” Como se as suas palavras não fossem um convite suficiente, ela se inclinou em direção a ele.

Este foi todo o encorajamento que o noivo dela precisava. Os lábios dele encontraram os dela.

Ava se deitou de costas na cama e passou as mãos pelos cabelos de Mateo. O peso do corpo dele em cima dela enviou uma onda de prazer que a percorreu. Ela se perdeu no toque dele, no gosto dele e na gentil exploração das mãos dele nos seios dela. Quanto tempo se passou, ela não conseguia imaginar, e, francamente, nem se importava.

Até que o celular de Mateo tocou, de forma incessante e perturbadora. Mateo fez um rangido com a boca e Ava se afastou dele, a magia do momento estava quebrada.

“Ortega”, Mateo só faltou rosnar ao telefone.

Ava rolou para fora da cama e ajeitou o cabelo, enquanto Mateo falava ao telefone. Ela fechou todos os botões que os dedos de Mateo tinham aberto. Ela reprimiu um suspiro e controlou as feições para parecer composta e relaxada – duas sensações que ela não sentia.

“Ava, me desculpe.” Mateo ficou de pé ao lado dela.

“Não precisa se desculpar.”

“Eram minha irmã e minha prima. Elas terminaram o projeto ultrassecreto delas e querem que passemos lá para ver –”

“Deixe-me adivinhar, o nosso quarto?”

Ele riu. “Obrigado por entender.”

Ela deu de ombros. “Elas só estão tentando agradar aos futuros recém-casados.” Mas enquanto seguia Mateo para fora do apartamento e para dentro do carro dele, Ava percebeu que finalmente tinha encontrado o ponto fraco na armadura dos Ortega. Eles tinham uma péssima noção do tempo.

Capítulo Dez

Quando Ava colocou a chave na fechadura e abriu a porta da frente da casa da mãe, percebeu que precisava começar a pensar naquele lugar como seu novo lar. Ela olhou para Mateo. “Está pronto para ver o que fizeram?”

Ele balançou a cabeça. “Estou tão pronto quanto poderia estar.” Ele colocou uma das mãos nas costas dela e, com a outra mão, abriu a porta para ela. “Primeiro as damas.”

Ela entrou no hall e mal teve tempo de pensar que a casa estava surpreendentemente quieta quando o que pareciam umas vinte e seis Ortegas pularam na sua frente. “Surpresa!!!”

Perplexa demais para responder, Ava recuou e ficou grata que Mateo estivesse lá para segurá-la em seus braços. Ela se inclinou para trás contra ele, enquanto a sala irrompia em conversação. Felizmente parecia que a menor resposta era o suficiente para uma quantidade mínima de sorrisos e cumprimentos com a cabeça.

“Será que podemos colocar os pés dentro da casa?”, perguntou Mateo.

“Ora, então entrem logo”, a tia Sylvia riu. Ela enxotou algumas das primas de Mateo para a sala de estar. “Deixem o Mateo e a sua linda noiva passarem. Venha aqui, querida.”

Ava pegou na mão esticada da tia e se inclinou para beijar Sylvia no rosto. Ela gostava da tia de Mateo, sempre tinha gostado. Ela olhou de volta para Mateo, mas ele estava sendo puxado para a sala, onde estavam as suas primas. Ela sorriu para ele antes que ele desaparecesse e se deixou ser levada para a cozinha.

Claudia e Serena, duas das primas Ortega que tinham sido colegas de escola de Ava, a cumprimentaram com abraços quando ela entrou.

“Você gostou do que fizemos?” Claudia mostrou o ambiente com os braços, como se fosse uma modelo apresentadora em um game show. “Por favor, diga que adorou!”

Ava deu uns passos para trás e olhou ao seu redor. Ela tinha estado tão focada em quem estava dentro da casa que não tinha visto o que tinha sido feito. De fato, ela nem sabia que alguém iria fazer alguma coisa além de redecorar o quarto do casal, contudo, enquanto olhava ao seu redor, ficou imediatamente claro que muita coisa tinha sido feita na cozinha em um tempo muito curto.

“Oh, puxa vida.” Ava rodopiou, com a mão no pescoço. A pequena área da cozinha tinha se transformado de um espaço vazio e deserto em um ambiente cintilante, acolhedor e caloroso. Novas cortinas estavam penduradas, vários novos quadros se espalhavam pelas paredes e o balcão exibia uma nova cafeteira, um porta-temperos e uma pequena torradeira. Era uma cozinha transformada. “Parece tão... tão... perfeito.” Ava enxugou lágrimas de gratidão que ameaçavam escorrer pelo seu rosto. “Parece que alguém realmente mora aqui agora.”

Serena e Claudia bateram nas mãos uma da outra em júbilo, antes de abraçarem Ava.

“Estamos tão felizes que você tenha gostado, Ava.” Serena esticou a mão para enxugar uma das lágrimas de Ava. “Nós duas concordamos que quase pudemos sentir como se a sua mãe estivesse em algum lugar aqui, sabe?”

Ava concordou com a cabeça. Aquela casa já tinha sido cheia de vida e amor, pelo menos antes de a sua mãe ter ficado doente.

“Eu juro que a sua mãe fazia os melhores brownies duplos de chocolate do planeta”, adicionou Claudia. “E ela sempre ficava feliz em nos ver comendo uma travessa inteira, contanto que fizéssemos as

nossas tarefas de casa.”

Todas as três mulheres riram com a lembrança de tentarem resolver os enigmas da geometria enquanto se fortificavam com chocolate.

“Como posso lhes agradecer?”, perguntou Ava. Ela aceitou agradecidamente de Serena uma taça de vinho branco. “Vocês compraram taças de vinho e um saca-rolhas?”

“Sim, senhora, compramos. Nós tentamos cobrir todos os pequenos detalhes que farão você e Mateo se sentirem em casa.” Ela tinha um sorriso sonhador no rosto. “É tão romântico saber que você e Mateo encontraram um ao outro depois de todos esses anos.”

Claudia concordou com a cabeça. “Mateo nunca esteve tão feliz. Nós temos que lhe agradecer por isso.” Ela inclinou a cabeça e olhou pensativamente para Ava. “Eu só não sei como vocês dois mantiveram esse romance tão secreto. Nós não sabíamos que Mateo estava saindo com alguém, e o nosso radar normalmente é muito bom para essas coisas. Então, como vocês conseguiram?”

Ava deu um gole no vinho para poder evitar contar uma mentira descarada para as duas mulheres que estavam sendo tão gentis com ela. Aquilo não estava ficando mais fácil, como ela pensou que ficaria. Na verdade, estava ficando mais difícil. Ela decidiu evitar a pergunta completamente e mudar de assunto. “A verdadeira questão é como eu e Mateo podemos lhes agradecer por tudo?” E fez um gesto com a mão, mostrando a cozinha. “Tudo isso é demais.”

As mulheres riram. “E você ainda nem viu o quarto.”

Ava ficou embaraçada por dentro pensando na ideia de que todo o clã Ortega tinha aberto tão generosamente os seus corações e os seus bolsos para ajudar a criar instantaneamente um lar para eles. Pela primeira vez, ela percebeu como iriam ser amplos os desdobramentos quando Mateo lhes contasse que o casamento estava terminado.

Claudia se encostou no balcão e sorriu para Ava. “Com tão pouco tempo até o casamento, não pudemos pensar em como planejar um chá de panela para você, então nós reunimos todo mundo e fizemos isso.”

Serena piscou para Ava. “Mas não vai ter como fugir do chá de bebê, quando chegar a hora. Isso não está aberto a negociações.”

Ava sentiu o rosto ficar quente e sabia que não era por causa do vinho.

“Vocês estão tomando conta da minha noiva?” Mateo estava de pé na porta, e o sorriso em seu rosto fez Ava pensar que ele tinha escutado as primas. “Você precisa que eu a resgate, Ava?”

Sim, de toda a situação, ela queria dizer. Mas era tarde demais. Ela já estava envolvida demais. Ava suspirou profundamente e forçou um sorriso, para representar o seu papel. “De jeito nenhum, Mateo. Só estamos tendo um papo de garotas.” Ela se aproximou dele e ficou na ponta dos pés para beijá-lo no rosto, parcialmente porque isso era o que qualquer futura esposa faria, mas também porque ela se sentia mais segura estando perto dele. “O que você acha de tudo isso?”

Ele passou o braço ao redor da cintura dela. “Eu estou tão surpreso quanto imagino que você esteja.” E sorriu para ela, e Ava viu nos olhos dele que ele entendia como ela se sentia. Era generosidade demais, sob qualquer circunstância, mas especialmente numa circunstância fraudulenta. Mas o que eles podiam dizer ou fazer?

Claudia e Serena trocaram um olhar conspiratório.

“Ava”, disse Claudia. “Nós queremos marcar um compromisso para amanhã.”

“Amanhã?” Ava olhou para Mateo em busca de uma resposta, mas ele deu de ombros. “O que vai ter amanhã?”

Serena foi a primeira a responder. “Nós vamos ajudá-la a se preparar para o casamento. O único motivo pelo qual precisamos ver Mateo é para conseguir a certidão de casamento de manhã.” Ela apontou um dedo brincalhão para o seu primo. “Esteja avisado, Mateo, você tem o resto da vida para

ficar com Ava. Mas amanhã, somos nós quem vamos ficar com ela. Então, Claudia e eu vamos nos encontrar com você aqui novamente para pegar a certidão. Depois disso, o dia inteiro é só das garotas.”

“Certo”, concordou Claudia. “Então vamos expulsar todo mundo daqui agora e depois fazer uma rápida limpeza.”

Cumpridores das suas palavras, Ava e Mateo estavam de pé na varanda em frente à casa meros quinze minutos depois de dizerem tchau aos seus convidados. Depois que o último carro tinha ido embora, Ava ficou parada, cheia de dúvidas, na varanda. “A sua família não faz nada pela metade, faz, Mateo?”

Os lábios de Mateo deram um meio sorriso. “É uma benção e, ao mesmo tempo, uma maldição. Eu sei que eles só quiseram ser gentis hoje à noite, mas parece que esqueceram que esta casa é sua, e não nossa.”

“De acordo com as mentiras que temos contado a eles, esta é a nossa casa.” Ava se virou e olhou para ele. “Mateo, você já pensou em como vai sair dessa?” Ela esperou por um longo momento, mas ele não respondeu. “As suas primas estavam falando de um chá de bebê, pelo amor de Deus!”

Mateo esticou o braço e colocou a mão no ombro dela. “Sinto muito.”

Ava tentou ignorar a onda de excitação que o toque dele lhe provocou. Ela balançou a cabeça, tanto para limpar a própria mente quanto para mostrar a Mateo que ele não a tinha entendido. “Não é comigo que estou preocupada. É com a sua família. Com você.” Os olhos dela buscaram nos dele algum sinal de que ele a tinha entendido, mas a expressão de Mateo era contida. Ela se moveu um passo mais para perto e colocou a mão no peito dele. “Mateo, deixe-me ajudá-lo.”

Para a surpresa dela, em vez de falar, ele a segurou nos braços e abaixou a cabeça para beijá-la. Mas este beijo não foi tão amável quanto os outros beijos que ele tinha lhe dado. Foi um beijo insistente e exigente, como se Mateo fosse um homem que estivesse se afogando e ela fosse o objeto no qual ele podia se agarrar para se salvar. Ela passou os braços ao redor do pescoço de Mateo e se rendeu à necessidade dele.

Tomada por um redemoinho de desejo, Ava saboreou o gosto dos beijos de Mateo. Quando ela sentiu as mãos dele se dirigindo aos botões da sua blusa, recuou apenas o suficiente para olhá-lo nos olhos, e neles ela viu o mesmo tipo de fogo de desejo que a queimava por dentro. “Vamos entrar”, sussurrou ela, e quando ele não se mexeu, ela enterrou o rosto no pescoço dele e sussurrou, “Por favor.”

Mateo a segurou nos braços e a levou para dentro da casa. Ele parou logo depois de passar pela porta, e Ava saiu de dentro do seu abraço. Aos olhos dela, Mateo estava incerto, mas ela não. Ela esticou o braço ao redor dele e trancou a porta da frente antes de pegar na mão dele. Sem dizer uma palavra, ela o guiou até o quarto.

O luar era apenas forte o suficiente para que Ava pudesse ver o rosto de Mateo. O resto do quarto recém-redecorado estava nas sombras, mas ela não se importava. Tampouco se importava com a nova decoração, ou com os problemas que enfrentariam por causa das complicadas mentiras que tinham contado à família de Mateo, ou com nada mais. Tudo que ela queria era tocar Mateo. Tocar o corpo dele e lhe dar prazer, mas, além disso, ela queria encontrar uma forma de tocar o seu coração e lhe trazer o alívio da preocupação e da tristeza que o abatiam tão claramente.

“Ava, você tem certeza?”

Em resposta, Ava levantou a mão e colocou um dedo gentilmente nos lábios dele. “Sshh”, sussurrou ela, “sem palavras.” Lentamente, ela percorreu o rosto dele com as mãos e, em seguida, foi com as pontas dos dedos até o pescoço dele. O gemido dele de prazer correspondia à carga de prazer que percorria Ava, enquanto ela abria o primeiro botão da camisa dele.

A respiração irregular de Mateo só deixava Ava ainda mais excitada. Assim que os botões estavam abertos, ela deslizou a camisa de Mateo pelos ombros dele. Ela passou as mãos na vastidão suave do tórax de Mateo e chegou até os ombros. Os músculos dele estavam tensos. As mãos dela continuaram

pela garganta e pescoço, e foram até os cabelos. Desta vez, era Ava quem gemia de prazer. Ela enlaçou seus dedos atrás do pescoço de Mateo e pressionou o próprio corpo contra o dele.

“É assim que você quer passar uma das suas últimas noites de solteiro?” Com os cílios, ela deixou uma trilha de sensações no peito dele. “Porque se você quiser ir embora antes de eu me saciar completamente, esta pode ser a sua última chance.”

Os braços dele apertaram a cintura dela. “Mi querida”, a voz dele era baixa e rouca, “Este é o único lugar onde quero estar, mas não quero me aproveitar de você.”

“Hum... interessante, porque eu tenho planos de me aproveitar de você.” E para mostrar que estava falando sério, Ava colocou a mão na calça dele e abriu o primeiro botão.

De onde exatamente a falta de inibição dela tinha vindo, Ava não fazia ideia. Contudo, à medida que terminava de despir Mateo e o levava até a cama, ela percebeu que não se importava. Depois que Mateo estava em meio aos travesseiros, esticou o braço para pegá-la, mas Ava recuou para longe do seu alcance. Com o luar atrás de si, ela não se apressou enquanto desabotoava a blusa e tirava a saia. De pé diante dele, vestindo apenas um sutiã e uma calcinha de renda pretos, Ava levantou as mãos e tirou a presilha de cabelo do seu coque francês. Ela balançou os cabelos em cima dos ombros e os percorreu com os dedos.

“Venha para cá”, ordenou Mateo, da cama. Sua voz estava cheia de desejo.

Ava sorriu para a reação óbvia dele às ações dela. “Você não está gostando do show?” Sem esperar por uma resposta, ela mexeu os lábios e deixou a calcinha de renda cair no chão. Ela manteve os olhos em Mateo, enquanto levantava as mãos e tirava o sutiã. Estava escuro demais para que ela pudesse ver a expressão dele claramente, mas sabia que o luar era suficiente para que ele visse o que ela estava fazendo. Ela sabia que ele a desejava tanto quanto ela a ele. Ele precisava dela tanto quanto ela dele.

“Ava, venha para mim.” Mateo esticou os braços. “Por favor.”

Ava não hesitou. Ela foi até a cama e pegou na mão estirada de Mateo. À medida que ele a puxava para os seus braços e começava a cheirar o pescoço dela, ela jogava a cabeça para trás e se abria completamente para a experiência do toque dele. Ela não tinha reservas quanto a amar Mateo naquela noite. No dia seguinte, os problemas deles ainda estariam lá, mas aquela noite não era sobre o futuro. Era sobre o momento. A noite era apenas deles.

Capítulo Onze

O clima no dia do casamento foi um presente perfeito. Mateo estava de pé ao lado da janela do quarto do avô e observava a sua família trabalhar arduamente para transformar o quintal dos fundos em um oásis matrimonial. Eles estavam trabalhando desde antes do café da manhã e só tinham feito uma pequena pausa para o almoço. Ele não poderia estar mais orgulhoso da sua família pelos seus amáveis esforços. E também não sabia se poderia estar com mais vergonha de si mesmo pelas suas enganosas mentiras. Ele duvidava.

“Ven aca, Mateo.” O homem mais velho deu uns tapinhas no assento ao seu lado.

Mateo sorriu para o avô, enquanto se sentava na cadeira. “O senhor deveria estar na cama, Abuelo.”

Joaquin fez um gesto desdenhoso com a mão. “Ah, descansei o dia todo sob as ordens das suas tias. Eu me sinto como uma criança pequena que tem que tirar uma soneca sob uma supervisão atenta, antes de receber permissão para ficar acordada até tarde com os adultos.”

“É por que nós o amamos.” Mateo esticou o braço e colocou a mão no braço do avô. “Ninguém quer que o senhor se canse demais.”

O avô tocou gentilmente na mão de Mateo. “Mas vocês não estão entendendo qual é o ponto, Mateo. Eu quero me cansar.”

“Mas o médico disse –”

“Esqueça o médico. Por acaso ele é Deus? Acho que não.” Joaquin suspirou profundamente e depois balançou a cabeça. “Quem quer viver uma vida onde se fica apenas descansando no final? Eu não, *no mi hijo*, eu não. E você sabe por quê?”

Mateo sorriu para a frase familiar que sempre precedia uma pérola de sabedoria. “Não, diga-me por quê.”

“Porque eu quero morrer tendo vivido a minha vida da forma mais completa possível. Quando eu me encontrar com Deus, quero poder dizer ‘Senhor, eu desgastei o meu corpo vivendo uma boa vida e quase desgastei o meu coração amando a minha família até não conseguir amá-la mais do que amei’.” Ele sorriu e fez que sim com a cabeça. “Eu fiz as duas coisas, Mateo. O meu corpo está prestes a perder a luta contra o câncer, então o desgaste está quase completo.” Ele apertou a mão de Mateo. “E eu espero que cada membro desta família saiba que eu amei a todos com toda a força que havia em mim.”

Mateo fechou os olhos, já cheios de lágrimas. “Eu não acho que o senhor poderia ter nos amado mais do que nos amou, Abuelo.”

“Ótimo, ótimo. Agora, tem um segredo para um casamento feliz que eu quero que você saiba.”

Mateo concordou com a cabeça. “Estou ouvindo.”

O avô dele deu um risinho. “Esse é um bom começo. Escute a sua esposa. Ouça-a. Valorize-a. Proteja-a. Estime-a. Ame-a. A cada dia, pelo resto da vida dela.”

Pelo resto da vida dela? Mateo não tinha nem certeza se Ava iria aparecer hoje. Não depois do jeito que ele tinha feito amor com ela, e principalmente depois de ter ido embora nas primeiras horas da manhã, sem nem dizer adeus. Não depois do jeito que ele tinha falado o mínimo possível com ela, enquanto estavam no centro da cidade para pegar a certidão de casamento. Ele não a tinha visto ou falado com ela há mais horas do que podia contar. Considerando que ele não sabia se haveria um casamento hoje, o resto da vida dela era tempo demais para ser considerado. “O senhor faz isso parecer tão fácil.”

“Amor e fidelidade não são assuntos complicados, Mateo.”

Mateo se levantou e foi até a janela, mais para que o seu avô não pudesse ver o seu rosto do que por que precisava ver como a organização do casamento estava indo. Ele suspirou.

“Qual é o problema, meu filho?”

Ele fechou os olhos contra a dor que fazia o seu coração ficar engasgado. E se virou para o avô. “Estou com medo.”

“Medo de quê, exatamente?”, indagou gentilmente o avô.

Mateo hesitou. Ele não estava preparado para um futuro sem a constante fonte de sabedoria, amor e orientação que era o seu avô. Entretanto, esse não era exatamente um medo, mas um profundo e doloroso sentimento de perda. Quando se tratava de Ava, contudo, Mateo tinha medo. Ele temia ter cometido um enorme erro pedindo-a em casamento e deixando que as coisas ficassem tão fora de controle, de tal forma que ele tivesse feito amor com ela antes mesmo do casamento. “Tenho medo de machucar Ava, e essa é a última coisa que quero fazer na vida.”

O homem mais velho concordou com a cabeça, demonstrando compreensão. “Você a ama?”

Mateo não hesitou. “Sem dúvida, eu a amo.” Ele já se sentia incomensuravelmente melhor por poder falar a verdade. Porque se ele sabia de uma coisa com absoluta certeza, era que tinha se apaixonado por Ava McKenna.

“Ah, então está tudo bem, Mateo. A sua vida será feliz, se a mulher que você ama estiver feliz. Este é o segredo. Ame Ava e certifique-se de que ela seja feliz.”

Mateo forçou um sorriso. “Obrigado, Abuelo.” Ele limpou a garganta, que já estava com um nó provocado pela emoção. “Por tudo.”

Joaquin Ortega sorriu e colocou a mão no coração de Mateo. “De nada, *mi hijo*, mas sou eu quem deveria lhe agradecer. Ninguém poderia ter uma família mais maravilhosa do que a sua abuela e eu tivemos, e você sempre foi um tesouro especial para nós. Você nos deixou orgulhosos, meu neto.”

Uma leve batida na porta interrompeu as próximas palavras de Mateo. Era a sua tia Sylvia. “Mateo, onde está a sua noiva?” Uma ligeira careta desfigurou o rosto normalmente sereno dela.

Mateo sentiu o seu estômago revirar, mas manteve o rosto tranquilo. “Com a Claudia e as outras garotas, imagino.” Ele deu uma rápida olhada para o avô, antes de contrair os ombros. “Eu não a vi hoje.”

“Você pelo menos já falou com ela, certo?”

Ele tinha tentado. Deus sabia que ele tinha tentado entrar em contato com ela, mas ela não tinha atendido as suas chamadas ou respondido às suas mensagens de texto. “Não, tia, não falei.”

“Por que ela está sozinha? Quem vai pegá-la?”, perguntou ela, balançando a cabeça. “Já são quase quatro horas. Ela deveria estar aqui. O que você vai fazer para encontrar Ava?”

O pai dela acenou com a mão. “Deixe a pobre garota em paz, Sylvia. Provavelmente ela só quer um momento para si mesma, antes de se juntar a esta família maluca.” O sorriso dele contradizia as suas palavras afiadas. “Ela é uma mulher maravilhosa, Mateo. Você fez um bom trabalho em escolhê-la para compartilhar a sua vida.”

Mateo o encarou. Talvez parecesse assim para o seu avô, mas Mateo conhecia a verdade. Ele não tinha feito nada além de bagunçar tudo, desde o momento em que tinha iniciado essa farsa ridícula. Ele tinha mentido não apenas para o avô, mas para toda a família. Ele tinha perdido o seu coração para Ava McKenna e, o pior de tudo, aparentemente a tinha chateado tanto que ela tinha desaparecido.

“Não posso mais fazer isso.” As palavras saíram da sua boca antes que ele percebesse o que estava dizendo. Sua tia achou estranhas as palavras que ele tinha escolhido.

“O que você não pode fazer, Mateo?” Ela olhou para um e para o outro. “O que ele quer dizer, Papa?”

“Ele está bem, Sylvia, apenas nos deixe a sós.” Joaquin apontou em direção à porta. “O garoto está um pouco nervoso, como qualquer homem racional estaria no dia do casamento. Ele está bem. Ava está

bem. Apenas nos dê um minuto.”

Depois que ela relutantemente saiu do quarto, Mateo soltou a respiração. “Abuelo, o que eu quis dizer foi –”, mas ele não disse mais nada, antes de ser interrompido.

“Eu sei o que você quis dizer, Mateo. E eu sei o que há de errado.”

Mateo arregalou os olhos. “O senhor sabe?”

Seu avô fez que sim com a cabeça, sabiamente. “Você está com medo de estar cometendo um erro. Você está com medo de que Ava não saiba o que quer. E está sendo um tolo em ambos os casos.”

Não era isso que Mateo esperava ouvir.

“Tolo”, continuou o avô, “pois não está dando crédito suficiente a si mesmo. Mais do que tolo, pois também não está dando crédito a Ava. Ela se conhece. Você não poderia fazê-la se casar com você se ela não quisesse. Simplesmente confie que este é o seu destino. Fé, *mi hijo*, tenha fé. A sua noiva vai aparecer.”

“Você não vai atender?”

Ava olhou para o homem que estava à sua frente, para o celular, e depois para ele novamente. Ela teve que pensar por um momento para se lembrar do nome dele. Joe. “Não, Joe, não vou atender.”

Ele deu de ombros. “Fique à vontade.” Ele voltou a atenção novamente para as chaves nas suas mãos, mas apenas por um segundo. “Está tocando feito louco. Não está curiosa sobre quem quer falar com você?”

Ava balançou a cabeça. “Está com algum problema. Quando eu atendo, fica mudo. E não consigo ler as minhas mensagens de texto, tudo que consigo fazer é ouvir o alerta de que tem alguém tentando me ligar. Ficou desse jeito o dia todo.” Ela desligou o celular. “Então, o que você acha?”

“Sobre o quê?”

Ava controlou as emoções, recusando-se a mostrar que estava frustrada. Não era nem o momento nem o local para perder a paciência. “Sobre o carro. O que vamos fazer?”

Ele deu de ombros. De novo.

Ava mordeu a parte interna da bochecha. Marti tinha ligado para ela, quando Ava ainda estava no condomínio, e dito que todos no escritório tinham decidido alugar um carro de luxo para que Ava chegasse com estilo aos Ortega. “Só por que você insiste em se aprontar sozinha para o seu casamento, não significa que precise se estressar dirigindo o seu conversível”, Marti tinha dito. Ava tinha se comovido pelo gesto deles, naquele momento, mas agora ansiava pelo próprio carro.

“Bem”, disse Joe, como se eles tivessem todo o tempo do mundo, “acho que deveríamos chamar um guincho.”

“Ótima ideia”, respondeu ela, incapaz de evitar que uma ponta de sarcasmo se infiltrasse na sua voz. Ela esticou o pescoço para conseguir ver melhor o para-lama dianteiro do carro de luxo preto, que agora estava amassado em uma barreira metálica de construção, com listras nas cores laranja e branco. O carro provavelmente poderia ser dirigido, se não fosse pelos dois pneus dianteiros furados. E, mais precisamente, Ava não tinha certeza se o motorista estava completamente sóbrio. Agora, observando-o manusear desajeitadamente o próprio celular, ela percebeu que bater na barreira não foi a pior coisa que poderia ter acontecido. Embora ela não tenha se sentido particularmente sortuda por estar presa no meio da estrada a caminho do próprio casamento, pelo menos o motorista não tinha causado um engavetamento de dezesseis carros com feridos. “Qual é o problema?”

Joe balançou o seu celular com tanto vigor quanto um grafiteiro faria com sua lata de spray. “Não tem sinal.”

Ava pegou o telefone dele e tentou discar o número que ele lhe deu, mas recebeu a mesma mensagem de que o serviço estava indisponível. Ela lhe devolveu o celular. “Inacreditável.” Ela pegou o próprio celular e tentou novamente, mas também estava sem sinal. Ela soltou um grunhido de raiva. Aquela maldita coisa já estava tocando incessantemente há o que pareciam ser horas, e justo agora, quando ela realmente precisava fazer uma chamada, não servia de nada.

“Provavelmente são as montanhas”, sugeriu Joe. Ele apontou para a Montanha Camelback. Depois olhou ao seu redor e fez uma careta. “Acho que poderíamos ir andando.”

Incrédula, Ava o encarou. “Joe, você já percebeu o que eu estou vestindo?”

Ele inclinou a cabeça e olhou para ela, como se fosse a primeira vez que estivesse vendo que Ava estava num vestido de noiva. “Ah, certo, provavelmente você não quer sujar o seu vestido.”

Ava concordou com a cabeça. “Bingo. Meu salto alto de dez centímetros é outro motivo pelo qual não acho que fazer uma caminhada seja uma boa ideia.” Ela rodopiou, tomando cuidado para não sujar o vestido. Não havia outros carros à vista, o que era estranho. Esta parte de Scottsdale tinha um tráfego contínuo, noite e dia. “Joe, você não passou por uma placa com a palavra ‘Desvio’ há um tempinho, passou?”

O motorista teve a decência de olhar para o outro lado, meio desconcertado. “Pode ser, acabo de me lembrar disso.” Ele olhou para baixo, para os seus pés, e depois para ela novamente, com o rosto claramente confuso. “Você acha que eu peguei o caminho errado?”

Ava fechou os olhos e contou até dez. Lentamente. “Parece que sim.”

“Alguma ideia do que devemos fazer agora?” A expressão dele era otimista.

Ela suspirou. O que poderiam fazer, senão esperar que outro motorista passasse por eles ou que o sinal do celular voltasse? Aparentemente, ela precisava dizer todos os detalhes. “O plano é o seguinte, Joe. Eu vou voltar para o carro para que o meu vestido continue limpo. Vou continuar verificando os telefones para ver se o sinal voltou. Você espera aqui e fica vendo se alguém passa para poder acenar. Certo?”

Ele concordou com a cabeça e se mexeu para segurar a porta do carro aberta para ela. “Você gostaria de beber algo? Eu tenho uma garrafa escondida para emergências.”

“Obrigada, Joe, mas não acho que uma bebida vai ajudar nenhum de nós agora.” Ava entrou no carro, dobrando cuidadosamente o vestido ao seu redor, tão graciosamente quanto podia, antes de fechar a porta violentamente.

Ela se inclinou para trás, contra o encosto de cabeça, dividida entre o desejo de rir e de chorar. Mateo conseguiria ver o humor nesta situação, isso ela sabia. Um sorriso surgiu no canto da sua boca. Estava se tornando quase impossível pensar nele sem sorrir. O senso de humor dele a deixava feliz, e ela apreciava a boa vontade dele de ver o copo não apenas como meio cheio, mas transbordando.

E naquela noite, quando eles fizeram amor, tinha sido uma experiência incrível. A melhor parte tinha sido a conexão emocional implícita quando eles se tocavam, quando eles se conectavam um ao outro. Nenhuma mulher poderia ter pedido um companheiro mais atencioso. No intervalo de uma noite, Mateo Ortega a tinha arruinado para todos os outros homens, para sempre. Mesmo quando ela tinha acordado e visto que ele tinha ido embora, não tinha se chateado. Nem ficado surpresa. A tristeza de Mateo em relação à doença do avô e a sua culpa sobre ser desonesto com a família o estavam corroendo por dentro.

Ela olhou pela janela, esperando ver outro carro passar, mas a estrada estava deserta. Tentou o telefone novamente, mas ainda estava sem sinal. Ela se encostou no assento e fechou os olhos, evitando as lágrimas. A última coisa que ela precisava agora era estragar a maquiagem, pois ela não iria andar até o altar com traços de rímel escorrendo pelo rosto. E ela iria andar até o altar, de um jeito ou de outro.

“Espere por mim, Mateo”, ela sussurrou as palavras em voz alta, no silêncio do carro de luxo. “Não desista de mim.”

Capítulo Doze

Mateo estava de pé na sacada que levava ao pátio, onde os convidados do casamento se encontravam inquietos. Eles fofocavam baixinho e o sol estava baixo no horizonte. Tudo – ele tinha que admitir – parecia perfeito. Uma tenda branca estava armada com mesas redondas para a recepção da noite. Havia filas de cadeiras dobráveis em cada lado de um caminho de pedras que levava a um arco branco ornamentado com laços de cetim de cor roxa azulada. A fragrância de rosas flutuava no ar da primavera. Era um cenário perfeito para um casamento. Exceto que a noiva estava duas horas atrasada.

“Mateo”, seu primo Juan o tocou de leve no ombro. “Você conseguiu falar com a Ava?”

Mateo balançou a cabeça. Ele olhou para Juan brevemente e depois voltou a sua atenção novamente aos convidados. O olhar de pena na expressão do seu primo não era fácil de suportar. Ele não tinha dúvida de que grande parte das conversas sussurradas lá fora era sobre o sumiço da noiva.

“Mateo? Vamos, cara, diga-me o que está havendo para que eu possa ajudar.”

Mateo balançou a cabeça. “Eu não sei onde ela está.”

“Você ligou para ela?” Juan tinha uma expressão solidária.

“Várias vezes. Também enviei mensagens de texto, mas ela não está respondendo.” Ele tinha que encarar os fatos. “Obviamente ela não quer falar comigo.” Foram palavras amargas para serem ditas em voz alta.

“Não, cara, não é isso”, protestou Juan. “Eu vi vocês dois juntos, eu vi a forma como você olha para ela e como ela olha para você. Vocês têm um sentimento verdadeiro um pelo outro.”

Um sentimento verdadeiro? As palavras de Juan eram como um soco no estômago. Certamente ele tinha traumatizado Ava o suficiente, de tal forma que ela nem conseguia ligar para ele. Droga. Ela merecia algo melhor. E ainda tinha o avô dele. Mateo podia vê-lo sentado na primeira fila, com a sua cadeira de rodas entre duas cadeiras.

Mateo sabia que tinha que fazer a coisa certa. Ele se virou para Juan. “Eu preciso que você peça a todos que se sentem.”

As sobrancelhas de Juan se levantaram. “O que você vai fazer?”

“A coisa certa.”

Juan claramente não entendeu, mas foi fazer o que Mateo tinha pedido. Quando todos estavam sentados e a música parou de tocar, Mateo foi lá para fora. Era estranho o sentimento de percorrer o caminho que a sua noiva deveria ter percorrido. Na metade do caminho, ele parou e olhou ao seu redor, para todos que estavam ali reunidos. Parecia que todos tinham uma expressão solidária. Ele estava dominado por uma profunda gratidão por toda a sua família e, ao mesmo tempo, por um profundo anseio de ter Ava ao seu lado. A primeira benção ele sempre teria, a segunda, jamais. Depois de um momento de pausa, ele continuou caminhando, até que parou e se virou para todos os convidados.

“Eu não sei se devo começar agradecendo a todos vocês ou pedindo desculpas pelo atraso.” Mateo limpou a garganta. “Vou começar lhes dizendo que, do fundo do meu coração, eu agradeço a todos vocês por isso.” Ele apontou para o oásis matrimonial que todos tinham criado coletivamente. “Nenhum homem poderia ter uma família mais maravilhosa. Eu nunca poderei retribuir toda a gentileza de vocês, mas sempre tentarei.” Ele colocou a mão sobre o coração. “*Gracias.*”

Naquele momento, a família parecia ter suspeitado do ânimo sereno dele, pois ficaram em silêncio e esperaram que ele dissesse algo mais. Ele lhes devia isso. Ele olhou para o avô, que estava sentado

observando-o com um olhar pensativo que rasgava o seu coração.

“A Ava –”

“Tá atrasada”, gritou o seu sobrinho de nove anos.

Mateo deu um meio sorriso, enquanto a família recebia a inocente interrupção com risadas desajeitadas. Quando se calaram, ele criou coragem e tentou de novo. “A Ava não vai poder –”

“Se desculpar o suficiente pelo atraso e por fazer todos esperarem.”

Mateo olhou para o lado e perdeu o fôlego. Era Ava. Ela estava lá.

**

Ava sorriu de alívio, enquanto a família Ortega explodia em aplausos espontâneos, quando se viraram e a viram. Não que ela esperasse ser enxotada para a rua, mas só podia imaginar o que eles deveriam ter pensado quando ela não conseguiu chegar a tempo. O seu olhar encontrou o de Mateo, e pareceu que o tempo parou. Respire, Ava, respire, ela ouviu uma pequena parte do seu subconsciente lhe lembrar. Mas não era uma tarefa fácil. O quintal dos fundos dos Ortega, um lugar onde ela tinha brincado quando criança e passado o tempo com os amigos na adolescência, tinha sido transformado no local de casamento dos sonhos de qualquer noiva. O homem de smoking preto, de pé diante do altar, parecendo mais lindo do que qualquer homem tinha o direito de parecer, era um sonho se tornando realidade.

Um guitarrista começou a dedilhar uma melodia latina, e os convidados começaram a conversar baixinho. Os olhos de Mateo nunca deixaram os de Ava, enquanto ele avançava, voltando pelo caminho em direção a ela. Os batimentos cardíacos de Ava aceleravam, à medida que ele se aproximava.

“Ava.” Ele parou bem diante dela. “Você veio. Eu pensei...”, a voz dele sumiu, incerta.

“Desculpe-me, Mateo. Tivemos um pequeno acidente e o meu celular ficou sem sinal, e depois, quando a polícia finalmente chegou, eu tive que fazer um depoimento, porque o motorista não passou no teste do bafômetro, o que era de se esperar, já que ele bebeu duas garrafas inteiras enquanto esperávamos, e os policiais foram gentis o suficiente para conseguirem uma carona para mim, e aqui estou”, ela disse tudo isso de uma só vez. “Desculpe-me.”

“Polícia? Acidente?” Ele balançou a cabeça para tentar entender aquela confusão. “Você está bem?” Ele diminuiu o espaço entre eles e levantou as mãos para tocar gentilmente no rosto dela. “Meu Deus, Ava, eu não fazia ideia de que tudo isso estava acontecendo. Pensei que você tivesse mudado de ideia, depois do que aconteceu ontem à noite.”

Ava conseguiu sentir o seu rosto ficar levemente ruborizado, mas manteve o olhar fixo. “Pelo contrário.”

“Pelo contrário?” A voz de Mateo estava baixa, o seu olhar concentrado no dela, como se ele quisesse ter absoluta certeza de que a entendia.

Ela levantou uma das mãos e colocou sobre o coração dele. “Depois que estivemos juntos, eu queria lhe dar um pouco de espaço para pensar. Tudo isso aconteceu tão rápido. Eu pensei que seria justo lhe dar a oportunidade de ter certeza do que queria, para seguirmos com o casamento.”

Mateo ficou em silêncio por um longo momento antes de falar, e quando falou, sua voz estava tão baixa que Ava mal conseguia ouvi-lo. “Você quer dizer que quer se casar comigo?”

Ava sorriu. “Estou aqui, não estou? Atrasada, eu sei, mas não fugi. Eu não faria isso.”

As sobrancelhas dele se levantaram. “Você quer ficar comigo?”

“Sim, Mateo. Pelo tempo que você quiser.”

Com uma rapidez que a surpreendeu, Mateo a pegou nos braços e os lábios deles se encontraram. O beijo dele era tanto gentil quanto possessivo. Ava se agarrou nele, sem acreditar que os seus joelhos conseguiriam apoiá-la quando ele a soltasse.

“Ei, Mateo”, um dos seus primos o chamou, “vamos oficializar isso.”

As palavras foram seguidas por uma onda de gargalhadas e aplausos. Mateo recuou e Ava sorriu para ele. Ela levantou a mão para limpar uma marca de batom nos lábios dele.

“O que você acha, Ava?”, disse Mateo, com a voz baixa o suficiente para que só ela pudesse ouvi-lo. “Vamos?”

Ela olhou bem nos olhos de Mateo e concordou com a cabeça. “Eu adoraria.”

Apesar de ela ter planejado percorrer sozinha o caminho até o altar, quando Mateo colocou a mão esquerda dela em seu braço, ela não argumentou. De alguma forma, parecia adequado que eles enfrentassem juntos a cerimônia de casamento. Assim como, eventualmente, teriam que enfrentar a dissolução do seu casamento, mas ela não queria pensar nisso por enquanto. Ela olhou para Mateo e sorriu. Sempre que ele estava tão perto dela, e sobretudo quando olhava para ela com tanta ternura e carinho nos olhos, era como se nada mais importasse.

Mateo se curvou para que só ela pudesse ouvi-lo. “Você está linda.”

“Fico feliz que você ache isso.” Ela respirou profundamente para criar coragem. “Estou pronta.”

Ele concordou com a cabeça e depois sinalizou para o guitarrista começar a tocar. Profundamente comovida pelos sorrisos amáveis e rostos felizes que os observavam, Ava se viu segurando no braço de Mateo mais forte do que o necessário, enquanto iam até o altar. Ela não queria chorar. Não naquele momento. Não depois de finalmente ter conseguido chegar ali, depois de quase faltar ao próprio casamento. Mas se algumas lágrimas escapassem, seriam lágrimas de felicidade. A sua mente sabia que aquilo não era real, que tudo não passava de um espetáculo para o avô de Mateo, mas o seu coração queria fingir. Pelo menos por hoje.

Quando chegaram até o altar, Ava entregou o buquê para Claudia, com um sorriso de gratidão.

O padre deu um sorriso radiante para eles. “Eu sei que falo em nome de todos quando digo que estou feliz que você tenha conseguido chegar aqui hoje, Ava.”

Uma onda de risadas percorreu toda a plateia. Ava também riu; havia muita felicidade no ar para ser diferente.

“Também sei que falo em nome de todos quando digo que as suas boas-vindas à família Ortega são sinceras, absolutas e incondicionais. A escolha de Mateo em pedir a sua mão em casamento, a sua escolha em aceitá-lo e os votos que vocês irão pronunciar diante de Deus e da sua família hoje vão uní-los por toda uma vida de amor e união. Nós pedimos a bênção de Deus.”

A parte seguinte da cerimônia passou rápida. Dois dos sobrinhos de Mateo fizeram leituras, uma das passagens selecionadas era da Carta de Paulo aos Coríntios. Depois disso, uma sobrinha de Mateo cantou a Ave Maria. A voz dela era forte e doce, e Ava não foi a única a ficar com os olhos molhados quando a menina terminou de cantar.

Quando chegou no momento de eles trocarem os votos, Ava se virou de frente para Mateo. Ela o olhou e ficou surpresa em ver que ele parecia nervoso. Aquela era a primeira vez que ela tinha visto Mateo Ortega parecer outra coisa que não fosse calmo e controlado. Ela sorriu afetuosamente e foi recompensada com um sorriso de gratidão em retorno.

“Mateo, acredito que você tenha preparado os seus votos”, sugeriu o padre.

“Preparei”, disse Mateo.

Ava sentiu ele apertar gentilmente as suas mãos e, quando ele sorriu para ela, era como se eles fossem as únicas duas pessoas ali.

“Minha doce Ava”, começou Mateo, “você me fez o grande favor de aceitar ser a minha esposa.” Ele fez uma pequena pausa. “Não há palavras para expressar a minha gratidão pela sua confiança e fé em mim. Eu prometo a você hoje, diante de Deus, da minha família e de amigos, que vou cuidar do seu coração com ternura por todos os dias que tivermos juntos.”

Lágrimas se acumulavam nos olhos de Ava. Ela sabia que poderia confiar que ele seria amável e carinhoso até o momento de dizerem adeus um ao outro.

“Ava?”

Surpresa, ela olhou para o padre.

“Os seus votos para Mateo”, indicou ele.

Ela concordou com a cabeça, mas quando tentou falar, sua garganta estava apertada pelas lágrimas. Ela fechou os olhos numa tentativa de segurar o choro.

“Ava”, Mateo levantou a mão e tocou gentilmente o rosto dela. Ele chegou mais perto e falou numa voz baixa. “O que foi? Você está bem?”

Não, ela não estava. Era como se o seu coração tivesse finalmente entrado em sincronia com a sua cabeça. Doía reconhecer o coração partido que a esperava. Ela abriu os olhos e foi imediatamente atingida pela preocupação carinhosa na expressão de Mateo. Ela sorriu. “Estou bem.”

“Tem certeza?” Os olhos dele buscaram os dela. “Porque se –”

“Estou perfeitamente bem”, ela o interrompeu, tomando cuidado para manter a voz alegre.

Ele sorriu.

“Mateo”, começou ela, “o dia em que você voltou à minha vida sempre será mais especial para mim do que você jamais saberá. Em um tempo tão curto, você me mostrou tanta bondade e tanta ternura, e eu sempre apreciarei isso por todos os dias da minha vida. A forma como você ama é tão completa, tão honesta e tão generosa, que eu me sinto abençoada por chamá-lo de meu marido. Obrigada.”

Em resposta, Mateo levou as mãos dela até os seus lábios e beijou uma de cada vez.

A família Ortega explodiu em aplausos espontâneos. Depois de um momento, o padre levantou a mão para pedir silêncio. Ele pegou as alianças com o padrinho e as levantou.

“Mateo e Ava, nós oramos para que estes símbolos de amor eterno sejam usados por muitos anos de felicidade e saúde no casamento de vocês.” Ele entregou a Mateo a aliança de Ava.

“Ava, aceite esta aliança como um símbolo da minha devoção a você”, disse Mateo, enquanto deslizava a aliança no dedo dela.

Ela olhou para a aliança dourada e ficou pensando se alguém tinha percebido que ele não tinha pronunciado a palavra amor, prometendo apenas devoção. Ela pegou a aliança dele com o padre e olhou para Mateo. “Mateo, aceite esta aliança como um símbolo da minha devoção a você”, disse ela, decidindo que ecoar o sentimento dele era a coisa certa a se fazer.

O padre sorriu e continuou o restante da cerimônia. Depois que ambos disseram ‘Sim’, ele gentilmente os virou juntos para que ficassem de frente para a família. “Eu tenho a grande honra de apresentar a vocês o Sr. e a Sra. Mateo Ortega.”

Quando a música recomeçou, Ava segurou no braço de Mateo, enquanto ele a levava de volta pelo caminho de pedras. O som dos risos e das conversas enchia o ar. Ava sorria, enquanto Mateo a guiava de volta para a casa. Quando chegaram lá, ele se abaixou e beijou a testa dela. “Obrigado, Ava.”

Ela não sabia como responder, entretanto, foi salva de ter que dizer qualquer outra coisa, pois o fotógrafo veio para levá-los rapidamente para fazerem as fotos. O resto da noite passou absolutamente batido, numa mistura de família, jantar, música e dança. Quando chegou a hora de cortar o bolo, a mão de Ava tremia um pouco ao segurar a faca, mas só até a mão de Mateo chegar perto da dela. O toque dele lhe dava confiança, e não apenas acalmava a sua mão como também trazia calor ao seu coração, algo diferente de tudo que ela já tinha experimentado. Ela não queria que a magia daquela noite terminasse, porém, depois de várias horas, muito depois de o avô de Mateo ter se recolhido para dormir, ela e Mateo cumprimentaram a família dele com uma grata despedida.

Quando ela e Mateo caminhavam até o carro que os esperava, uma inquietação se abateu sobre Ava. Ela e Mateo tinham seguido o plano de se casarem. Mas, e agora, o que aconteceria?

Capítulo Treze

Apesar de Ava ter tido o casamento dos seus sonhos, a primeira noite da vida de casada não poderia ter sido mais estranha. Como cortesia dos tios de Mateo, eles tinham uma reserva na suíte nupcial em um dos resorts mais chiques de Scottsdale. Eles chegaram de limousine, que outro primo Ortega tinha alugado, e, assim que a limousine foi embora, a bagagem deles foi levada pelo carregador de malas. Quando Mateo se dirigia à recepção para fazer o check-in, Ava se sentiu estranhamente vazia. Como a Cinderela depois da meia-noite.

Quando já estavam instalados na suíte, Ava ficou olhando desamparada Mateo ir até a varanda, onde ele ficou de pé e observou a noite. Ele estava estranhamente quieto, e ela ficou imaginando se o arrependimento já estava em seus pensamentos.

“Vou apenas trocar de roupa”, disse ela, mas não ouviu resposta. Ela entrou no quarto e abriu a mala que tinha levado para passar a noite. Claudia tinha ajudado Ava a tirar o vestido de noiva quando ainda estavam na casa dos Ortega, prometendo que se encarregaria de levá-lo para a lavanderia. Ava tinha colocado um vestido azul-celeste sem mangas de seda shantung para ir até o resort. Ela mexeu na mala e retirou uma frásqueira de maquiagem e uma muda de roupas para a manhã. Colocou essas coisas de lado e procurou a camisola e o robe.

Contudo, em vez da modesta camisola de cetim de cor pêssego e do robe que tinha colocado, ela achou uma camisola vermelha cor de batom. Ava segurou a lingerie de cetim para inspecioná-la. A peça mal dava uma sobra de tecido. Ela mexeu de novo na mala e continuou procurando. A primeira coisa que encontrou foi um envelope. Ela o abriu e puxou o cartão. “Feliz Noite de Núpcias para a minha nova prima! Não tivemos tempo para uma despedida de solteira adequada, então eu improvisei. Divirta-se! BEIJOS, Claudia.” Ava balançou a cabeça, sem saber se ria ou se gritava. Aquela era a velha Claudia, e Ava deveria ter imaginado. Meio que temendo o que mais iria encontrar, ela continuou remexendo na mala e puxou uma sacola de presente com um tecido preto e vermelho. Tão cuidadosamente quanto se estivesse desarmando uma bomba, Ava removeu a primeira camada de tecido e puxou uma garrafa de plástico.

Inicialmente, ela pensou que era uma loção, mas a imagem na frente mostrava uma coisa totalmente diferente. Ela deixou o objeto cair novamente na mala. O segundo item que ela pegou era um pacote de cuecas comestíveis. Sério? Ava só conseguia imaginar a diversão que Claudia teria quando lhe contasse a história da bagagem de lua de mel trocada. Ela riu baixinho.

“Pensei que você fosse trocar de roupa?”

Ava se virou e viu Mateo apoiado na porta. Ele tinha tirado o paletó, afrouxado a gravata e dobrado as mangas. Ele segurava um copo com gelo e um líquido amarelado com uma das mãos.

“Eu ia. Eu vou.” Ela só não sabia o quê. Ela seguiu o olhar de Mateo para a peça de roupa vermelha que ela segurava. Repentinamente constrangida, ela se apressou em dar uma explicação. “Claudia enviou isto.”

Mateo levantou as sobrancelhas, mas a expressão dele permaneceu impassível. “Que coisa!”

“O que foi?” Ava não pretendia deixar escapar aquelas palavras, mas ficou feliz em tê-las dito. Afinal de contas, a situação precisava ser esclarecida. “O que houve?”

“Nós nos casamos.” Ele deu um longo gole no que quer que estivesse dentro do copo.

Ava enfiou a lingerie de volta na mala. “Sim, eu sei. Eu estava lá. Mas o que aconteceu para mudar o seu humor tão drasticamente?”

Em resposta, Mateo girou os calcanhares e foi em direção ao bar da suíte.

Ava o observou da porta, enquanto ele preparava outro drinque. Ela cruzou os braços diante de si. Ela pode ter tido o casamento com o qual qualquer garota sonharia, mas a lua de mel ainda não estava lá essas coisas. Ela nunca tinha visto Mateo assim, pelo menos não tão calado. Diferentemente de tantos outros homens, ele tinha a capacidade de verbalizar os seus sentimentos e também de ser extremamente sensível quanto às necessidades dela. Mas naquele momento, ele estava com nota zero nos dois quesitos.

“Prepare algo para mim também.” Ela atravessou a suíte e esticou o braço, esperando pelo drinque. “Não é justo que apenas você fique com toda a diversão.”

Mateo derramou o resto do seu drinque na pequena pia. “Isso não seria muito justo, seria?” Os olhos dele procuraram pelos dela por um longo momento. “Sinto muito”, disse ele, finalmente.

Ava levantou a mão e tocou gentilmente no ombro dele. “Pelo quê?”

Ele se virou para encará-la. “Meu Deus, Ava, por tudo. Eu criei toda essa enorme confusão e você está presa no meio disso.”

Ela olhou para ele. Um feroz anseio por confortá-lo percorreu o seu corpo. Ela levantou a mão e a colocou no coração dele. “Eu não estou presa. E nem você, Mateo.”

Ele fechou os olhos. “Estou sentindo isso muito forte.”

“Olhe para mim, Mateo”, ordenou ela. Assim que ele olhou, ela sorriu gentilmente. “Nós não tropeçamos no meio de nada e não estamos presos. Toda escolha que você fez, toda escolha que eu fiz, que nós fizemos, foi para um único propósito: ver o Sr. O feliz nos seus últimos dias. Será que conseguimos isso hoje?”

Ele cobriu a mão dela com a dele. O seu toque fez com que um frisson de desejo a percorresse, mas ela estava determinada em ignorar esta sensação.

“Nós conseguimos, não foi?”, disse ela. “Eu não sei onde ele encontrou forças, mas ele trouxe vida para a recepção do casamento.”

“Ele traz vida para a nossa família.” Mateo a abraçou e encostou o rosto na cabeça dela. “Ele estava feliz.”

Os lábios de Ava se moldaram num sorriso. Ela conseguiu ouvir uma mudança na voz de Mateo, como se ele tivesse encontrado um pouco de alívio. Ela relaxou abraçada a ele. Daquele jeito, tudo fazia sentido. Ela suspirou.

“No que você está pensando?” A voz de Mateo era atenciosa e gentil.

“Estou preocupada com você. Você vai ficar doente ou maluco com toda essa preocupação e culpa que está carregando.” Ela recuou apenas o suficiente para olhá-lo no rosto. “Será que posso lhe pedir dois favores?”

Ele deu um meio sorriso forçado. “Acho que é muito justo, diante das circunstâncias. Quais são?”

“Primeiro, enquanto o Sr. O ainda estiver entre nós, prometa-me que você vai passar o máximo de tempo possível com ele. Pare de se punir com essa culpa.”

Mateo concordou com a cabeça. “Eu me casei com uma mulher sábia. Você tem razão, eu sei. Você me ajuda?”

Ava o abraçou mais forte na cintura. “Sempre.”

Ele sorriu para ela. “E qual é o segundo favor?”

“Ajude-me a procurar um robe. Graças à Claudia, eu não tenho nada para vestir hoje à noite.”

Mateo jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. “Pobre Sra. Ortega, é claro que eu a ajudo.” Ele se inclinou e lhe deu um beijinho nos lábios. “Há problemas mais complicados, sabia?”

“Sério?” Era a vez de Ava de rir. “Quando você vir o que ela colocou na mala para você, também vai querer um robe.”

Ele fez uma careta. “Estou com medo de perguntar. O que ela colocou?”

Ava riu. “Cuecas comestíveis.”

**

Aquele momento de descontração acabou sendo o último momento fácil entre eles. O primeiro mês do casamento deles passou como uma sucessão de dias agradáveis, porém distantes um do outro. Eles passavam as noites dormindo em quartos separados. Ava sabia que para um casamento arranjado em torno de um favor, era assim que tinha que ser, entretanto, quanto mais tempo ela passava com Mateo, mais se encontrava desejando um acordo diferente. O de um casamento de verdade – um pensamento tolo, a mente dela sabia disso. Mas era o coração dela que mantinha a ideia impossível de que ela e Mateo pudessem ter um futuro juntos.

Mateo era o mesmo homem atencioso e amável de sempre, então ela não tinha do que reclamar. Pelo contrário, ela não conseguia pensar em nenhum outro homem no mundo que pudesse ser um marido melhor que Mateo Ortega. Contudo, por toda a sua generosidade, ele tomava o cuidado de manter as suas emoções controladas e um certo espaço emocional entre eles, o tempo todo.

A maior parte do tempo deles depois do trabalho era gasta não em casa, mas na casa vizinha, da tia Sylvia. Joaquín Ortega, já fraco quando eles se casaram, perdia as forças gradualmente a cada dia. Ele se recusava determinadamente a ser internado, e a família respeitava a sua decisão. Ava ficava com o coração partido, vez após vez, enquanto assistia a uma multidão de familiares passando o tempo ao lado da cama dele, cuidando dele com muita afeição, apenas para se desfazerem em lágrimas assim que saíam do quarto.

Ava se sentava de bom grado ao lado da cama dele, normalmente pelas manhãs. Inicialmente, ela ficava um pouco com medo de que fazer isso fosse trazer muitas lembranças desagradáveis da doença da sua própria mãe, mas era o oposto que acontecia. O tempo que ela passava com o Sr. O, de alguma forma, ajudava a diminuir as suas lembranças tristes. Cada vez mais, ela conseguia pensar na mãe não com um sentimento de dor, mas, em vez disso, com lembranças amorosas, que lhe traziam um sorriso ao rosto. Ela passava bastante tempo ali, e, em parte devido à forma como o Sr. O rememorava o passado, ele sempre escolhia lembranças felizes sobre as quais falar. Ava percebeu que, por tempo demais, tinha cometido o erro de focar nas lembranças da perda da mãe. Não era à toa que a dor e o sentimento de perda tinham durado tanto. E agora que via tudo isso com novos olhos, ela percebeu que o seu marido estava cometendo o mesmo erro. Isso lhe partia o coração.

“Qual é o problema, *mi hija*?”, perguntou o avô de Mateo para ela numa manhã, quando ela estava sentada ao lado dele, lendo para ele.

Ava abaixou o livro e suspirou. “Estou preocupada com o Mateo.”

“Então somos dois.” Ele respirou profundamente. Sua fala ficava mais difícil com o passar dos dias. “Mateo e eu sempre fomos muito próximos. Ele é um bom garoto.”

Ava conseguiu sorrir, apesar da tristeza. “Sim, ele se tornou um bom homem.”

“Você o ama.”

Essa era uma afirmação, e não uma pergunta, mas Ava ficou aliviada em poder responder honestamente. “Eu o amo.”

“Ele também a ama.” O Sr. O fechou os olhos.

Ava ficou feliz de ter a chance de enxugar uma lágrima sem que o homem mais velho percebesse. O marido de Ava a apreciava. Nisso ela podia acreditar. Mas amá-la? Não. Mesmo assim, ela ficava grata que o Sr. O acreditasse que o neto a amava. Era sobre isso que tudo realmente se tratava, e ela precisava se lembrar disso.

Os olhos do Sr. O se abriram. Ele esticou a mão para que Ava a pegasse. “Quando eu não estiver mais aqui, quero que você proteja o coração de Mateo. Ame-o através da tristeza dele, sem falhar, Ava. Prometa-me isso.”

Ava concordou com a cabeça e apertou gentilmente a mão dele. “Eu sempre o amarei, Sr. O. Posso lhe prometer isso.”

“Obrigado, doce menina.” Ele fez uma pausa por alguns momentos, para recuperar o fôlego. “Você sabe o que eu desejo?”

Ava balançou a cabeça. Ela tinha um nó na garganta por causa da emoção, mas se esforçou para parecer o mais natural possível. “O quê?”

“Que eu pudesse conhecer a minha bisneta.”

“Qual?”, perguntou Ava. “O senhor tem tantas.” E cada uma delas se esforçava para visitá-lo com a maior frequência possível.

“Todas são umas bênçãos, minhas mais verdadeiras bênçãos.” Ele sorriu novamente. “Mas eu estava me referindo à filha de Mateo. À sua filha. Aposto que ela será linda.”

Ava de repente se sentiu como se estivesse em queda livre. Ela não queria conversar sobre isso. O próprio pensamento de ter um filho ou uma filha com Mateo a enchia com um sentimento de perda de algo que jamais aconteceria. “Ela?”

Ele concordou com a cabeça. “Eu sei que vocês terão primeiro uma menina. Eu não me engano sobre essas coisas. Ainda não errei um palpite sobre os meus bisnetos. Exceto uma vez, mas isso não é um histórico ruim.”

“Nada mal mesmo”, concordou Ava. Ela tentou bloquear a sua mente contra o pensamento de Mateo balançando carinhosamente um bebê nos braços.

“Desculpe um velho por fazer uma pergunta tão delicada de forma tão direta, mas o tempo não está a meu favor. Você e Mateo pensam em começar uma família?”

Ava foi salva de responder àquela pergunta pela chegada da enfermeira doméstica.

“Sinto muito em interrompê-los”, disse a enfermeira, enquanto colocava a bolsa na extremidade da cama. “Está na hora de eu verificar a sua sonda, Sr. Ortega.”

Ava se levantou e colocou de lado o livro que deveria ter lido em voz alta. Ela se inclinou e beijou gentilmente o Sr. Ortega no rosto. “Vou voltar amanhã de manhã, se não tiver problema, Sr. O.”

Ele sorriu. “Seria adorável, Ava.” Ele a chamou para chegar mais perto, e quando ela fez isso, ele continuou, “E os seus planos para ter um bebê?”

Ava forçou um sorriso, apesar de estar sentindo lágrimas se formando nos olhos. “Digamos que estamos no processo agora.” Ela gentilmente pousou uma mão no braço dele. “Descanse o máximo que conseguir hoje.”

Depois de uma breve conversa com Sylvia e o marido dela, Ava entrou no conversível e foi para o escritório. A mente dela girava, pensando nas últimas palavras que tinha dito ao Sr. O, ‘Digamos que estamos no processo agora’. Ela balançou a cabeça. De alguma forma, o seu enorme desejo de não adicionar mais uma mentira à montanha de mentiras que ela já tinha contado a fez pronunciar aquela sentença absurda. Aquilo nem significava nada. No processo de tentar? No processo de discutir?

Sem dúvida que o Sr. O pediria esclarecimentos durante a visita da manhã seguinte, mas estava tudo bem. Ela se lembraria de perguntar a Mateo naquela noite como ele queria tratar o assunto – o que lhe cairia muito bem, já que ela não queria passar mais nenhum momento pensando em ter uma família com Mateo. Era um sonho impossível e o coração dela já estava ferido o suficiente.

“Tente dormir, Abuelo.” Mateo se inclinou para a frente e colocou o lençol debaixo das mãos do avô, do jeito que ele gostava. “Nós podemos conversar depois.”

Joaquin sorriu sem forças. “Esperar para depois é uma perda de tempo.”

Mateo se sentou na cadeira e analisou o rosto do avô. Há tanto tempo quanto ele podia se lembrar, o rosto do avô tinha linhas de expressão e parecia desgastado pela exposição ao sol – exposição à vida, de uma forma ou de outra. Ele se lembrava que tinha sete anos quando perguntou ao avô se todas aquelas linhas de expressão eram de preocupação. ‘Algumas’, tinha lhe respondido o avô, ‘mas muitas outras são de felicidade, de rir e de sorrir. Estas são as mais fáceis de ver, pois são as grandes e mais importantes’.

“Eu te amo, Abuelo.”

Joaquin sorriu. “Eu sei. Eu também te amo, *mi hijo*. Sempre amei e sempre amarei.”

Sempre. A palavra era como uma faca perfurando o coração de Mateo. O tempo que ele e o seu amado avô tinham para ficar juntos estava se esgotando. E ele era adulto o suficiente para saber que a vida era desse jeito, ele era homem o suficiente para entender e aceitar isso. Mas o pequeno menino dentro dele carregava o fardo de uma tristeza insuportável.

“Estou feliz por você e Ava”, disse o avô.

Mateo podia jurar que o avô tinha piscado para ele. Certamente houve uma piscada nos olhos daquele senhor. “Fico feliz que você tenha participado do nosso casamento.”

“Eu também, meu garoto. Eu também.” Os olhos de Joaquin se fecharam. “Vocês três vão ser muito felizes.”

Mateo o olhou fixamente. “Nós três?”

Seu avô, com os olhos ainda fechados, sorriu. “Ava me contou sobre o bebê.”

Capítulo Quatorze

Mateo ficou com o avô até bem depois da meia-noite. Um pouquinho de luz brilhava de uma pequena lâmpada no canto. O quarto estava quente. E silencioso. Mas a expressão do avô era de paz. Mateo, contudo, sentia qualquer coisa, menos paz. O que será que Ava tinha dito ao avô dele sobre um bebê?

Era difícil de acreditar que ela contaria a qualquer pessoa que estava grávida, quando não poderia estar de jeito nenhum. Eles nunca tinham nem discutido sobre filhos. E não era o estilo de Ava contar deliberadamente uma mentira tão descarada. Porém, ela também tinha feito tudo que pôde para deixar o avô dele confortável e feliz. Talvez ela pensasse que saber que Mateo ia ser pai agradaria ao seu avô. E, obviamente, tinha agradado.

Mateo se encostou na cadeira e fechou os olhos. Uma imagem de Ava grávida sorrindo para ele invadiu os seus pensamentos. A ideia de ela estar carregando o seu filho no ventre lhe causou uma sensação de entusiasmo, que foi direto ao seu coração, apesar de que ele sabia que era um sonho impossível. Ou seria mesmo verdade? Será que ela poderia estar realmente grávida? Ele não ousava ter esperanças.

Embora sua intenção tivesse sido de ficar acordado, Mateo cochilou. Quando acordou, olhou imediatamente para a cama e ficou tranquilo ao ver que o avô ainda estava dormindo. A respiração do seu abuelo era lenta e superficial, mas aquele foi o sono contínuo mais longo que Mateo lembrava que ele tinha tido em semanas, então era uma coisa positiva. O que quer que Ava tivesse dito sobre um bebê, certamente parecia ter deixado Joaquin feliz.

Uma rápida olhada no relógio disse a Mateo que Ava muito possivelmente estaria dormindo. Isso evitaria que ele a questionasse naquela noite, e provavelmente seria melhor que evitasse vê-la quando chegasse em casa. Ele estava precisando usar toda a força de vontade que tinha para mantê-la afastada. Já fazia mais de um mês que eles tinham se casado, e todos os dias ele se encontrava cada vez mais atraído por Ava. Ao mesmo tempo, um sentimento crescente de medo o invadia, quando ele pensava sobre o fim do acordo. Quando Ava tivesse saído da sua vida, ele iria sentir como se nuvens tivessem encoberto permanentemente o sol.

Ele se virou quando a porta do quarto se abriu. Era o tio Oscar.

“Mateo, vá para casa”, sussurrou o tio. “Você deveria estar com a sua esposa.”

Outro pingo de culpa gotejou na consciência de Mateo. “Eu posso ficar mais tempo, tio. O senhor precisa trabalhar de manhã, então pode ir dormir.”

Oscar balançou a cabeça. “Eu tirei algumas semanas de folga para ficar com a Sylvia. Ela vai precisar de mim.”

O que Mateo não disse, o que não precisava dizer, sobre estar lá por Joaquin, causou-lhe uma onda de tristeza. “Fico feliz que você esteja aqui pelo bem da tia”, disse ele. “O senhor acha...”, sua voz sumiu, incapaz de fazer a pergunta em voz alta. Será que ele acreditava que eles iriam perder o querido patriarca em breve?

Oscar concordou com a cabeça, em resposta à pergunta implícita. “Nós achamos.” Ele olhou para a cama. “E precisamos ver isso como uma bênção, pois o seu abuelo está sentindo mais dor do que demonstra.” Ele colocou uma mão carinhosa no ombro de Mateo. “Ele está pronto para partir, *mi hijo*.”

Mateo concordou com a cabeça. Ele precisou de um minuto inteiro para conseguir falar novamente. “Fico feliz que o senhor esteja aqui.”

“Vá para casa, Mateo. Nós lhe telefonamos se precisarmos de você, eu prometo.”

Mateo fez o que o tio pediu, indo embora e fechando a porta da casa escura o mais silenciosamente possível. Atravessou a passagem na cerca em direção à casa de Ava, mas se demorou na varanda por um bom tempo em vez de entrar. Olhou para o céu. As estrelas estavam excepcionalmente brilhantes. Mateo iria sentir saudades do seu abuelo quando ele partisse. E também iria sentir saudades de Ava quando ela partisse. Ele olhou para a janela do quarto de casal, esperando ver um rasgo de luz que indicasse que a sua esposa estivesse acordada. No entanto, o quarto dela estava escuro, o que significava que uma conversa sobre o bebê teria que esperar até a manhã seguinte. Um bebê. Simplesmente pensar nisso o fazia sorrir.

**

Ava acordou de manhã sentindo cheiro de café. E bacon. E pão fresquinho também. Ela olhou para o relógio. Já passava das oito. Certamente Mateo já tinha ido para a escola há muito tempo. Ela inalou o cheiro profundamente e depois sorriu, imaginando qual das suas novas parentes tinha decidido brincar de fada-madrinha na cozinha. Ela tomou um banho rápido, colocou um vestido branco de verão, em algodão piqué, com papoulas vermelhas, e depois fez uma trança francesa nos cabelos.

“Bom dia”, disse ela, enquanto caminhava para a cozinha. Ela parou por um segundo, quando viu que era o seu marido ao fogão, de espátula numa mão e prato na outra. “Oh.”

“Bom dia, Ava.” Ele colocou vários pedaços de bacon no prato com um garfo, adicionou alguns ovos mexidos e uma fatia de pão de trigo assado fresquinho. “Espero que você esteja com fome.”

Ava pegou o prato que lhe foi oferecido. “Obrigada, parece delicioso. Por algum motivo, estou faminta.” Ela olhou para o relógio. “Pensei que você já tivesse ido para a escola.”

Mateo desligou as bocas do fogão e se virou para ela. O rosto dele exibia tanto tristeza quanto falta de sono, mas também outra coisa que Ava não conseguia identificar.

“Eu queria falar com você sobre um assunto”, disse ele, indicando que ela se sentasse à mesa. “Você quer café?”

Considerando que ela era viciada em cafeína – e ele sabia disso –, a pergunta a surpreendeu. Café lhe caíria muito bem; era uma necessidade. “Por favor.” Ela o observou, enquanto ele enchia cuidadosamente uma caneca com café e, em seguida, adicionava um pouco de leite, do jeitinho que ela gostava. “Tem algo que você queira me contar, Mateo?”

Ele lhe entregou a caneca e se sentou na cadeira à frente dela. “Eu ia te perguntar a mesma coisa.”

Ava deu um longo e lento gole no café. “Nós não temos nos visto há tempo suficiente para termos uma conversa inteira.”

“Eu sei, e peço desculpas”, disse Mateo, esticando o braço para colocar a mão sobre a dela.

O seu toque era caloroso, e Ava ficava surpresa de como gostava disso. “Não peça desculpas, não foi isso que eu quis dizer”, disse ela. “Como estava o Sr. O ontem à noite?”

O espasmo de dor que percorreu o rosto dele foi a resposta que Ava precisava. Ela apertou a mão dele.

“Parecia que ele estava confortável, e fico feliz com isso. Mas o tio Oscar tirou uma licença para tratamento de saúde em pessoa da família.” Ele suspirou. “Isso me diz o que eu preciso saber.”

O coração de Ava afundou. Nada disso era – ou deveria ser – novidade para nenhum deles. O Sr. O era idoso, e o seu câncer estava num estágio avançado. Então nada disso chocava ninguém, mas a dor e o iminente sentimento de perda eram um fardo muito pesado para se carregar. “Eu sinto muito.”

Eles ficaram sentados em silêncio por longos momentos, antes que Mateo apontasse para o prato dela. “Você precisa comer.”

Ava olhou para o bacon e os ovos, que já estavam frios, e, de repente, sentiu o estômago embrulhado. Até o café tinha um gosto amargo. Ela empurrou o prato. “Não consigo. Desculpa.”

Para a surpresa de Ava, Mateo, na verdade, sorriu. O porquê de ele ter achado aquilo divertido ela não conseguia nem começar a entender, mas ela não iria perguntar, pois sentia falta do sorriso dele.

Ele colocou o prato dela de volta no balcão e o deixou perto do fogão. “Mais café?”

Ela balançou a cabeça. “Não, obrigada.” Ela se levantou e empurrou a cadeira. “Eu tenho que ir para o escritório. A menos que você precise de mim aqui.”

Mateo massageou a testa com as mãos, de olhos fechados, por apenas um instante. “Não, pode ir. Mas Ava... por favor, tome cuidado.”

“É claro.” Ela se virou para sair, mas o seu coração pediu que ficasse. Ela se virou novamente para ele. A expressão dele estava tão desamparada que ela não aguentava não o confortar. Ela foi até onde ele estava, mas logo a incerteza a fez hesitar. Eles não tinham tido nenhum contato físico desde o dia do casamento. Será que ele aceitaria o seu toque? “Você quer que eu fique com você?”

Em resposta, Mateo esticou os braços e, gentilmente, lhe deu um abraço. Ele beijou a cabeça dela tão carinhosamente como se ela fosse uma criancinha. Ela encostou o rosto contra o peito dele e escutou o ritmo regular do seu coração. Ela nunca queria sair dali.

“Ava”, disse ele numa voz baixa e afetuosa, porém também inquisidora. “É verdade?”

Ela não se moveu nem se afastou. Ela queria saborear o precioso momento de estar perto dele o tempo que pudesse. “O que é verdade?”

“O Abuelo me contou sobre a conversa que vocês tiveram ontem de manhã. Ele me disse o que você contou para ele.”

Ava relembrou na sua mente o máximo que conseguiu da conversa. E parou quando lembrou que tinha dito, ‘Eu sempre o amarei, Sr. O. Posso lhe prometer isso.’ Então agora Mateo sabia que ela o amava. Ela mordeu a parte interna da bochecha, mas não recuou para olhar para ele. “Isso o incomoda?”

Mateo a abraçou mais forte. “Se me incomoda? Puxa vida, é claro que não, Ava. Esta é a melhor notícia que eu poderia receber. Eu nem ousava ter esperanças.”

O coração dela começou a acelerar. Ele sabia que ela o amava e não parecia nada além de encantado com esta notícia. Ela sentiu uma bolha de alegria se formar no seu coração. “Você tem certeza de que não está chateado? Quero dizer, isso não fazia parte do nosso acordo inicial.”

Mateo riu e a segurou com os braços esticados. O seu sorriso era afetuoso. “Eu não poderia estar mais feliz, Ava. E fico contente que você tenha contado ao Abuelo. Ouvir isso de você significa tudo para ele.”

Ava o encarou, surpresa com a sua reação. Mas ela não queria pressioná-lo quanto aos seus sentimentos. O pobre homem estava emocionalmente arrasado pelo pesar e a tristeza. Haveria tempo depois para falar sobre tudo isso. “Fico contente que ele tenha ficado feliz sobre isso.”

Mateo riu. “Feliz não chega nem perto de descrever como nenhum de nós se sentiu.” Ele gentilmente colocou as mãos no rosto dela, com um olhar ansiando por um breve momento nos seus lábios. “Estou apenas surpreso que você tenha dito isso primeiro para ele.”

“Eu não sabia como você se sentiria em relação a isso.” Sinceramente, ela não tinha a intenção de lhe contar, a sua única intenção tinha sido de confortar o Sr. O.

Mateo se inclinou e a beijou por um longo momento. “Esta é a melhor coisa que poderia ter acontecido a nós dois. É um novo começo, uma linda nova vida.”

Ele estava prestes a beijá-la de novo, quando a campainha da porta tocou. Não apenas uma vez, mas várias vezes, em uma sucessão muito rápida. Compartilhando a frustração por causa da interrupção, ambos olharam para a porta, quando ela se abriu. Era a tia Sylvia.

Uma olhada no rosto dela, e nas lágrimas que escorriam pelo seu rosto, foi tudo que Ava precisou para saber o que tinha acontecido. Ela olhou rapidamente para Mateo. O choque no rosto dele lhe disse

que ele também sabia. O Sr. O tinha partido.

“Papa morreu.” Sylvia cobriu a boca com as mãos, e as lágrimas fluíram livremente pelo seu rosto.

“Eu sinto muito”, sussurrou Ava no silêncio sepulcral da cozinha. Ela se afastou do abraço de Mateo e colocou o braço nos ombros da tia. “Diga-me o que podemos fazer.”

Sylvia suspirou profundamente, tremendo o corpo inteiro. “Você pode ligar para todo mundo? Talvez possa começar pelas minhas irmãs e lhes pedir para avisar às suas famílias?”

“É claro, vou fazer isso agora mesmo.” Ava olhou para Mateo. Ele estava parado, como se estivesse congelado pela notícia. Ela se virou novamente para Sylvia. “O tio está com o Sr. O?”

Sylvia concordou com a cabeça e pressionou um pano no canto dos olhos. “Sim, os paramédicos já estão vindo.”

“Eu vou ligar para o escritório e dizer que não vou trabalhar hoje. Eu ligo para a escola também, Mateo”, disse Ava. “Depois eu vou fazer os telefonemas na casa da senhora. Alguém precisa estar lá para quando as pessoas começarem a chegar.”

“Obrigada, Ava.” Sylvia enxugou os olhos e endireitou os ombros. “Mateo, você vem conosco para a funerária?”

A solicitação direta pareceu dar um estalo e quebrar o silêncio do choque de Mateo. “É claro, deixe-me ficar a sós um momento com Ava e vou já para lá.”

A tia dele os abraçou e os agradeceu profundamente. Depois que a tia fechou a porta da frente atrás de si, Ava se virou para Mateo. A mágoa dele era palpável. O coração dela doía por ele. “Mateo, eu sinto muito.”

O olhar dele encontrou o dela. “Ava”, mas a voz dele falhou, quando ele disse o seu nome. Ele balançou a cabeça.

Ava o abraçou pela cintura e o puxou para mais perto. “Deixe-me ajudá-lo, Mateo.”

Ele a abraçou contra o peito com um dos braços e fez carinho no seu cabelo com a outra mão. “Você já me ajudou, Ava. Já me ajudou mais do que imagina. Eu te amo.” Ele beijou a cabeça dela. “Se não fosse por você e pelo bebê, não sei como poderia suportar isso.”

Então, antes que as palavras dele fossem completamente registradas, ele a beijou mais uma vez, soltou o abraço e foi até a porta da frente antes que ela pudesse reagir. Ele a amava. Mateo a amava. A mente dela começou a girar. Bebê? Ela olhou para a porta e seus olhos se abriram mais ainda, quando o significado completo das palavras de Mateo foi compreendido. Bebê. Ela se sentiu dura como uma estátua. Mateo pensava que ela estava grávida.

Capítulo Quinze

Na manhã em que a família Ortega enterrou o seu amado patriarca, os céus honraram a nova chegada com um brilhante céu azul. Ava, usando um vestido azul marinho justo ao corpo com um bolero, estava de pé ao lado de Mateo durante o enterro. A família, honrando os desejos de Joaquin, não fez uma missa tradicional. Em vez disso, o Sr. O tinha solicitado uma breve cerimônia junto ao túmulo e instruído a família para voltar para casa e passar o dia todos juntos para compartilharem o seu amor, suas risadas e boas lembranças.

Apesar de tudo, nenhuma lágrima – o tio Oscar leu em voz alta uma carta de Joaquin – será derramada por minha causa. Quando vocês lerem esta carta, alegrem-se, pois significa que me juntei à minha amada esposa Beatriz. Continuo firme na minha fé de que, um dia, estaremos todos juntos novamente. Até lá, estarei com a nossa família celestial. Todos vocês, honrem a sua Abuela e a mim, amando uns aos outros. Nós daremos as boas-vindas a cada um de vocês no tempo de Deus, quando vierem se juntar a nós aqui. A única promessa que lhes peço é que recebam cada novo membro da família Ortega com grande amor e alegria, quando este membro chegar ao meio de vocês. O amor dura para sempre. A família é para sempre. E o meu amor por todos e cada um de vocês é para sempre. Para Siempre.

Enquanto Oscar dobrava a última carta do Sr. O e a colocava no bolso do seu paletó, Ava olhava para Mateo. As feições dele estavam incrivelmente compostas, para a surpresa dela. De fato, durante os últimos dois dias, ela tinha ficado impressionada de como ele tinha aguentando tão bem a situação, mais do que deixava transparecer. Eles tinham tido pouco tempo para conversar em particular. Como era a tradição em grandes famílias, como a dos Ortega, eles tinham se reunido na casa de Sylvia e Oscar, e Mateo tinha passado grande parte do tempo lá, com a sua família. Quando ele tinha estado em casa, estava claramente tão emocionalmente exausto que Ava ficava relutante em trazer à tona o assunto do bebê que ele pensava que ela estava carregando no ventre. Relutante era uma palavra para descrever a decisão dela de deixar o assunto em paz; covardia era outra. A forma como Mateo sorria para ela, com um brilho de alegria nos olhos, fazia com que ela recuasse. Quando ele descobrisse a verdade, quando soubesse que ela não estava grávida, o coração dele iria ficar partido. Outra vez. E, desta vez, iria ser culpa dela.

Após ambos terem colocado uma rosa branca sobre o caixão e dito um último adeus, Ava seguiu Mateo até o carro. Ela sorriu para lhe agradecer por ter aberto a porta. Entrou e foi pegar o cinto de segurança, mas a mão de Mateo o pegou primeiro.

“Permita-me, Ava”, disse ele, enquanto passava o cinto de segurança pela cintura dela e o afivelava gentilmente. Ele fechou a porta dela e arroudeou para o outro lado. Quando se sentou no banco do motorista, tirou os óculos escuros e sorriu para ela. “Eu sei que não tivemos a chance de conversar –”

“Nós precisamos”, apressou-se Ava em interrompê-lo. Isso tinha que chegar a um fim. Não era justo fazê-lo pensar que ela estava grávida. Contudo – e que os céus a ajudem –, partir o coração de Mateo, contando-lhe que ela não estava grávida do filho dele, seria a coisa mais difícil que Ava jamais faria.

Ele concordou com a cabeça. “Eu sei que o bebê muda tudo.” Ele deu a partida no carro e se juntou à fila de carros que voltavam à casa da tia Sylvia. “Nós temos que fazer planos, mas se pudermos pelo menos passar pelo dia de hoje antes de trazermos de volta o foco para nós, eu ficaria grato.”

“É claro”, concordou ela. Hoje não era o dia. Mas teria que ser mais cedo do que tarde. Esperar mais tempo seria cruel. Mateo não merecia isso, e ela não suportaria viver com aquela mentira por muito mais tempo. “Vamos arranjar um tempo amanhã de manhã.”

“Obrigado, Ava.” Ele pegou na mão dela e a segurou forte na sua. “Não sei como eu teria passado por tudo isso sem você.”

Ela apertou a mão dele.

**

O resto do dia e as horas que levaram ao início da noite foram cansativos. Ava se juntou a muitas das mulheres na cozinha por grande parte da tarde, e ter algo no que se focar a ajudou a manter a mente longe da posição desconfortável em que se encontrava. Toda vez que Mateo a olhava nos olhos, ela se sentia como uma fraude. Mas o que poderia fazer? Nos últimos vários dias, desde o momento em que Mateo soube da morte do seu abuelo, ele tinha estado ocupado demais. Havia telefonemas para fazer, familiares para pegar no aeroporto, sem mencionar o tempo que ele tinha gasto visitando a família. Puxá-lo de lado e contar-lhe que ele tinha cometido um mal-entendido sobre a última conversa com o avô e que não estava prestes a se tornar pai seria como jogar um balde de água fria nele. Entretanto – Ava percebeu enquanto dobrava guardanapos para colocar na mesa do buffet –, era outra forma de crueldade permitir que ele se apegasse a um sonho que não iria se tornar realidade. Ela suspirou.

“Você está bem, Ava?”

Ava se virou e viu que Claudia estava ao seu lado com uma cesta de talheres. Ela retribuiu o sorriso da outra mulher. “Estou bem. Do mesmo jeito que todos aqui.”

Claudia começou a separar os talheres. “Achei a cerimônia adorável. Você não achou?”

“Achei.” Ava ficou grata em poder falar a verdade. Parecia que tudo que ela dizia ultimamente era uma mentira. “A carta do Sr. O estava linda. Ele tinha um coração tão bom.”

Os olhos de Claudia ficaram úmidos. “Não será a mesma coisa sem ele.” Ela piscou várias vezes e apertou os olhos bem forte para conter as lágrimas que não queria derramar. “Mas ele deixou bem claro o que quer de nós, então vamos fazer isso. Certo?”

Ava concordou. “Certo.”

Contudo, por quanto tempo ela faria parte da família? A pergunta martelava na sua cabeça toda noite. Logo antes de anoitecer, ela procurou Mateo para lhe dizer que ia voltar para casa.

Ele se inclinou e a beijou no rosto. “Você quer que eu a acompanhe?”

Os lábios dela se levantaram, num suave sorriso. O olhar amoroso dele, cheio de preocupação, era mais do que tocante. “Mateo, eu estou bem. Só vou para a casa vizinha.”

Ele fez uma expressão meio sem jeito. “Eu sei, mas é importante para mim que você saiba que estou aqui para você, Ava.” Ele, gentilmente, levantou a mão e fez um carinho no rosto dela. “E sempre estarei.”

Sempre. O coração de Ava ficou apertado. Eles não tinham a vida toda. Eles não iriam ter um bebê. Não havia um futuro. Eles tinham que conversar de manhã, porque ela não conseguia mais aguentar isso. “Boa noite, Mateo.”

Quando ela estava se preparando para ir para a cama, experimentou uma terrível solidão perturbadora. Era impossível imaginar que o Sr. O realmente tinha partido. Ava também tinha pensado na mãe muitas vezes nos últimos dias. Mas, agora, ambos faziam parte do passado. E o passado não era tudo que a deixava triste. O pensamento de um futuro sem Mateo era igualmente doloroso. E seria, de fato, um futuro sem Mateo.

Com uma repentina clareza, ela soube o que tinha que fazer. Pegou um cobertor leve de chenilhe e se aconchegou no sofá, em vez de ir para a própria cama. Ela tinha que falar com Mateo naquela noite. Que

Deus lhe dê coragem! Ela iria precisar.

**

Mateo chegou em casa bem depois da meia-noite. Ele não tinha tido a intenção de deixar Ava sozinha por tanto tempo, mas quando começou a olhar os antigos álbuns de fotos com a família, o tempo voou. Ele colocou as chaves na mesinha perto da porta e desligou a luz da varanda da frente que Ava tinha deixado ligada para ele. Mateo se surpreendeu de como foi rápido começar a se sentir à vontade na casa da mãe de Ava.

Ele adorava a ideia de que ele e Ava iriam criar os próprios filhos onde ambos tinham crescido. Eles tinham uma vida inteira de amor que os esperava, e, embora fosse nova a ideia de o seu relacionamento com Ava se tornar permanente, parecia ser a coisa certa. Mais do que certa, parecia ser o destino deles.

Depois de ter trancado a porta da frente, ele percebeu que Ava estava dormindo no sofá. Um pequeno raio do luar, que atravessava as persianas da janela, lançava luz suficiente para que Mateo pudesse ver o rosto de Ava. A menos que a luz estivesse brincando com os olhos dele, parecia que ela tinha chorado. Culpa e ternura se abateram sobre ele. Coitada da sua esposa. Ela tinha estado tão firme no seu apoio a ele ao longo dos últimos dias difíceis. E, em troca, ele a tinha deixado sozinha tempo demais. Já chega. A partir de agora, ele faria de Ava e da sua família a sua prioridade número um.

Ele gentilmente puxou o cobertor de cima dela e chamou o seu nome, mas ela não respondeu. Então, em vez de tentar de novo, ele gentilmente a levantou nos braços e a carregou até o quarto. Com um braço apertado fortemente ao redor dela, ele puxou as colchas da cama e a deitou. Embora ela tenha se mexido, não abriu os olhos.

Mateo se sentou na borda da cama e a observou dormir por alguns minutos. Quando ela se virou de lado, a sua camisola foi levantada, deixando pouco espaço para a imaginação dele. Mateo foi provocado pelo desejo. Ele a queria. Ele queria fazer amor com a sua esposa. Esticou o braço e passou os dedos pelo braço dela. A sua pele era quente e delicada. Ela era perfeita. Todo centímetro de Ava fazia dela exatamente a mulher com quem ele queria passar o resto da vida.

Mateo tirou os sapatos e se deitou nos travesseiros do lado dela. Gentilmente, ele a abraçou. Não tinha coragem para acordá-la, mas precisava estar com ela, precisava tê-la entre os seus braços. Ela abriu os olhos apenas por um momento, antes de fechá-los novamente, e se aconchegou no peito dele. Mateo suspirou. Segurá-la era como segurar um pedacinho do céu. Ele se inclinou e a beijou na cabeça.

Para a surpresa dele, Ava recuou o suficiente para olhá-lo. “Mateo”, sussurrou ela. “Você está em casa.”

Em casa. Uma onda de gratidão percorreu o corpo dele. “Eu estava com saudade de você hoje à noite.”

Os lábios dela desenharam um sorriso sonolento. “Estou aqui agora.”

Ele passou o polegar sobre os lábios dela. “Eu quero fazer amor com você, Ava.”

Os olhos dela se fecharam, mas, logo em seguida, se abriram novamente. “Uma última vez?”

Porém, ela não lhe deu a chance de responder à pergunta antes de voltar aos seus braços. Porque se ele tivesse respondido, teria lhe garantido que aquela noite era apenas o começo de uma vida inteira de amor.

**

Quando ela se acordou, na manhã seguinte, uma olhada no travesseiro vazio ao seu lado lhe deu a certeza de que a noite anterior não tinha sido um sonho. O cheiro da colônia de Mateo ainda podia ser sentido fracamente nos lençóis. Ela se sentou e olhou para o pequeno relógio no criado-mudo. Já passavam das

nove. Os seus olhos avistaram um pedaço de papel dobrado, enfiado debaixo do relógio. Ela se esticou e o pegou. Os olhos dela percorreram o bilhete de Mateo.

Ava – A noite passada foi maravilhosa. Você é maravilhosa. Esta jornada que começamos deu uma guinada inesperadamente louca, mas eu sei que fomos feitos um para o outro, e temos que ficar juntos para sempre. Eu te amo. Amo vocês dois. Para Siempre. Com amor, Mateo p.s. tive que ir correndo para a escola para resolver um problema, volto em algumas horas. BEIJOS

Ava se lançou de volta aos travesseiros e fechou os olhos contra o que parecia ser um rio de lágrimas. A noite passada tinha sido maravilhosa, Mateo tinha razão. Quando eles faziam amor, era como se tudo mais deixasse de existir, e apenas a conexão deles importasse. Mas a dura realidade da manhã ensolarada deixava claro o que Ava tinha que fazer. Ela tinha que acabar com aquela farsa, pelo bem de Mateo, assim como pelo seu próprio bem. Não havia um bebê. O desejo repentino de Mateo de continuar casado tinha tudo a ver com o bebê que ele pensava que ela estava esperando, e com o desejo dele de ser um homem respeitável, o homem que ele tinha sido criado para ser. Não era ela quem ele queria, e a verdade, por mais dolorosa que pudesse ser, era que ela precisava sumir da vida dele. Ava pegou o travesseiro dele e o balançou entre os braços. Ela sentiu o seu cheiro. *Oh, Mateo, perdoe-me pelo que estou prestes a fazer.*

Capítulo Dezesseis

Ava estacionou na sua vaga e desligou o motor, melancólica. Olhou pelo retrovisor e viu a bagagem no banco de trás. Fazer as malas para deixar a casa que tinha compartilhado com Mateo tinha sido uma tortura, mas tinha que ser feito. Ela certamente não tinha planejado sair desta forma, e nem tão cedo, depois da morte do Sr. O, mas todo o mal-entendido sobre o bebê foi um fator decisivo. Isso tinha que acabar.

Para a sua sorte, não havia ninguém no escritório. Ava deu uma rápida olhada no calendário e percebeu que tinha uma hora, antes que alguém mais voltasse das vendas ou das reuniões de planejamento. Perfeito. Isso lhe deu um bom tempo para reunir alguns trabalhos e deixar um bilhete explicando a sua ausência. Ela poderia fazer teleconferências com a sua equipe enquanto estivesse fora. Não poderia ficar fora por muito tempo – verdade seja dita –, mas precisava de um momento em paz para se recompor. Ela enterrou o rosto nas mãos. Quem ela estava enganando? Seria necessário um esforço hercúleo para tirar Mateo dos seus pensamentos. E do seu coração.

Foi só quando ela tinha arrumado tudo e deixado um bilhete para a equipe que viu algumas folhas de papel com um bilhete adesivo amarelo no topo, onde se podia ler: **IMPORTANTE**. Ela pegou os papéis e começou a folheá-los. Depois olhou de novo para o bilhete adesivo. *Chefe, pensei que você iria querer começar a resolver a papelada da mudança de nome. Ava McKenna Ortega. Um nome que vem com um belo anel!* Ava deixou os papéis caírem de volta na mesa. Ava Ortega. Realmente vinha com um belo anel. Ela balançou a cabeça. Já deu o que tinha que dar.

Quando cruzou a fronteira com o Novo México, Ava parou para almoçar e esticar as pernas. Depois de ter reabastecido o conversível, ela ligou o celular e rolou as dezenas de mensagens de texto que tinha recebido. Várias eram de Mateo, mas ela viu que tinham sido enviadas de manhã, quando, muito provavelmente, ele ainda não tinha encontrado a carta dela. Ele também tinha deixado duas mensagens de voz, mas Ava sabia que não era forte o suficiente para escutá-las. O som da voz dele seria o suficiente para fazê-la querer dar meia volta e dirigir direto até Phoenix. Ela desligou o celular e o colocou na bolsa. Ela precisava continuar em frente, se quisesse chegar a Santa Fé antes de escurecer. Precisava continuar em frente, se quisesse se manter forte.

Várias horas depois, Ava chegou ao Rancho Feliz Spa & Resort. Ela entregou as chaves ao jovem no balcão dos manobristas e sorriu agradecendo para a jovem da recepção que pegou as suas malas. Outra jovem sorridente a recebeu calorosamente, quando ela se aproximou para fazer o check-in. Pela primeira vez na vida que conseguia lembrar, Ava sentiu um lampejo de inveja da juventude despreocupada daquelas pessoas.

“É apenas um quarto individual, senhora?”

“Sim, a reserva está no nome de Ava Ortega”, respondeu ela. E enfiou a mão na bolsa, procurando a carteira, enquanto a recepcionista procurava pela reserva. Ava retirou o cartão de crédito e a identidade, mas a jovem ainda continuava procurando, quando, finalmente, franziu as sobrancelhas sutilmente.

“Posso ver a sua identidade, por favor?”

Ava lhe entregou a identidade e esperou outro instante, enquanto a jovem tentava de novo. “Certo, eu tenho uma reserva para a senhora no nome de Ava McKenna.”

Ava concordou. “É isso mesmo.”

A recepcionista devolveu a carteira de motorista de Ava. “Desculpe, mas acho que ouvi a senhora dizer Ava Ortega.”

Ava precisou de um momento para entender o que deveria ter dito. “Eu me enganei”, desculpou-se ela. E se esforçou para segurar as lágrimas, até que chegasse à privacidade do quarto. Assim que chegou lá, ficou cega para o charme da decoração rústica de povoado. Ela se afundou na cama e segurou um travesseiro bem forte contra o peito, enquanto se desfazia em lágrimas.

**

“Se eu soubesse onde ela estava, Mateo, eu lhe diria.”

Mateo concordou com a cabeça, mas não respondeu. Marti não tinha culpa de não saber onde a sua chefe estava. Era ele quem deveria saber onde a própria esposa estava, mas não sabia. Saber que ela estava tão infeliz e desesperada a ponto de fugir dele, sabe-se lá por que motivo, o corroía por dentro.

“Eu posso deixar mensagens de voz, enviar e-mails e mensagens de texto para ela por você, mas tenho certeza de que você já tentou isso.” Marti levantou as mãos para indicar como estava impotente diante daquela situação. “Mas se você conseguir pensar em qualquer outra coisa que eu pudesse fazer para ajudar, basta me dizer.”

“Eu agradeço, Marti”, ele conseguiu dizer. Seu coração doía. Para onde será que Ava poderia ter ido? O bilhete dela tinha deixado bem claro o porquê de ela ter partido, mas tudo com o que ele se importava agora era em saber onde ela estava. Se pudesse pelo menos encontrá-la, ele sabia que poderia consertar as coisas. Não havia bebê e Ava não estava grávida, o bilhete dela tinha deixado isso claro, mas ele não estava nem perto de estar chateado com isso como ela pensava que ele ficaria. Ele só queria ela. Apenas ela. Para sempre. Ele voltou a atenção para Marti novamente. “Ela, por acaso, mencionou algum lugar que gostaria de visitar? Algum tipo de férias que queria tirar no futuro? Até um comentário qualquer de algum lugar sobre o qual ela tinha ouvido falar, que parecia lhe interessar?”

Marti balançou a cabeça. “Fazer Ava pensar em qualquer coisa que não fosse o trabalho antes de ela conhecer você era quase impossível. Ela nunca tirou férias.” Marti mordeu o lábio e pensou por um momento. “Mas ela teria que ter feito reservas em algum lugar ou pelo menos consultado um mapa, se fosse ir para um lugar diferente.” Seu rosto se iluminou. “Então, se ela tiver procurado por esse lugar no computador dela aqui, talvez ainda esteja no histórico de navegação.”

Mateo sorriu pela primeira vez desde que tinha lido o bilhete de Ava e sentido toda a sua vida escorrer pelos dedos com a notícia de que a esposa o tinha deixado. “Você é brilhante.”

“Não crie muita esperança”, advertiu Marti, enquanto ia para o escritório de Ava e ligava o monitor do computador. “Ela pode ter usado o notebook ou o tablet para procurar algo, ou pode ter apagado o histórico de navegação, então não vamos colocar o carro na frente dos bois.” Ela se sentou em frente ao computador e começou a digitar no teclado.

Mateo caminhava pelo escritório como um leão enjaulado. A lembrança de ter Ava em seus braços na noite passada estava marcada a ferro no seu coração. Ele tinha retornado à casa apenas algumas horas depois de tê-la deixado dormindo na cama, para descobrir que ela tinha sumido e deixado um bilhete escrito à mão, em cima do criado-mudo. Ava tinha se desculpado abundantemente pelo mal-entendido que tinha deixado Mateo pensando que ela estava grávida, e por não ter esclarecido a confusão imediatamente. Ele estava desapontado, mas saber que ainda não iria ser pai não o feriu um décimo do que o feriu quando ele continuou lendo. *Mateo* – ela tinha escrito –, *Nós fizemos o melhor possível pelo Sr. O, mas eu não sou o que você precisa na sua vida.*

Errado, pensou ele quando amassou o bilhete na mão. Ela era exatamente o que ele precisava e queria em sua vida. Agora, o que ele iria dizer para convencê-la a dar uma chance ao casamento deles, quando a encontrasse, Mateo não sabia. Mas ele sabia que amava Ava McKenna mais do que a própria vida.

“Consegui”, exclamou Marti triunfante, um momento depois. “Aposto que ela está num lugar em Santa Fé chamado Rancho Feliz. Tem alguns outros lugares que ela pesquisou, mas para esse aqui, ela entrou em todas as páginas do site deles, e parece que colocou as informações deles no site de mapas também.” Marti apertou mais alguns botões e a impressora começou a cuspir algumas páginas. “Você quer que eu ligue e descubra se ela está lá?”

Mateo balançou a cabeça. “Duvido que eles confirmem, caso ela esteja lá. Eu mesmo vou ligar no caminho e fazer uma reserva para mim.” Ele olhou o relógio. Havia algumas coisas na escola que ele obrigatoriamente tinha que resolver antes de ir, o que significava que só poderia ir bem cedo na manhã seguinte. “Sei que não é justo lhe pedir isso, mas se você falar com a minha esposa, poderia não mencionar que estou indo para lá? Eu não quero afugentá-la.”

Marti fez um movimento como se estivesse fechando um zíper na boca. “Minha boca é um túmulo.”

“Obrigado por tudo, Marti. Você é mesmo a pedra preciosa que Ava disse.”

Marti sorriu. “Apenas a encontre e a ame, Mateo. O lugar dela é ao seu lado. Todos sabem disso, menos ela. Convença-a a voltar para casa com você.”

Ele colocou a mão sobre o coração. “Tentarei para sempre, se for preciso.”

**

Desesperada para afastar a mente do seu coração partido, Ava participou de uma aula de yoga ao amanhecer. Em seguida, tomou um café da manhã leve no terraço e fez uma longa caminhada numa trilha pavimentada que serpenteava o terreno do spa. Depois de um rápido banho, Ava viu o seu reflexo no espelho. Todos os serviços de spa do mundo não conseguiriam apagar as escuras olheiras sob os seus olhos. Mesmo assim, ela agendou uma massagem e um tratamento facial para o final da tarde. Ela tinha que fazer alguma coisa com o tempo, e não conseguia se concentrar no trabalho, nem conseguia dormir.

Quando ela rolou as mensagens de texto, ficou estranhamente desapontada ao ver que Mateo não tinha tentado entrar em contato com ela. O único correio de voz que ela tinha recebido era de Marti, dizendo que estava tudo bem no escritório. Era isso que ela queria, não era? Tranquilidade. Solidão. O escritório funcionando sozinho por alguns dias. Que Mateo se esquecesse completamente dela.

Então, por que a ideia de Mateo concordar com um rápido divórcio a enchia com uma tristeza que ela nunca tinha experimentado? Era a coisa certa a se fazer, ela dizia a si mesma. E repetiria isso tantas vezes quanto fossem necessárias para que o seu coração acreditasse. Mateo só a tinha procurado inicialmente por que sabia que o seu abuelo iria ficar feliz. Não se tratava dela. E quando ele a tinha abraçado e feito amor com ela, era só por que acreditava que juntos iriam conceber uma criança. Mas isso não era verdade. O relacionamento deles não tinha sido nada além de um favor, que provocou um mal-entendido. Eles não poderiam construir uma vida baseada nisso. Ninguém poderia.

Capítulo Dezessete

Depois da sessão no spa, onde ela foi tratada excessivamente bem, Ava passou um tempo na biblioteca, tentando se esforçar para ler algo, mas nada chamava a sua atenção. Mesmo assim, ficou numa poltrona estofada ao lado da janela, pois parecia ser um lugar seguro e isolado, além de ser bem longe do seu quarto, onde ela tinha deixado o celular. Ava não confiava em si mesma e tinha medo de ligar para Mateo. Porque, independentemente do quanto ela quisesse ouvir a voz dele, falar com Mateo não mudaria nada.

Foi lá que o gerente do resort a encontrou.

“Srta. McKenna?”, perguntou ele.

“Sim?”

“Desculpe-me interrompê-la.” Ele se apresentou e perguntou se poderia levar uma cadeira para se sentar perto dela. Uma vez sentado, ele fez uma cara pesarosa. “Eu gostaria de lhe pedir desculpas pessoalmente pelo incômodo, mas nós agendamos alguns reparos elétricos para vários quartos do seu andar. O serviço realmente precisa ser feito imediatamente, mas não vai levar muito tempo. Será que a senhorita poderia fazer a gentileza de jantar no restaurante do hotel hoje à noite, para que possamos receber os técnicos que vão fazer a manutenção?”

“É claro, sem problema”, disse Ava. “Mas acho que vou apenas querer um serviço de quarto mais tarde. É que estou viajando sozinha e prefiro evitar o restaurante.” A ideia de se sentar num restaurante cheio de casais e famílias felizes era mais do que ela poderia aguentar. Ela ia frequentemente ao restaurante, quando viajava a negócios, e isso normalmente nunca a incomodava, mas naquela noite, ela estava se sentindo muito vazia do jeito que se encontrava. “Estou bem aqui, então, por favor, pode pedir para alguém me avisar quando eu puder voltar ao meu quarto.”

O gerente sorriu simpaticamente. “Eu entendo a sua relutância, mas eu não acho que seja adequado que a senhorita jante mais tarde, pois o serviço de manutenção pode demorar um pouco mais do que o esperado. Entretanto, nós temos uma sala de jantar particular que ficaríamos mais do que satisfeitos em prepará-la para a senhorita. Eu realmente devo insistir que a senhorita venha experimentar um pouco da nossa cozinha de nível mundial”, ele a persuadiu.

Ava começou a contra-argumentar, mas logo parou. Ela não tinha a energia para resistir, e de que isso importava, afinal de contas? Se ela ficasse sentada na biblioteca ou comesse numa sala de jantar silenciosa, pouco importava. “Tudo bem”, concordou ela. “Mas antes, eu quero só ir ao meu quarto para me trocar, se não for problema.” Ela tinha percebido na noite anterior que os hóspedes costumavam se vestir bem para o jantar. Embora ela estivesse se sentindo horrivelmente triste, não tinha desculpa para ter um visual totalmente desleixado.

“Obrigado, Srta. McKenna. Eu agradeço a sua flexibilidade.” O gerente se levantou. “Ficaria bom para a senhorita se nós nos encontrássemos na recepção em meia hora? Eu posso levá-la até a sala de jantar particular.”

Ava concordou e foi para o quarto. Ela colocou uma saia reta preta e uma blusa decotada também preta com mangas três quartos. Quando passou uma camada leve de gloss nos lábios, ela achou estranho como o seu dedo parecia nu sem o anel. Ela tinha deixado o anel de ametista da Sra. O em casa, para Mateo, mas tinha colocado a aliança de casamento na carteira. Ela sabia que não a usaria, mas não conseguiu deixá-la para trás. Uma última olhada no espelho lhe provocou uma careta. Seu traje preto

inóspito a fazia parecer como se estivesse de luto. De certa forma, ela estava. Estava de luto não apenas pelo Sr. O, mas pela vida com o neto dele, uma vida que ela nunca teria.

Cumprindo a sua palavra, o gerente estava esperando por ela na recepção. Ava o seguiu, passando pela sala de jantar principal até chegar a uma porta fechada.

“Vou deixá-la aqui, Srta. McKenna, e lhe peço mais uma vez desculpas pelo incômodo e desejo que tenha uma noite bem agradável.” Ele abriu a porta para ela e depois foi para o lado, para que ela pudesse entrar.

“Obrigada”, disse Ava, mas, antes que tivesse terminado de falar, ele já tinha fechado a porta atrás dela.

Ela precisou de alguns instantes para que os seus olhos se ajustassem, pois a sala estava iluminada apenas à luz de velas. Ava deu alguns passos para a frente, como se estivesse em transe. Havia cinco mesas, e cada uma tinha um candelabro, mas apenas a mesa central estava posta. Melodias de música clássica enchiam a sala. Ava olhou para a mesa, que possuía uma ambientação com louça chinesa e taças de cristal que cintilavam com a luz de velas. Um arranjo com rosas brancas estava no centro da mesa. Era extraordinariamente adorável, mas obviamente ela estava na sala errada. Alguém tinha feito um tremendo esforço para criar um jantar romântico especial para a pessoa amada. Ava não deveria estar ali.

Ela se virou para sair.

“Ava.”

Ela congelou. Mateo. Não podia ser. O coração dela ficou pequeno dentro do peito.

“Vire-se, Ava. Estou aqui.”

Ela girou lentamente, e um homem surgiu das sombras. Ela arquejou. Era Mateo, ele estava realmente ali. Quando ele deu vários passos para se aproximar, ela procurou pelo seu rosto. O que ela viu a deixou sem fôlego. Ela colocou a mão no pescoço. “Mateo”, sussurrou ela. “Você está aqui?”

Ele sorriu gentilmente. “Eu tinha que vê-la.”

Ela não conseguia tirar os seus olhos dos dele. “O que significa tudo isso?”

Ele se aproximou um pouco mais. “Uma parte do meu plano.”

“Plano?” Ava sentiu o seu coração acelerar. Algo na voz de Mateo, a ternura que ela ouviu, era como um canto de sereia. Ela levantou as mãos e as colocou sobre o coração. “Como você me encontrou?”

“Essa parte foi fácil. A verdadeira pergunta, Ava, é como você se sente em me ver.” Ele esperou que ela falasse, mas como ela ficou calada, ele recomeçou. “Eu não queria que você sentisse que eu não respeito o que você precisa e deseja, mas depois da noite passada, depois deste último mês juntos, eu não poderia deixá-la partir sem ouvir da sua própria boca que você não queria estar comigo. Que você não se importava comigo, conosco.”

Ava esticou os braços e segurou a parte de trás de uma cadeira. Ela sentia como se estivesse andando na corda bamba. Não podia recuar. Mas podia ficar onde estava. Então fechou os olhos. A verdade era que ela estava com medo de cair e se apaixonar, com medo de amar Mateo com todo o seu coração, só para, em seguida, perdê-lo. Mas e se ela o mandasse embora? E se ela desperdiçasse a única chance de amá-lo e de ser amada por ele? E se ela desperdiçasse um futuro repleto de amor?

“Mateo, estou com medo.”

Ele deu apenas mais um passo em direção a ela. “Eu sei. E não posso lhe prometer uma vida perfeita, Ava. Mas posso prometer que vou lhe entregar o meu coração, por todos os dias da minha vida.”

“O bebê —”, ela começou a falar, mas ele a interrompeu.

“Não, isso foi um mal-entendido, e eu sinto muito por tê-la pressionado. Tudo isso foi um engano. Mas esse não é o motivo pelo qual estou aqui.”

“Não é?”

Ele balançou a cabeça. “Também não se trata do meu abuelo. Eu nunca poderei, nem mesmo em toda a eternidade, lhe agradecer o suficiente pelo presente que você lhe deu, mas ele se foi.” Ele respirou

profundamente e recomeçou, “Isso se trata de você e mim. E se você quer que haja um ‘nós’.”

Com um repentino lampejo de entendimento, Ava soube que tudo que queria nesta vida era amar Mateo, e estar com ele.

“Eu me apaixonei por você, Ava.” A voz de Mateo estava cheia de emoção. “Acho que sempre fui apaixonado por você. Tudo que sei é que, quando olho para você, eu vejo o ‘para sempre’.”

Ava sentiu uma bolha de felicidade crescer dentro de si. Ela sorriu, enquanto corria direto para os braços abertos de Mateo. Assim que estava no calor do seu abraço, ela soube que o seu coração estava em segurança. Ela estava em casa. E levantou as mãos para tocar no rosto dele. “Eu quero que nós fiquemos juntos”, ela disse a ele. “Para sempre.”

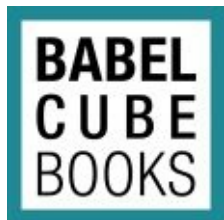
Mateo se inclinou e lhe deu um suave beijo na boca. “*Para siempre.*”

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com